

APARTAMENTOS

eduardo haak

APARTAMENTOS

(contos)

Eduardo Haak

2018

ÍNDICE

OBESIDADE MÓRBIDA	6
PECADORES.....	8
INTERNET.....	10
DIA DOS NAMORADOS	12
OS RICOS E OS POBRES	15
AR.....	18
VESTIDO DE NOIVA	20
DEMISSÕES	23
GLOTE	26
CONVITE AO PRAZER	27
CABEÇA, TRONCO E MEMBROS	30
EGOÍSMO	32
FILME BRASILEIRO	34
INCESTO.....	37
O ROSTO ROUBADO	40
EM VIRACOPOS, EM 1983	42
NO ITAIM-BIBI, EM 1982	44
RIM	50
DOMINAÇÕES	52
CLÓVIS DE LIMA.....	55
COCAÍNA.....	58
OPIOIDES.....	60
NEGOCIAÇÃO	66
INEXPLICÁVEL	68
FELICIDADE	70
MANHÃ.....	72
NA POMPEIA, EM 1991	74
APARTAMENTOS	77
O PARCELAMENTO DA DÍVIDA.....	85
LÉSBICAS	89

PRAZERES.....	92
PRAZER SOLITÁRIO	94
CU E BOCETA.....	97
CASAL	101
VISÃO.....	103
IMOBILIZAÇÃO	104
CARTAS ANÔNIMAS	106
PASSAR A MÃO	112
MEDIÇÕES	115
RENATA VAI AO APARTAMENTO DE FABIANO	118
CONSCIÊNCIA	122
SOBRE O AUTOR.....	124

OBESIDADE MÓRBIDA

O amor que não é posto à prova é um amor vacilante, assim como é duvidosa a virtude que desconhece o vício. O amor, mais do que sentimento, é compromisso integral com o ser amado. Eu amo Montserrat, apesar do tempo que passou e das modificações impostas por ele.

Quando nos casamos Montse estava alguns quilos acima do peso, o nervosismo causado pelos preparativos das bodas levou-a a comer muito. Há pessoas que buscam atenuar suas angústias comendo, outras bebendo, outras tomando drogas. Minhas inquietações eu sempre aplaquei com sexo, atos vicários praticados com mulheres de programa, algo que me dava uma euforia vazia que me deixava muito infeliz depois.

O acúmulo de adiposidade de Montse, contudo, não parou com a acomodação de nossa rotina de casados. Em menos de um ano ela havia engordado trinta quilos, suas roupas não cabiam mais, então ela foi a um desses médicos de regime. Foi a primeira de uma série de dietas fracassadas que a vi fazer. Seguiram-se a isso internações em spas, terapias com psicólogos, outras dietas, Montse emagrecia um pouco e acabava engordando tudo de novo e cada vez mais.

Sua capacidade de locomoção acabou sendo afetada e ela não saía mais de nosso apartamento. Eu ainda tentava fazê-la se sentir desejada lhe exibindo ereções e sussurrando em seus ouvidos palavras blandiciosas, não que Montse me despertasse desejo, as ereções eu obtinha artificialmente com aquele remédio, Montse tentava corresponder, talvez percebesse meu esforço e buscasse se esforçar também, o fato é que depois de um tempo acabamos desistindo, sabíamos que era tudo encenação.

Levei o prontuário de Montse a um médico que me disseram ser cobra no assunto, o doutor Heliogáballo. Enquanto folheava o calhamaço ele foi me fazendo perguntas, perguntas aparentemente despropositadas, você tem aflição de papel alumínio?, você joga futebol de botão?, até que disse, sua mulher não tem problema de tireoide, não tem disfunção hormonal, não tem trauma de vida passada, não tem trauma de vida presente, quer saber qual o problema da sua mulher? O único problema? Ela come muito.

Instalei uma câmera escondida no quarto. Montse não conseguia mais sair de lá, as portas de nosso apartamento eram todas estreitas, as janelas também, os apartamentos de hoje são todos umas merdas. Eu queria construir uma cama de alvenaria, a única capaz de aguentar o peso de Montse, mas o síndico não autorizou. Montse então passou a dormir só no colchão. Pus um vaso sanitário de concreto no quarto e uma acompanhante para ajudá-la enquanto eu passava o dia fora, trabalhando.

O que as gravações revelaram confesso que me surpreendeu. Sempre que fazíamos as refeições juntos Montse comia de modo frugal. Mas na minha ausência ingeria o tempo todo quantidades tremendas de doces, salgados, embutidos. Não conseguindo mais sair do quarto, devia dar dinheiro à acompanhante para que ela fosse comprar esses itens todos e depois jogasse as embalagens fora.

Despedi a acompanhante e tirei licença no trabalho. Revistei todo o quarto e coloquei num saco de lixo tudo o que encontrei de comestível. Montse, apesar da aflição de se ver privada de suas reservas calóricas, pareceu conformar-se com minha atitude. Eu estava determinado a resolver de uma vez por todas aquele problema. O amor é um compromisso integral com o ser amado, na riqueza ou na pobreza, na saúde ou na doença, na esbelteza ou na obesidade. Agachei-me para espiar de novo se não havia mais nenhum alimento escondido debaixo do colchão, então Montse se deixou cair sobre mim e me manteve debaixo de seus quase trezentos quilos até eu entrar em óbito por asfixia mecânica. Quando me percebeu inerte, levantou-se, pegou o saco de guloseimas e foi se sentar. Ficou ali, sentada no vaso sanitário de concreto, devorando marzipãs e olhando para o meu cadáver.

PECADORES

Saio da sacristia e entro no confessionário. Ouço confissões por quarenta minutos e concedo perdão sacramental a cinco mulheres, que agora estão sem pecado e que se morressem ao sair da igreja, atropeladas por um carro ou degoladas pelos viciados em crack que se ajuntam num terreno aqui próximo, gozariam da eterna bem-aventurança. Mas sei que ainda hoje elas cometerão novos pecados, pecados medíocres de velhas idiotas que passam o dia vendo TV. Isso me enche de desânimo, pois me dá a sensação de que o trabalho que faço é inútil.

Em doze anos de sacerdócio eu ouvi a confissão de um único grande pecado, uma jovem que me disse ter matado e ocultado o cadáver da filha recém-nascida, filha essa gerada num relacionamento extraconjugal. Creio ter conseguido aliviá-la um pouco do terrível remorso, seu arrependimento era dilacerador e sincero, aquela criatura infeliz compreendia o significado profundo da vida cristã, inclusive foi meditando sobre sua história que notei que eu também estava me tornando um pecador medíocre, um homem que aos poucos estava sendo idiotizado pelas circunstâncias, um mundo obtuso de velhas noveleiras, padres efeminados, assistentes sociais, noias, teólogos da libertação.

Vou com alguns leigos levar mantimentos e roupas para os viciados que ocupam o terreno da prefeitura colado aqui à paróquia. A degradação causada pela presença deles é patente, furtos e roubos têm sido comuns na região, a própria igreja sofreu uma tentativa de assalto. Sei que boa parte do que estamos doando, comida, roupas, itens de higiene, serão trocados por pedras de crack e sei também que muitas pessoas na cidade nos acusam de sermos complacentes com esses vagabundos que se dizem doentes, virou moda agora dizer que dependência química é doença, doença porra nenhuma, o sujeito se droga porque quer, tinha mais é que exterminar essa cambada toda, botar todo mundo no paredão e meter bala, rá-tá-tá-tá-tá-tá.

De volta à igreja recolho-me ao quarto antes de ir ouvir novas confissões. Abro o livro Juízes e leio algumas vezes o trecho em que Sansão, o décimo terceiro juiz de Israel, mata mil filisteus usando uma queixada de jumento. Meu telefone faz barulho, eu olho, é mais uma mensagem da fiel que está apaixonada por mim e que tem me mandado fotos em que aparece nua. Deleto a mensagem, fazer sexo com ela não faria de mim um grande pecador, a fornicação é um dos atos mais

mediócrez que tem, ainda mais quando praticado com mulheres insignificantes como ela.

Volto ao confessionário e ouço a confissão de uma das velhas estúpidas que passam os dias vendo TV. Concedo-lhe o perdão sacramental, então puxo minha arma de dentro da batina e disparo contra seu crânio. O tiro arranca parte do osso occipital e deixa ali um buraco por onde sai grande quantidade de massa encefálica e sangue. Olho para o corpo inerte da fiel e penso, agora eu não sou mais um pecador medíocre. E meu trabalho não é inútil, pois cumpri à risca a tarefa de salvar almas que me foi confiada.

INTERNET

Quando ficou viúva Violeta aprendeu a mexer no computador. Raul, seu marido, dizia que ela era burra e que nunca iria aprender, nem tirar carta você conseguiu, eu tive que comprar sua habilitação, lembra?, seu diploma de madureza também foi comprado, esqueça, madame, computador não é pro seu bico, quem sabe na próxima encarnação.

Violeta jamais quis dirigir, foi o marido que cismou com essa coisa de carro, as mulheres todas de seus colegas dirigiam e ele, orgulhoso, não podia ficar atrás, o diploma do supletivo também foi decisão dele, Violeta nunca se incomodou com a própria falta de educação formal, ela sempre gostou de ler, inclusive aprendeu a falar inglês sozinha.

As décadas de humilhações e maus-tratos a que Raul a submeteu, contudo, não deixaram Violeta rancorosa, ela cuidou pacientemente dele durante sua doença, com pouca ou nenhuma ajuda das duas filhas, fato que ela também encarou sem mágoa.

Passadas algumas semanas da morte do marido finalmente Violeta começou a mexer no computador. Logo entendeu como a máquina funcionava, navegador, buscador, login e senha, o conhecimento todo acumulado pela humanidade acessível a um toque de dedos, aos setenta e nove anos ela estava descobrindo o fascinante mundo da internet, seus dias passaram a ser ocupados com mensagens de e-mail, vídeos, cursos on-line.

Silmara e Sônia apareceram no apartamento, mamãe, nós queremos falar uma coisa com a senhora, desde que o papai morreu a senhora está muito sozinha, aqui, nesse apartamento, e a gente fica preocupada, sabe, a senhora não é mais nenhuma criança, e se a senhora tem um mal-estar e não tem ninguém pra socorrer?, então, nós pensamos que seria melhor que a senhora fosse morar numa casa de repouso, nós até já andamos vendo umas, tem umas ótimas, com quarto privativo e tudo, a senhora vai gostar, a senhora vai ver.

Talvez Violeta tenha feito vista grossa por muito tempo para o fato de as filhas serem pessoas más e dissimuladas. Na verdade, a repugnância que há muito sentia por elas eclodiu, numa epifania. A insistência no assunto casa de repouso significava que elas queriam vender o apartamento e dividir o dinheiro. Silmara tinha mania de comprar bolsas e sapatos, Sônia viajava todo ano para a Europa, nisso elas saíram ao pai,

o Raul só pensava em dinheiro, embora o cretino não tenha conseguido acumular muito, seus únicos bens quando morreu eram o apartamento e um sítio em Ibiúna com impostos atrasados.

O horror e o desgosto de se dar conta de que havia colocado no mundo duas criaturas tão ordinárias deprimiu Violeta, por algumas semanas ela mal ligou o computador, a prostração acabou afetando sua saúde, ela teve uma crise de angina e as filhas usaram isso como a cartada final, mamãe, definitivamente a senhora não tem mais condições de morar sozinha, semana que vem nós vamos visitar uma das casas e a senhora vai conosco.

O dia de ir conhecer o asilo finalmente chegou, Silmara e Sônia entraram no apartamento simulando entusiasmo, e aí, mamãe, vamos lá? Violeta respondeu, minutinho, deixa eu desligar meu laptop. As três saíram ao hall e Sônia disse à irmã, tem cada velho bonito lá, né Sil?, acho que a mamãe, bonitona como ela é, logo vai se enrabichar com um.

Descendo no elevador com as filhas, vendo os números mudarem no painel, Violeta pensou, a internet tem mesmo coisas formidáveis. Em sua cintura havia quatro quilos de explosivos que ela havia comprado num site não indexado pelos mecanismos de busca, *deep web*, etc. Então ela fechou os olhos, emitiu um longo e áspero som nasal e apertou o detonador.

DIA DOS NAMORADOS

Paula é dessas mulheres cuja excessiva beleza viola um pouco o princípio da realidade, Fernanda é dessas mulheres cujo magnetismo sexual atua de modo subliminar até que notamos estar completamente enlouquecidos por ela. Comprei de presente de dia dos namorados para Paula, a bela, um par de brincos de topázio e para Fernanda, a magnética, um par de brincos de ametista. Gastei a mesma coisa nos dois presentes, compensei com a quilatagem a diferença de valor entre as pedras.

Quando eu era criança meu irmão gêmeo e eu sempre ganhávamos presentes iguais, também usávamos as mesmas roupas e o mesmo corte de cabelo. Eu odiava isso tudo e senti um grande contentamento quando ele ficou careca e emagreceu, parecia que pela primeira vez na vida eu experimentava minha identidade corporal como uma coisa não usurpada, uma coisa que era minha, apenas.

Claro que precisei fazer análise, complexo de Caim é um troço sério, um problema que se não for enfrentado é capaz de liquidar completamente o sujeito, você não é culpado por seu irmão ter morrido de leucemia aos quinze anos, etc. Acho que consegui resolver essa questão, o problema que enfrento agora é outro, é o problema elementar de não poder estar em dois lugares ao mesmo tempo, dois jantares românticos de dia dos namorados, a beleza e o magnetismo, Paula e Fernanda. Não tenho mais irmão gêmeo para cogitar uma estratégia *doppelgänger*, nem sou como aqueles santos da igreja católica que tinham o dom da bilocação. Escolher uma ou outra, Paula ou Fernanda, é inviável, seria até mais factível ir jantar com as duas juntas.

Termino de almoçar e decido, vou inventar uma viagem de trabalho, uma viagem para Manaus, daqui a Manaus são cinco horas de voo, não teria como voltar a tempo para comemorar o dia dos namorados. Decido também dormir num hotel, mando mensagens para Paula e Fernanda falando sobre o imprevisto e dizendo que a região amazônica para aonde vou não pega telefone. Consulto a disponibilidade de quartos em hotéis nos Jardins e vejo que estão quase todos cheios, pacotes de comemoração do dia dos namorados, etc. Consigo, por fim, me hospedar num na Rua São Carlos do Pinhal.

O quarto é bonito e espaçoso e a vista, embora seja de um andar baixo, me dá boa impressão. Deito-me e leio alguns folhetos que estavam no criado-mudo, um que é um cardápio resumido de um restaurante

francês, *magret* de pato com pera ao vinho, *foiegras*, etc., outro sobre uma festa que vai haver hoje numa boate na cobertura do hotel, boate cujo nome e logotipo são os de uma companhia aérea já extinta.

Quando eu e meu irmão tínhamos treze anos nosso pai arranhou umas mulheres pra nós. A cidade onde estávamos passando férias não tinha motéis, então fomos com as mulheres até o aeroclube, onde havia no hangar a carcaça de um velho DC-3, no qual entramos e permanecemos por uma hora. A mulher que ficou comigo era loira, a que ficou com meu irmão era morena, as duas eram razoavelmente bonitas, bolas de vôlei idênticas, cortes de cabelo iguais, etc.

Tomo banho e decido ligar para a dona Haydée, Haydée tem um serviço de acompanhantes, sem divulgação, sem site na internet, o contato é feito por telefone e você só é admitido se for apresentado por algum antigo cliente. As garotas que trabalham para Haydée passam por uma seleção super-rigorosa, Haydée não contrata garotas que tenham tatuagens ou piercings, nem garotas que usem drogas ilegais (exames periódicos para detecção), dona Haydée, é o Maia, Roberto Maia.

Haydée me diz que hoje o staff está um pouco desfalcado, que ninguém quer passar o dia dos namorados sozinho, mas que ela vai dar um jeito de mandar alguém para mim lá por sete, oito da noite. Digo que quero pernoite, Haydée diz *oui* para fazer charme. Desligo e fico ali, deitado, pensando. Às vezes penso no meu irmão e tento imaginar de quem ele gostaria mais, da Paula ou da Fernanda, brincos de topázio ou brincos de ametista, a beleza que viola o princípio da realidade ou o magnetismo insinuante e, por fim, voraz.

Embora as garotas da dona Haydée nunca decepcionem totalmente, a última com quem saí não era lá essas coisas. E se eu pedisse duas, só pra garantir? Numa dupla a gente sempre acaba preferindo alguém. Eu já saí com duas garotas da Haydée ao mesmo tempo, as duas eram bonitas, mas tanto uma como outra tinham alguma característica física que me desagradava, uma tinha os olhos muito fundos, a outra tinha os dentes grandes demais. Peguei a que achei menos bonita e levei para a cama e disse para a outra, tire a roupa e finja que você está sendo possuída pelo fantasma do meu irmão, ela disse, o quê?, eu respondi, se encoste na parede e se toque e vá sussurrando, Marceeeelo, isso-Marcelo, ela obedeceu e tirou a roupa e começou a se masturbar dizendo, isso-Marcelo, vai-Marcelo, etc.

Dia dos namorados, Haydée com poucas meninas no staff, se eu insistir nessa coisa de duas fatalmente vai acabar vindo alguma merda, eu preciso me livrar dessa mania de duplicata, Paula e Fernanda, Monique (dentes grandes) e Nicole (olhos fundos), Roberto e Marcelo (cortes de cabelo iguais e bolas de vôlei idênticas), eu preciso esperar mais quatro horas até que a garota da Haydée chegue, a garota, una e indivisa. O que posso fazer até lá? Acho que eu vou comprar um livro e ficar lendo, Ulysses em versão mangá, sim, Ulysses do James Joyce acabou de sair em mangá, nunca consegui ler aquela merda, quem sabe agora eu consiga. Esperar, esperar, esperar, esperar, esperar, esperar. Esperar é a pior coisa que tem.

OS RICOS E OS POBRES

Fecho a janela e ponho na frente dela um colchão. O isolamento acústico não é perfeito, mas atenua um pouco os ruídos. Dois churrascos estão sendo feitos na vizinhança, num está tocando pancadão e no outro pagode. Os grupos aumentam o volume de tempos em tempos, alegando que o outro aumentou antes, a coisa acaba virando uma disputa entre cacofonia e distorção harmônica. Recosto-me na cama e abro o livro, *die vernunftprinzipien der natur und der gnade*, princípios da natureza e da graça fundados na razão. Tento ler uma página, duas, fecho, não está dando para me concentrar, hoje o barulho está pior que nos outros dias. Fico deitado, contando números em ordem decrescente até que a irritação passe.

Sou preto e pobre, mas tenho disciplina. Nunca gerei filho de bobeira (fiz vasectomia com dezenove anos), nem arruinei meus dentes ou fiquei gordo comendo porcarias açucaradas (coisa que pobre adora; aliás, a obesidade nas classes C e D já é um fato). Com pouco dinheiro é possível se alimentar bem no Brasil, vivo há quatro anos basicamente de uvas passas e amendoins, que são baratos e riquíssimos em nutrientes, flavonoides, antioxidantes, colesterol HDL, Sigmund Freud, Lucien Freud, Mark Rothko, *mímesis práxeos*, a imitação da ação segundo Aristóteles, aprendi muitas coisas quando namorei Paloma, uma garota rica cujos pais, professores universitários, achavam uma coisa progressista e politicamente correta a filha namorar um negão.

A família de Paloma tinha uma casa bacana com piscina e eu costumava passar os finais de semana lá. Nunca me impressionei com carros (outra mania de pobre), o que me chamava atenção no mundo de Paloma, além do modo silencioso como viviam, era a cortesia e o trato delicado entre as pessoas. Aqui nesse lugar se um motorista dá passagem a outro fica com fama de frouxo, tudo é barulhento, caótico, exasperado, açougues têm alto-falantes, pastores berram suas imprecações, kombis transitam anunciando material de limpeza, etc. Não é um ambiente propício para se ler Gottfried Leibniz, não é um ambiente propício para que qualidades humanas superiores floresçam, na verdade esse lugar é uma merda e nunca vai produzir algo diferente de merda, não adianta nada maestros famosos virem aqui dar aulas de graça achando que Haydn ou Mozart vão mudar a mentalidade dessa gente.

Caminho até a olaria abandonada, lugar onde tem algum silêncio. Leio durante uma hora até que perco a concentração por estar sexualmente excitado, não sei por que isso acontece, ler em alemão às vezes me deixa assim, um dia comentei isso com um amigo e ele disse, é que tu é crioulo e quando fala alemão deve imaginar que tá passando xaveco numa loirinha, ha, ha. Levanto-me e vou andando e pensando em Paloma e em como nosso namoro acabou. Seria mais cômodo eu dizer que acabou porque acabou, namoros começam e terminam como qualquer outra coisa, filmes, músicas, partidas de futebol. Mas eu sei que Paloma tinha uma visão fetichizada de mim, no fundo ela esperava que eu fosse me comportar como um chefe tribal africano, que fosse fazer com ela na cama uma espécie de justiça histórica, arrombar o cu da branquinha caucasiana com minha piroca preta de vinte centímetros, etc. (Paloma dizia que J. M.Coetzee era um reaçã.) Agora ela está em Berlim, estudando balé e provavelmente sendo enrabada por algum crioulo, algum refugiado nigeriano que trabalha como grafiteiro e DJ. Filho da puta.

Volto para casa e troco de roupa e penso nas opções que tenho, sei que esse tesão ensandecido não vai passar enquanto eu não der uma, *die vernunftprinzipien der natur und der gnade*, princípios da natureza e da graça fundados na razão, alemão é mesmo uma língua tesuda da porra. Pego ônibus e metrô e decido saltar em alguma estação da zona oeste, Vila Madalena, Pinheiros, os ricos são afeitos a espaços privativos, jamais forçam alguém a testemunhar seus hábitos, já os pobres são agressivamente promíscuos, têm mania de churrasqueira e ouvem música a todo volume, livro de Jeremias, Deus dando uma de marido traído e furioso, comparando Israel a uma prostituta, eu tirei você daquele lugar e agora você me trai idolatrando Baal, etc., cruzo a Rua Wisard e vejo um grupo de garotas que eram amigas da Paloma, estabeleço contato visual e uma delas me reconhece e sorri, vou à mesa delas e depois vamos à exposição de uma artista plástica japonesa e depois a uma festa num apartamento na Vila Buarque, festa que se transforma numa orgia, um aglomerado de corpos nus que, ao contrário da língua alemã e sua prosódia, não me deixa excitado, uma das amigas da Paloma vem até mim, me beija e diz, eu quero ficar sozinha com você, respondo que moro longe e que ela vai ter de me levar para um lugar onde eu possa dormir.

Sáimos e vamos para o apartamento dela, fique à vontade, ela diz, vou tomar banho. A amiga de Paloma é dessas falsas magras que vestidas não parecem ter curvas ou peitos grandes, ela fica de braços e pede que eu me deite em cima dela, avalio que ela é tão gostosa quanto Paloma e então

imagino que sou o canalha daquele crioulo nigeriano e que estou comendo a Paloma num apartamento na *Oderberger Strasse*. Depois que terminamos conversamos um pouco e ela diz, bom, preciso dormir, levanto supercedo amanhã, se quiser pode ficar aqui no quarto, ou então, se preferir, o sofá da sala se transforma em cama, ali naquele armário tem travesseiro e edredom.

Fico um longo tempo na cama, sem sentir o menor prenúncio de que o sono vai chegar. Levanto-me e vou ao banheiro e decido bater uma, apesar de ter gozado duas vezes com a amiga da Paloma a coisa ainda não baixou, *die vernunftprinzipien der natur*, etc. Depois vou para a sala e deito-me no sofá. Estou com dor de cabeça e vejo na estante o que parece ser uma cesta com remédios. Levanto-me, vasculho seu conteúdo e encontro uma cartela de analgésico. O prazo de validade vence daqui a um mês, Paloma me contou que uma vez estava deprimida e que tomou uma caixa inteira de antidepressivo e que só não morreu porque o remédio estava vencido. Engulo um comprimido e fico ali, no sofá, esperando para ver o que acontece, esperando que a dor de cabeça passe, esperando que o sono venha, esperando que Paloma um dia volte e me procure, esperando que amanhã faça sol, esperando uma porrada de outras coisas, *willst du hoffnung?*, esperando, esperando, esperando, esperando, sempre esperando. Esperar é a pior desgraça que tem.

AR

Diogo foi ameaçado pela ex-mulher, ou você arruma um trabalho e me ajuda com as despesas ou eu te boto na prisão.

Ela, que vem fazendo bicos como modelo, distribuindo folhetos em estande de imobiliária, ganha tão mal que até parou de pagar o plano de saúde dela e do filho.

Provavelmente nenhum juiz mandaria prender um desempregado por não pagar pensão, mas Diogo decide que já está na hora mesmo de procurar alguma coisa, seu filho não pode ficar sem plano de saúde, aí acontece o que aconteceu com a menina do Valter, ela estava com meningite e na merda do hospital do governo disseram que era resfriado.

Diogo vai a uma agência e recebe duas ofertas de trabalho, uma para ser telemarketing e outra para ser coveiro, opta por ser coveiro, coveiro pelo menos não tem que ficar o dia todo num lugar fechado.

Faz os exames admissionais, etc.

O cemitério onde vai trabalhar é daqueles antigos, cheios de mausoléis e estátuas de anjos. Quem lhe ensina os procedimentos básicos de sepultamento e exumação é um sujeito chamado Nelson. Outra coisa que Diogo logo percebe é que aquele cemitério é cheio de gatos.

A mulher do Nelson, Clóris, vem quase todo dia dar ração para os animais. Ela explica que quem abandona gatos costuma escolher cemitérios para fazer isso.

Diogo e ela começam a conversar com frequência e um dia acabam entrando num mausoléu cujo portão não tem mais tranca e cujo sepultamento mais recente ocorreu em 1971. Na quinta ou sexta vez em que isso ocorre Diogo deixa de estranhar, fazer sexo ali não é muito diferente de fazer sexo num elevador.

Num final de tarde Nelson chama Diogo para ajudá-lo a preparar uma sepultura, ele diz, vai haver um enterro amanhã às dez, preciso fazer isso agora, amanhã só venho trabalhar depois do almoço.

A caminho da sepultura, no setor mais antigo e afastado do cemitério, Nelson bate com um pé de cabra na nuca de Diogo.

Quando recobra a consciência, a primeira coisa que Diogo percebe é um barulho oco e abafado de madeira atritando com cimento e a segunda coisa que percebe é que não consegue se mexer.

Então abre os olhos e vê Nelson olhando para ele através de uma pequena janela circunscrita a seu rosto. Nelson sorri malignamente, cospe no vidro e tampa a janela, atarraxando sobre ela um plástico escuro com o desenho de um crucifixo.

Enquanto busca atenuar a aflição mantendo o corpo inerte e os olhos fechados, dada a escuridão e o espaço exíguo, Diogo pensa que o oxigênio dentro do caixão termina rápido, que a pessoa mal percebe e logo fica inconsciente, que ser enterrado vivo, portanto, não é a pior forma de morrer.

VESTIDO DE NOIVA

Dona Lígia é professora de matemática no curso supletivo.

Ela diz a Pedro, um aluno, vou te apresentar minhas filhas, acho que você vai gostar delas, já pensou, eu com um genro bonito assim?,ha, ha. Pedro, que tem vinte anos, está começando a carreira de modelo e divide com colegas um apartamento na região central, perto da Praça da República.

Vir para São Paulo era seu objetivo desde pequeno. Mas as coisas aqui têm sido mais difíceis do que ele supunha, o custo de vida é alto e os trabalhos são escassos para quem está começando na profissão. Arranjar uma namorada que seja de boa família e consequentemente ter uma casa onde poderá almoçar e jantar de graça pode ser o que Pedro chama de mão na roda.

As filhas de dona Lígia, Alaíde e Lúcia, têm dezenove anos e são gêmeas desiguais. Sendo Lúcia a mais bonita, é ela que é apresentada pela mãe, Lucinha, esse é Pedro, um aluno meu, hoje ele vai de carona conosco. Lúcia acha Pedro simpático, então eles se adicionam, começam a conversar e em pouco tempo estão namorando.

Alaíde, a irmã gêmea de Lúcia, corta um tecido no ateliê da faculdade e sente vontade de fumar.

Ela é estudante de moda e o trabalho que está fazendo se chama vestido de noiva: a desconstrução, no qual funde o conceito de vestido de noiva tradicional com elementos da Vivienne Westwood, a estilista inglesa que inventou o visual punk no século passado. Como sempre, usará a irmã, Lúcia, que é bonita e esguia, para provar a roupa e tirar as fotos.

Larga a tesoura sobre a mesa, se levanta e sai do prédio da faculdade. Vê que o céu está carregado e que não demorará muito para chover. Depender de ônibus num dia desses quase faz Alaíde reconsiderar a decisão de não dirigir. Acende o cigarro e fica parada na calçada, fumando. Um carro para no semáforo e Alaíde sem querer vê sua imagem refletida no vidro. Observar-se lhe dá sempre uma sensação desalentadora. Por que não nasceu bonita como a irmã?

O fato de ter quase vinte anos e ainda não ter tido nenhum tipo de vivência sexual exceto as que tem consigo mesma é algo que faz Alaíde se

sentir infantilizada e ridícula. Talvez por isso tudo sempre colocou apelidos nos namorados da irmã – Alucinação era o menino maconheiro da escola, Memória, o nerd superdotado, Realidade foi o primeiro namorado pra valer de Lúcia, estagiário do escritório de advocacia do pai. Agora é a vez desse sujeitinho metido a modelo. Alaíde ainda não escolheu seu apelido. Estelionato?

Alaíde faz vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três anos. Já formada, não consegue emprego na área de moda e se vira dando aulas de inglês pela internet.

Sem que ninguém saiba, continua virgem.

Estelionato (que se tornou ator e vem fazendo algum sucesso na TV) e Lúcia decidem se casar. Lúcia, para ajudar a irmã, encomenda a ela o vestido de noiva, ei, mas não vá inventar moda, hem?, não quero nada autoral, extravagante, quero um vestido de noiva comum, bonito e comum.

Alaíde faz um vestido que supõe ser tradicional, mas na prova a irmã diz, não, não, não é nada disso, não foi isso que eu pedi, você precisa parar com essa mania de querer ser artista, Alaíde, aliás, todos seus problemas se originam aí, eu sou incomum, eu sou diferente, desculpa, mas você vai ter que refazer, ou vou passar o trabalho para outra costureira.

Humildemente Alaíde faz outro vestido, copiado de uma revista americana. Enquanto o executa a palavra costureira lhe vem à mente, sim, quando eu me apresento às pessoas digo que sou estilista, mas na verdade o que eu sou mesmo é costureira. Lúcia acha o vestido simplesmente maravilhoso, viu só como você é capaz de fazer coisas de qualidade? Você podia estar rica, Alaíde, com o talento que você tem. É só querer, sabe?, pra nossa vida ir pra frente é só a gente ser mais ou menos como todo mundo, é só a gente pensar mais ou menos como todo mundo pensa.

Alaíde acorda com uma frase na cabeça, não há fracasso pior do que o sucesso errado.

Hoje é o dia do casamento de Lúcia. O vestido está no quarto de Alaíde, há alguns últimos ajustes a ser feitos.

Ela tira o vestido do suporte, o leva ao banheiro e o joga na banheira. Despeja uma garrafa de álcool e risca um fósforo. Depois, recolhe os restos carbonizados de tecido e os joga no cesto de lixo, junto com os papéis com restos de merda raspados do cu de dona Lígia, seu Gastão, Lúcia, talvez até do Estelionato.

Volta ao quarto, abre a porta do armário e se olha num espelho de corpo inteiro. Fazia cinco meses que não via a própria imagem, inclusive tendo aprendido a escovar os dentes às cegas.

Alaíde se enxerga, agora, como nunca se enxergou antes.

DEMISSÕES

Estou na praça de alimentação do shopping, almoçando. Observo um funcionário trepado numa escada, pondo um enfeite de Natal na parede. Ao esticar um dos fios, ele leva um choque elétrico na mão. Afasta-se do enfeite de modo abrupto, sacudindo a mão, depois fica olhando para ela. O sujeito vê que o observo, então termino de comer, me levanto e vou despejar os restos da bandeja num dos cestos de lixo. Desço um andar, vou caminhando por um corredor e passo por uma loja que mostra na vitrine vários aparelhos de TV. Todos estão sintonizados num mesmo programa e as imagens que surgem nas telas parecem estar levemente dessincronizadas, como se houvesse um pequeno atraso entre a aparição de uma imagem numa tela e noutra. As telas mostram, agora, um carro cuja placa tem as letras VLT, volt, voltagem. Lembro-me de uma notícia que li outro dia, que nos presídios americanos muitos condenados à morte têm preferido a execução na cadeira elétrica em vez da injeção letal, que em várias ocasiões falhou por falta de um dos componentes químicos, o que deixou os condenados agonizando por um tempo terrivelmente longo, sendo que um deles até sobreviveu à injeção. Agonizar, do grego *agón*.

Tenho uma empresa com dezoito funcionários e hoje estou sentindo a agonia da escolha, pois tenho que demitir alguém. A firma está no prejuízo, mesmo com o incentivo fiscal que tenho, mesmo com a contenção de gastos que venho fazendo há meses. A coisa realmente chegou no limite e agora só fazendo corte de pessoal. Estou entre dois funcionários, os dois são equivalentes, ambos trabalham direitinho, não faltam ou atrasam, nunca vieram trabalhar bêbados. Nenhum dos dois é especialmente qualificado, embora isso não seja um problema, as coisas que eu fabrico não exigem grande habilidade técnica ou especialização de mão-de-obra. Posso dizer que tenho uma relação razoavelmente cordial com ambos. Qual deles, então, eu vou demitir?

Não tem como se demitir alguém de forma descontraída, por exemplo, chamo o funcionário à minha sala, ponho uma máscara de presidente americano e digo a ele, tchau, tigrão, você tá fora, demitir é sempre tenso, o funcionário sempre se sente injustiçado, por mais que você explique racionalmente a situação, ele, o funcionário demitido, sempre te vê como um sacana filho da puta. Meu pai era gerente numa multinacional e uma vez levou um soco ao mandar embora um vendedor. O sujeito acabou sendo demitido por justa causa, por conta da agressão, e

então jurou que ia dar um tiro no meu pai. Outra vez um outro funcionário que meu pai fora incumbido de demitir teve um descontrole emocional e defecou nas calças enquanto implorava, de joelhos, que meu pai não fizesse aquilo, que os filhos dele não iam ter o que comer, etc. Não sei qual seria a reação dos meus dois funcionários, de um e de outro, ao me ouvir falar em demissão. O são-paulino parece ser um sujeito tranquilo, o palmeirense também parece, razoavelmente tranquilo, ambos são evangélicos, ambos são pais de uma porrada de filhos, ambos têm por volta de quarenta anos, ambos teriam, sem dúvida alguma, bastante dificuldade para arranjar outro emprego.

Desço dois lances de escada rolante, compro uma lata de pastilhas Altoids e coloco duas na boca de uma só vez. Atendo uma ligação da minha mulher. Ela diz que o carro continua com aquele barulho na suspensão; diz que está com receio de usá-lo; diz que tem que levar a mãe hoje à tarde àquele posto do INSS naquele lugar horrível cheio de viciados em crack; diz que seria um pesadelo se o carro acabasse quebrando justamente lá; diz, portanto, que vai levar a velha de Uber. Entro na fila para pagar o cartão do estacionamento, desço mais dois andares, dessa vez de escada normal, e entro na garagem do shopping. Vou caminhando até o setor H5 e vejo ao lado do meu carro um carro com a placa IOS, Iosif Djughashvili. O primeiro presente que Magali, minha mulher, me deu quando começamos a namorar foi a biografia do Josef Stalin. (Os Gulags, os prisioneiros praticando canibalismo para saciar a fome, etc.) Entro no meu carro, cuja placa é JCN, Jacinto, Jaçanã. Abro o porta-luvas, pensando, e aí, o palmeirense ou o são-paulino?

Tanto um quanto o outro tem uma ficha criminal extensa. O são-paulino cumpriu pena por roubo, extorsão e homicídio, o palmeirense foi condenado por tráfico de drogas, sequestro e também homicídio. Admiti ambos por causa do incentivo fiscal, o governo está dando um bom abatimento nos impostos para quem contrata funcionários que tenham cumprido pena de prisão, a reinserção na sociedade, a chance de um novo começo, etc. Tiro do porta-luvas minha pistola, uma Jericho, israelense, calibre nove milímetros. Observo seu pente e finalmente decido de qual dos funcionários eu vou me livrar.

Meu pai levou um soco daquele vendedor esquentadinho, mas eu levaria um tiro, ou do são-paulino ou do palmeirense, de quem eu demitisse, esses caras não levam desaforo pra casa, essa é a mentalidade deles, não engolir desaforo, portanto vou matar antes. O risco de eu ser incriminado por homicídio é praticamente nulo, bandido que aparece

morto é a coisa mais comum que tem. Sim, bandido, não existe ex-bandido, o sujeito vira evangélico, mas isso não significa nada, o sujeito faz mais um filho, o sexto ou sétimo, em sua nova mulher, a quarta ou quinta, e fica falando que se tornou um varão de Deus, mas isso também não quer dizer coisa alguma. Das dezoito pessoas que trabalham para mim, treze são ex-presidiários.

Às vezes penso em pôr fogo na fábrica com todo mundo dentro.

GLOTE

Rolf percebe que o pão com rosbife ficou parado na glote e se levanta abruptamente do sofá.

Tenta engolir, mas não consegue, também não consegue expelir, então bate nas próprias costas, sentindo a pulsação cardíaca latejar nas têmporas.

Pensa quantos minutos levaria para chegar ao pronto-socorro e olha no smartphone o ícone do aplicativo de táxi e conclui que não, que não vai dar.

A glote obstruída, se eu desmaiar agora, Rolf está sozinho em seu apartamento, de que adianta eu namorar Mônica e namorar Magali e sair com Fiorella se.

Asfixia mecânica.

Rolf cogita correr para a cozinha, talvez ingerir algum líquido, ou botar o dedo na garganta.

Vem à sua mente aquele filme que o computador diz, sinto minha mente se esvaindo, *stop david*, tenho medo, e depois vem à sua mente a prece ave-maria, cheia de graça, senhor é convosco, convescote, Rolf não consegue respirar e pensa, morrer asfixiado não, então corre até a sacada do apartamento e se joga do quarto andar e seu corpo bate no toldo de lona da entrada do prédio e o impacto faz o pedaço de pão com rosbife ser expelido da glote e Rolf, sem qualquer luxação ou fratura, enfim traga para os pulmões uma longa lufada de ar.

CONVITE AO PRAZER

Marcela me deixou um recado na rede social, eu quero te ver hoje.

Olho as fotos dela, a mulher quando não é muito bonita aparece nas fotos fazendo sempre a mesma pose facial caricatural, Marcela entretanto expõe o rosto com a franqueza das mulheres que sabem, que são bonitas e, fotogênicas.

Eu, que me chamo Judas Biglione, falo fazendo essas, pausas, isso irritava minha ex-mulher, ela dizia que eu parecia um, retardado falando assim, ponto.

Fiz clareamento dentário em Marcela, ela preencheu a ficha de dados pessoais dizendo estado civil casada, nunca mais tive qualquer coisa com mulher comprometida desde que fui mantido doze horas em cárcere privado num apartamento no qual só havia dois objetos, um alicate de castração e um livro do Isaac Babel, um escritor judeu ucraniano que se meteu a comer a mulher do chefe da polícia secreta soviética e acabou fuzilado.

Dou uma de desentendido e respondo perguntando se Marcela está com algum problema nos dentes.

Ela escreve, isso, aquele implante que eu te disse que está meio alto, acho que precisa dar uma lixadinha, vou estar perto do seu consultório no final da tarde, tem como me encaixar, ponto de interrogação.

Não me lembro de Marcela ter falado em implante. Ela, que é casada com um bicheiro, poderia ir a esses dentistas que cobram uma fortuna e que têm consultórios nesses prediões com fachada espelhada que dá pra ver das janelas o Parque do Ibirapuera inteiro, mas por alguma razão ela resolveu cismar logo comigo.

Vou até a mesa da minha secretária e pergunto como está a agenda hoje, ela fala o nome dos pacientes e os horários, digo para desmarcar todos a partir das dezesseis horas, a senhora pode ir embora mais cedo, dona Viviane, vou receber meu contador, estou com umas dúvidas sobre o imposto de renda.

Viviane diz, o.k., quer que eu remarque as consultas, ponto de interrogação.

Sim, pode remarcar, respondo.

Viviane tem um português impecável, usa o presente do subjuntivo, remarque, odeio aquelas pessoas que dizem, quer que eu remarco?, sua foto na rede social é de quando ela era quinze anos mais jovem e trinta quilos mais magra, as melhores secretárias são assim, gordas e velhas, já tive secretárias jovens e bonitas e só tive problemas.

Atendo três pacientes e finalmente fico sozinho.

Meu consultório fica numa sobreloja, Dr. J. Biglione, Cirurgião Dentista, uso a abreviação jota, Judas é um nome nefasto, uma vez vi na TV um programa sobre dois irmãos que tinham sido batizados pelos pais de Calígula e Hitler, ponto. Venho sentindo uns cheiros estranhos aqui no consultório, parece meio cheiro de produto químico, aqui embaixo tem um restaurante, um desses restaurantes furrecas que servem almoço comercial, tudo aqui está caindo aos pedaços, vencendo o contrato vou procurar um lugar melhor, eu tive de apertar o cinto por causa do meu divórcio, a coisa entrou em litígio e eu me estrepei, perdi apartamento, carro, etc.

O interfone soa, destravo a porta.

Marcela sobe a escada e vejo que ela está com uma blusa transparente, dizem que o marido da Marcela, o tal bicheiro, uma vez obrigou um cara a tomar laxativo e então botou o sujeito numa daquelas cadeirinhas do teleférico de São Vicente, tudo isso só porque o sujeito disse bom-dia pra Marcela, Marcela e sua blusa transparente e seu sutiã preto e seu pescoço longo modiglianesco e sua calça também meio transparente, mulher quando quer ser sacana não tem pra ninguém, fodam-se alicate de castração, cárcere privado, Isaac Babel.

Conduzo-a à sala de atendimento e pergunto, qual dente você está sentindo que está alto, ponto de interrogação.

Ela diz, eu examino, é, está um pouco saliente mesmo.

Pego a broca e desgasto a superfície, depois faço o teste de mordedura, acho que agora está o.k.

Marcela então me agarra e me dá um beijo na boca.

Tiramos as roupas e ajusto a cadeira numa posição para facilitar, ponho a camisinha e entro em Marcela.

Estou quase gozando e sinto o consultório tremer, uma explosão, sim, as luzes se apagam e uma parte do teto desaba sobre nós, vazamento

de gás no restaurante, aqueles cheiros esquisitos todos que eu vinha sentindo, etc., uma viga de madeira nos imobiliza, eu e Marcela, nus, na posição de cópula. Os bombeiros chegam e começam a trabalhar e apesar da seriedade deles a situação é cômica e sei que a imprensa vai noticiar tudo de modo sensacionalista e o marido de Marcela vai saber e eu penso na história do cara que cagou nas calças no teleférico de São Vicente só porque deu bom-dia a Marcela e eu noto que não estou sentindo minhas pernas, devo ter tido alguma fratura na coluna vertebral, sim, devo estar parálítico e agora vou ter que andar de cadeira de rodas pro resto da vida e o marido da Marcela um dia vai me pegar e vai me amarrar na cadeira e aí vai me levar até a beira de uma piscina e aí ele vai dizer, ô Iscariotes, agora tu vai brincar de corrida de cadeira de rodas subaquática, e aí ele vai me empurrar na piscina e eu vou ficar lá, glub, glub, glub, submerso, e minha vida toda vai passar diante de meus olhos como se fosse um filme, um filme, fodam-se Isaac Babel, cárcere privado, alicate de castração.

CABEÇA, TRONCO E MEMBROS

Ao despertar, a primeira coisa que Joan percebe é que Neide não está na cama e a segunda coisa que percebe é que suas costas estão doendo. Tenta erguer o tronco dobrando e impulsionando as pernas, mas acaba por se levantar de lado, de modo cauteloso. Os ponteiros do relógio informam que o dia ainda está razoavelmente abastecido de minutos a serem gastos, a TV mostra um retângulo no qual está escrito sem sinal, então Joan vai até o cabide onde seu casaco está pendurado e pega um anti-inflamatório. Já é a terceira vez na semana que toma esse tipo de medicamento, ele sabe que tem de parar, o abuso de anti-inflamatórios está relacionado à falência dos rins, outra coisa que Joan sempre diz que nunca mais vai fazer, mas sempre acaba fazendo, é dormir em hotéis com mulheres semidesconhecidas.

Pega no frigobar uma garrafa de água e engole o comprimido, depois vai até a janela e fica desenhando no vidro embaçado, um retângulo, uma elipse, um número nove. O ar-condicionado foi regulado para que ele e a tal mulher que lhe foi apresentada pela irmã pudessem ficar sem roupas e sem cobertores. O frio nesse ano está intenso, a previsão era de que a temperatura nessa madrugada fosse chegar a zero grau. Você vai gostar da Neide, ela é bonita e tem um tremendo senso de humor, foi assim que a irmã de Joan disse. Ele respondeu que nem a mulher mais espetacular do mundo seria capaz de redimir um nome horrível como Neide, e que senso de humor em geral nada mais é do que um salvo-conduto para as pessoas se comportarem abusivamente. A despeito disso, Joan acabou indo se encontrar com a Neide.

A necessidade de escovar os dentes leva Joan ao banheiro. Ao abrir a porta imediatamente ele vê, atrás do vidro fosco do box, o contorno de um corpo feminino, vestido, pendurado pelo pescoço com um cinto. Um corpo enforcado. Joan recua em pânico e sai do apartamento. Desce até o lobby do hotel e observa uma boutique sendo montada, vitrine, manequins, caixas de papelão. Pensa, e se suspeitarem de mim por algum motivo? Neide. Tremendo senso de humor. Etc. Nunca dá pra saber o que vai pelo íntimo de ninguém, sobretudo essas pessoas que têm um tremendo senso de humor. Joan decide telefonar para a ex-mulher, o atual namorado dela é criminalista, mas a chamada cai na caixa postal e ele decide não deixar recado. Toma o elevador de novo e volta ao apartamento. Alguma decisão precisa ser tomada, se demorar mais um pouco seu comportamento de fato parecerá suspeito.

Decide procurar algum bilhete que Neide possa ter deixado e, sentindo horror e repulsa, abre a porta do banheiro e empurra o vidro do box. O cadáver está de costas para ele, com roupas exageradamente grandes que não deixam nenhum trecho da pele visível, inclusive as mãos. Joan o toca e sua expectativa é contrariada ao sentir a rigidez artificial do conjunto formado por cabeça, tronco e membros, conjunto também inesperadamente leve. Na superfície plástica do rosto está escrito com caneta marca texto, enganei o bobo, ha, ha, e num dos bolsos das roupas exageradamente grandes Joan encontra uma carta: Juan, *mi amore*, esqueci de avisar que eu tinha dermatologista hoje cedo, então saí e deixei você nanando. Mas antes resolvi fazer essa brincadeirinha contigo, pedi um manequim emprestado numa loja que estão montando lá embaixo e, *voilà!* Espero que você não fique bravinho. Quando descer para fazer o check out devolve o manequim, tá? *Mille baci, mille baisers*, mil beijos.

EGOÍSMO

Fiz aniversário e minha namorada me deu um vale-caricatura, um artista inventou esse negócio, você chega ao ateliê com o vale e ele te caricaturiza.

Ir até o Ipiranga em troca de um desenho?, pensei, mas acabei ficando curioso.

Meu pai dizia que mesmo as pessoas que dizem não ser curiosas sempre têm curiosidade sobre si, especialmente a respeito de como os outros as veem.

Nunca ninguém havia feito minha caricatura.

O artista me recebeu, firmeza aí?, só me dá dez minutinhos que estou terminando um *job*.

Esperei folheando uma Veja, então ele me chamou e pediu para eu me sentar num banco amarelo, de plástico.

Enquanto me desenhava fiquei tentando me lembrar com quem ele se parecia, até que consegui, era um ator antigo da TV, um que às vezes trabalhava nos Trapalhões.

Sabe como descobri esse meu capacitamento artístico, sir?

Não, respondi.

Foi na Santa Marcelina. Fiz um ano de *pussyland*, depois o dinheiro extinguiu-se, como os dinossauros, e as freirinhas não me deixaram fazer rematrícula enquanto os débitos não fossem quitados. Vê se pode. Aí existia uma colega, a Jussara, feia de corpo, bonita de cara, que decidiu me dar uma força e pagou por uns rabiscos que fiz dela. O caso é de taquicardia, tum-tum-tum, mas ninguém, ninguém mesmo desenhava porra alguma lá na facul das freirinhas mercenárias de cristo. Aí, no *mouth a mouth* e graças à vaidade e a concupiscência das mulheres, meus desenhos caricaturais foram ficando muito famosos. Eis o vosso aqui, sir.

Ele me estendeu um papel.

Gostei do desenho, apesar de minhas orelhas terem sido ressaltadas de modo exagerado, mesmo para uma caricatura.

Voltei para casa pensando em como Regina teve a ideia de me dar um presente como aquele.

Ela deve ter ouvido falar de um artista que estava à beira da mendicância e sentiu pena dele. Outro dia ela fez uma reunião em casa para que uma amiga desempregada vendesse perfumes.

Regina é jogadora de vôlei e tem uma fragilidade num dos joelhos que logo a fará parar de jogar.

Quando isso acontecer, provavelmente ela voltará a morar com os pais, em Jundiaí. Talvez se especialize em fisioterapia e, com alguma sorte, talvez até consiga arranjar emprego num spa.

Talvez o momento de eu chutar Regina da minha vida tenha chegado. Talvez eu devesse arranjar uma mulher nova, de quem eu possa me alimentar do vigor da juventude. Velhice é um troço mais contagioso que aids.

As mulheres acusam os homens de egoísmo, mas quando um homem abandona o egoísmo elas perdem a capacidade de adoração, passam a sentir ternura e piedade, e isso quer dizer desinvestimento libidinal, *africa addio, the end*.

Fui para o Dive.

Sempre achei aquele neon amarelo numa parede de tijolos, *great times are coming*, um vaticínio.

Lá estava Gabriela, sentada num sofá, de pernas cruzadas, guardiã do próprio limiar contra homens indecisos e fracos, olá.

(Olá é uma espécie de tiro de meta que cobramos no campo da sedução.)

Sáímos do Dive e fomos a um motel. Sempre que vou para a cama com uma mulher pela primeira vez tenho uma sensação de ventania.

Voltei para casa, dormi por onze horas e acordei, não sei por que, pensando na caricatura.

Fui pegá-la, observei-a e então tudo ficou claro.

Tum-tum-tum, taquicardia.

Gabriela, 1993, guardiã do próprio limiar, não poderia salvar Gustavo, 1975, do que aquele desenho representava, Rogério Ceni errando pênaltis, Daniel Craig errando tiros, Regina errando saques.

Sim, aquele desenho me deu uma certeza bruta de que não era mais o jovem que supunha ser.

Como um desenho pode ser tão revelador?

Tomei banho, fui tomar café no Le Pain Quotidien, telefonei para Regina e caiu na caixa postal, liguei de novo e caiu de novo na caixa postal, eu estava começado a me sentir desesperado e precisava dizer imediatamente a Regina que a gente precisava se casar e que eu a amava mais do que todas as coisas. Eu não sabia que envelhecer é tão súbito, que é como estar num desses calmos exercícios de evacuação feitos pela brigada de incêndio e de repente se ver em pânico ante uma combustão real e fora de controle.

FILME BRASILEIRO

Está passando um filme brasileiro na TV. O filme é antigo, sua imagem é fosca, com excesso de granulação, etc. Você não reconhece o ator em cena, que usa um paletó xadrez e uma calça de tergal lilás. São duas e catorze e você vai à cozinha fazer café.

Talvez porque esse filme brasileiro, feito em 1977, seja uma espécie de ruína, daí que não faça diferença deixar de ver duas ou três cenas (toda ruína é descontínua), você fica na cozinha esperando a água esquentar. Você abre o armário, pega a lata de café e descobre que o pó acabou. Então desliga o fogão, despeja a água na pia e a dilatação repentina do aço provoca um barulho, blam.

De volta à sala, você se deita no sofá. Você se sente relaxado, distendido. Ou não? Talvez o que você esteja sentindo seja aquela agradável indiferença que ainda não degenerou em tédio. Ou aquela sensação de estabilidade que dá quando você se livra de um aperto. Ou aquele senso de autossuficiência que ocorre quando você deixa de sentir curiosidade por algo ou por alguém.

O filme agora mostra o sujeito da calça lilás deitando-se com uma mulher de penhoar ao som de uma daquelas músicas clássicas feitas com sintetizador, *hooked on classics*.

Seu telefone faz barulho, é a mulher-nascida-em-1968-mas-que-ainda-está-gostosa perguntando se você está acordado. Você digita a resposta, estou. Ela escreve, então vem tomar um café comigo, saí do plantão agora, dei uma parada naquela padaria. Você pensa no que provavelmente vai acontecer se for encontrá-la: vocês irão para o apartamento dela, etc.

Além da 1968, pode-se dizer que atualmente você tem situações ativas com a advogada-presbiteriana-nascida-em-1985-que-quer-se-casas; com a o.k.-você-venceu-batata-frita-nascida-em-1982; com a Tom-Cruise-nascida-em-1990. Mas sua relação com a 1968 é especial. Talvez porque vocês sejam feitos do mesmo tipo de matéria, das mesmas angústias e ausências, da mesma urgência não declarada. O declínio é parte constitutiva de vocês dois: das pessoas nascidas em 1971, 94,7% ainda estão vivas; das de 1970, 93,2%; de 1969, 92,6%; de 1968, 92,1%.

Você pega a chave da moto, o capacete e sobe até o Sumaré. O lugar onde a 1968 está te esperando fica ao lado daquele prédio que não é mais da MTV.

Essa região sempre faz você pensar numa comissária de bordo que você namorou quando tinha vinte anos. Ela, que era bem mais velha que você, costumava ficar furiosa porque você sempre trocava as pilhas gastas de seu walkman pelas pilhas novas dos controles remotos dela.

Você entra no restaurante e logo vê 1968-que-ainda-está-gostosa sentada a uma mesa. Você anda até ela, a beija e diz, e-aí-como-está, sem fazer inflexão de pergunta. Você pede um café e uma água. Enquanto 1968 vai ao banheiro você observa dois sujeitos, não muito mais velhos que você, mas já bastante desgastados. O que está pior usa um corte de cabelo que não se sustenta mais por causa da escassez de fios, o que dá ao conjunto cabeça-cabelos uma impressão de incongruência. O outro, cujo cabelo também está ruim, com uma opacidade causada por excesso de tintura ou loção, ri e diz, gostou, hem? Eu também tenho minhas boas ideias.

Você e a 1968 saem do restaurante e descem até a Rua Iperoig. Ela mora num prédio de três andares, antigo, sem elevador. Enquanto você sobe a escada atrás dela, você pensa que talvez vocês sejam um para o

outro algo como fantasmas com cuja aparição podem contar. Você sempre gostou de coisas ambíguas, fronteiriças entre o existente e o não existente. Você sempre gostou de pensar em si mesmo como uma assombração.

Há isotônico de tangerina na geladeira de 1968 e você pega um. Ela vem do quarto com uma toalha pendurada no ombro e diz, fica à vontade, vou tomar um banho.

Mas antes de ir para o banheiro 1968 se senta no braço do sofá e diz, olha, Edu, tem uma coisa que eu preciso te dizer. Eu acho que é a última vez que a gente vai ter um encontro com essas... características.

Características, você repete, com inflexão de pergunta.

Eu estou me relacionando. É um homem mais velho que a princípio eu achei que não ia dar em nada. Mas acho que eu estou começando a gostar mesmo dele.

Você dá um gole no isotônico. Das pessoas que nasceram em 1967, 91,6% ainda estão vivas. Das de 1966, 90,2%. De 1965, 88,4%.

É isso. A lógica das coisas entre nós foi sempre mais ou menos essa, não?, ela diz.

Você não tem muita certeza sobre o que ela quer dizer, mas como não ter muita certeza sobre o que Mariana quer dizer sempre fez parte da lógica desse namoro-fantasma de vocês, você se limita a dizer, realmente.

Mariana se levanta, vai ao banheiro e tranca a porta. É a primeira vez que você a ouve trancar a porta para tomar banho.

INCESTO

Meu pai quando jovem declarou ter feito sexo com a própria mãe.

A entrevista saiu num jornal de grande tiragem, o que fez dele uma das personalidades públicas mais discutidas da época. Ele era então o Nono, vocalista e líder da banda pós-punk Os Numerais.

Embora eu já fosse nascido, não tenho lembranças dele assim, tocando, com o cabelo laranja, etc. Os Numerais acabaram em 1990, depois ele formou outra banda, Henrique e os Cimentos Ilícitos, mas esse segundo grupo não teve sucesso nenhum.

Conheci a história do incesto aos doze anos, mais ou menos na época em que voltamos a conviver. Meu pai passou anos se tratando, dependência química, surtos psicóticos, etc. Morei com meus avós, pais dele, durante esse tempo todo.

Aliás, fui registrado como filho natural de meus avós, por razões que não vêm ao caso aqui.

Estou agora no escritório do doutor Hermógenes, advogado especialista em direito de família e de sucessões. Como meu pai é interditado judicialmente e sou seu tutor, todos procedimentos burocráticos relativos à execução do testamento de minha avó correram por minha conta. Ela morreu em agosto, sendo eu e meu pai – legalmente meu irmão – seus únicos herdeiros.

Observo, por uma das janelas da recepção, um sujeito que conversa com um dos manobristas do escritório. Ele tem uns quarenta anos e, embora esteja usando um terno de boa qualidade e no geral tenha uma boa aparência, há algo nele que me faz pensar nessas pessoas que de um dia para o outro aparecem pilotando as SUVs da prosperidade súbita e suspeita.

Senhor Jonas Negri Filho?

Olho na direção da voz, que é da secretária do doutor Hermógenes. Ela me sorri e diz para acompanhá-la.

Sou levado à sala do causídico, que me cumprimenta e indica a cadeira onde me sento.

Foi ele, Hermógenes, quem leu há algumas semanas o codicilo de minha avó: eu, Senhorinha Pola Negri, de posse do meu perfeito juízo e livre de qualquer coação, pelo presente instrumento exaro minha última vontade, para determinar o seguinte, dois pontos. O constrangimento com a leitura daquela terrível peça testamentária envolvendo nomes próprios e destinações de objetos pessoais de pouco valor foi contornado por Hermógenes com tato e elegância, ao contrário das testemunhas, que reagiram com um silêncio excitado, ignóbil, cruel.

Hermógenes me estende um envelope e diz, está tudo aí dentro, em todo caso confira, se assim desejar. Sua mesa é coberta por um vidro sob o qual há fotos de crianças, adultos, noras, genros, filhos, netos. Hermógenes é um velhão solene que usa abotoaduras e cujo cabelo é tão rígido que dá a impressão de que quebrará se for tocado. Hermógenes é uma trepada ocorrida em 1953 que se locomove e fala, *ambulare et loqui*.

Estive pensando, sabe?,ele diz, pressionando um lápis com uma guilhotina de cortar charuto.

Fico olhando para ele, esperando o que vai dizer.

Eu leio a bíblia, sabe?,todo dia, desde os meus longínquos vinte e dois anos. E não me canso de admirar aquelas genealogias.

Hermógenes empunha o conjunto lápis-guilhotina como se fosse uma arma, um revólver que estivesse contemplando antes de levá-lo à têmpora.

É, aquelas genealogias. Adão gerou Sete, que gerou Enos, que gerou Cainã, que gerou Maalaleel, que gerou Jerede, que gerou Enoque, que gerou Matusalém, que gerou Lameque, que gerou Noé, que gerou Sem, Cão e Jafé.

Ele deixa de torturar o lápis, deixando-o cair sobre a mesa, e diz, bem, bem, muito bem. Talvez você esteja querendo saber aonde quero chegar com isso tudo.

Faço um gesto que talvez signifique sim-estou-muito-curioso-etc.

Pois bem. O que eu quero dizer é que no fundo não há, entende?,não há separações. Não existe o nós e o vocês. Somos todos... figurinhas do mesmo álbum.

Despeço-me dele com um aperto de mão. Saio de sua sala e atravesso a recepção, onde a recepcionista está tendo uma conversa blandiciosa com aquele sujeitinho da SUV e do terno invocado.

Chego à rua.

Respiro fundo algumas vezes, tiro do bolso meus óculos de sol, limpo as lentes na barra da camisa. Pego o telefone para chamar um táxi, mas antes decido caminhar um pouco.

Talvez eu vá até onde ficava nossa antiga casa, outro dia vi pelo *Google street view* que ela foi demolida. Desde 2003 não passava por essa região.

Ainda temos alguns parentes aqui. Nossa família é cheia de epiléticos, esquizofrênicos, oligofrênicos, meu pai não foi o primeiro caso de loucura. Acho que é por isso que minha mãe-avó sempre foi tão preocupada comigo, tão atenta a qualquer oscilação de humor que eu tivesse.

Chamo o táxi e decido ir para a Paulista. Desço do carro e ando até um hotel que sei que tem uma tabacaria, onde compro uma guilhotina de cortar ponta de charuto. Trata-se de um objeto de dez centímetros que tem no centro um orifício por onde se deslocam duas lâminas, em sentidos opostos. As lâminas são acionadas por um disparador e são mantidas em suspenso por uma trava. Vou ao banheiro ali do lobby, entro numa das cabines e desço as calças. Penetro meu pênis no orifício da guilhotina, orifício que é mais largo do que o da peça do Hermógenes, o advogado. Fecho as calças e saio da cabine e caminho na direção do espelho. Não me esquivo do olhar que a imagem refletida fixa em mim, um olhar mau, consanguíneo, cortante.

O ROSTO ROUBADO

A primeira peça que Cecília fez foi aos quatro anos, na escola. Em seguida começou a aparecer na televisão, em comerciais de brinquedos, de bancos, de lanchonetes *fast food*. Sua presença na mídia foi contínua até o começo da puberdade, quando seus pais decidiram que ela deveria estudar interpretação a sério e a matricularam numa renomada escola de atores. Talentosa e disciplinada, Cecília se tornou uma promissora atriz juvenil, fazendo aparições em novelas e filmes. Um diretor escalou-a para o que viria a ser seu primeiro papel de relevo. Contudo, a poucas semanas do início das gravações, seu contrato com a TV foi cancelado.

Um duplo homicídio, cometido por uma jovem da alta classe média contra os pais enquanto estes faziam sauna (trancou-os lá, elevou a temperatura a setenta graus, etc.), dominou os noticiários da época. O rosto da jovem e bela assassina dava às pessoas que o viam na TV uma incômoda impressão de familiaridade, era um rosto que parecia já ter sido visto muitas vezes, mas onde, quando, em que circunstância? Foi o namorado de Cecília que fez a conexão, sabe por que os caras da TV te vetaram?, porque você é parecida com essa garota que matou os pais. Agora você vai ter que esperar esfriar esse assunto, enquanto essa fulaninha for notícia e enquanto o povo não esquecer a fuça dela, ninguém vai te oferecer trabalho.

De fato Cecília era muito parecida com a moça que matou os genitores, que foi condenada à pena máxima de prisão. E de fato as coisas ocorreram conforme o namorado previu, tendo a carreira artística de Cecília entrado num estado de suspensão a partir daquilo tudo. O modo que Cecília encontrou para não ficar parada foi prestando vestibular para Rádio e TV, além de continuar atuando em peças de grupos semiprofissionais.

A assassina, em vez de cair no esquecimento, foi se tornando uma figura cada vez mais famosa, sendo constantemente alvo de reportagens sensacionalistas, médium psicografa mensagem dos pais da Patricinha Assassina, Filha, Nós perdoamos você, etc. Cecília se formou, viveu um ano na Europa, voltou ao Brasil e arranhou um emprego sem qualquer relação com artes dramáticas. Seu rosto e seu tipo de beleza adquiriram uma aura maldita, acabando por penetrar no inconsciente público como símbolo de abominação e perversidade.

O desejo de realizar sua verdadeira vocação, a de representar papéis, teve ainda um último e fracassado impulso, quando ela fez teste para o papel de uma bêbada ninfomaniaca de meia idade que diz sempre ter dependido da bondade de estranhos.

Ao contrário do da Patricinha Assassina, que em plena meia idade tornou-se atriz pornô, fato ao qual a imprensa deu bastante cobertura, o envelhecimento foi precoce e atroz com Cecília. Aos cinquenta tomou a decisão de nunca mais olhar a própria imagem refletida em espelho ou em qualquer superfície envidraçada. Baniu de casa também os utensílios metálicos em que pudesse acabar se enxergando. A decisão, que deveria durar décadas, não durou nem cinco dias.

Comprar uma arma e descobrir onde a Patricinha Assassina morava não foi difícil.

Cecília efetuou quatro disparos contra aquela que lhe roubou o rosto e a condenou a ter uma vida obscura, dois desses tiros sendo transfixantes e mortais. Não evitou ser presa pela polícia, nem se incomodou com o fato de a imprensa, nas reportagens sobre o crime, ter dado todo o destaque à assassinada, e quase nenhum a ela.

EM VIRACOPPOS, EM 1983

Vimos buscar meu pai em Viracopos. O dia ainda não clareou e a temperatura está em seis graus. Meu primo acende um cigarro enquanto cruzamos um corredor cujos pontos comerciais estão todos vazios. Olho pela porta de aço de um deles e vejo no chão jornais e uma lata de tinta. Meu primo assopra a fumaça e diz do nada, como se concluísse, assentisse, asseverasse algo, é isso aí, boneco. Antes ele me chamava de meninão, depois viu na faculdade um filme em que um sujeito chama o outro de boneca do negrão e passou a me chamar assim, de boneco.

Parece não haver ninguém em Viracopos além de nós. Passamos de novo pelos telefones e empurro o lugar de devolução de fichas pra ver se tem alguma. Meu primo se senta num dos bancos do saguão, põe os óculos espelhados O Buraco da Fechadura e eu vou ao banheiro. Estou sentindo taquicardia e vem à minha cabeça de modo insistente o trecho de uma música que eu cismeiei que está errado, já não é nem mais a sombra, da menina embaraçada? empertigada?, na saia da mamãe. Meu primo e eu tomamos remédio de regime para não dormir. Estamos em 1983 e em todas as casas há frascos com anfetaminas de regimes abandonados por nossas mães e irmãs, o que talvez explique as constantes irrupções de violência em lugares públicos, brigas em fliperamas, rachas com acidentes fatais, etc. Na porta de uma das privadas há um adesivo rasgado, Lula 82 Governador, no qual alguém rabiscou com uma esferográfica falhando, de baiano basto eu.

Volto ao saguão e também me sento. Meu primo diz, bafejando contra as mãos, eu não sei do que vou morrer primeiro, boneco, se de tédio ou de frio. Digo que meu coração está saindo pela boca e pergunto se o efeito da anfetamina demora para passar. Cogito que quando voltar a São Paulo vou comprar Valix, estamos em 1983 e calmantes são vendidos em qualquer farmácia sem receita. Meu primo diz que vou ficar assim para sempre, agora já era, boneco, entraste numa viagem sem volta, ha, ha.

Um DC-8 da Japan Air Lines liga os motores e vamos até um vidro observá-lo, porém o barulho e a demora para haver qualquer movimento faz com que nos afastemos dali. Andamos de novo pelo corredor dos conjuntos comerciais vazios e vejo que há uma revista Club junto aos jornais e à lata de tinta. Digo ao meu primo e ele pega um rodo e a puxa para fora. Molhamos a revista num bebedouro e arrancamos as páginas

de nu frontal e sexo explícito e grudamos nas pilastras de concreto armado do corredor, chegamos ao saguão e botamos uma foto no balcão da companhia aérea que está trazendo meu pai dos Estados Unidos.

Um servente aparece e vê a foto e olha para nós e meu primo diz, esse povo de Campinas é tudo tarado, não é?, tudo moralista da boca pra fora, tenho um monte de tias aqui, todas casaram grávidas. O servente arranca a foto sem dizer nada, entra no corredor e faz o mesmo com as outras páginas que grudamos. O avião japonês aumenta o barulho e começa a se movimentar e meu primo diz, vamos fazer uma aposta?, aposto um barão que esse DC-8 vai explodir na decolagem. A ideia de fazer uma aposta dessas a princípio me choca, mas não consigo articular uma objeção e precisamos nos distrair com alguma coisa.

Sáímos para a parte externa do aeroporto. Meu primo acende outro cigarro, na ilusão de que a fumaça inalada diminuirá seu frio. O barulho do DC-8, um jato de primeira geração, é tão forte que dá a sensação de que está sendo acelerado dentro de nós, e essa sensação de força e imanência faz meus olhos se encherem de lágrimas, o que disfarço, simulando um bocejo.

NO ITAIM-BIBI, EM 1982

Gato me diz que estamos perdendo a capacidade de discriminar cheiros. Ele, que é o primo com quem mais me dou, veio me buscar no aeroporto com a Alfa 2300 que foi do meu pai e diz, num tom debochado e apocalíptico, São Paulo é um cadáver insepulto, essa cidade fede, dióxido de enxofre, sulfatos, um rio que cinquenta por cento é merda e os outros cinquenta são dejetos químicos, a gente precisa sair daqui o quanto antes, meninão. Penso no que ele acabou de dizer, uma cidade decomposta, habitada por vermes, e me lembro do cheiro de óleo de amêndoas que tinha no corredor do prédio da minha avó, em Curitiba. Penso também na carta que um outro primo, o Guido, me mandou, dizendo que ele está morando numa cidade perto da Iugoslávia, que ele atravessa a fronteira para abastecer o carro, que a gasolina subsidiada pela União Soviética custa dez vezes menos. Não entendi tudo o que ele escreveu, metade da carta estava em italiano, mas deduzi que há uma base militar próxima à cidade e que duas vezes por ano a defesa civil faz exercícios de evacuação para o caso de um ataque nuclear. Os outdoors na Avenida Bandeirantes estão todos com propagandas políticas, Jânio, Reynaldo de Barros, Montoro 5 vice Quéricia. Coloco meus óculos O Buraco da Fechadura e pergunto ao Gato se posso ligar o ar condicionado.

Chego em casa e toco a campainha, mas ninguém atende. Levanto o capacho, pego a chave e abro a porta. Sinto um cheiro atenuado de perfume feminino, não sei se da minha mãe ou da Berenice, e vou até o quarto, onde desfaço a mala. O reencontro com objetos familiares – o pôster do Antonio Peticov, que mostra uma escada em que cada degrau tem uma cor, minhas revistas, o aparelho de som –, tudo isso me dá uma sensação quase eufórica. Recosto-me na cama e lembro-me de que Fiorella pediu para eu ligar assim que chegasse. Nessas duas semanas a gente se falou a cada três ou quatro dias. Cogito que se eu ligar ela vai querer me ver hoje. Tiro a carteira do bolso de trás, que está me incomodando, e aproveito para esvaziar os outros bolsos: autorização do juizado de menores, passagem, duas notas de duzentos, um maço de cigarros amarrotado, um isqueiro.

Fiorella diz que quer ir ao planetário e me pergunta se já fui. Vou pegá-la evitando avenidas, essa foi a condição que meu pai impôs para

deixar que eu usasse o carro, um Fiat 147 que ele comprou para minha mãe e que ela não usa. Não me lembro se já fui ao planetário, o que significa que se fui foi há muito tempo e não foi algo marcante. No carro Fiorella muda de ideia e diz que talvez seria legal se fôssemos ao cinema. Conto a ela sobre a viagem, digo que gastei quatro filmes de trinta e seis poses, digo que Salvador tem cheiro de urina e que Brasília tem cheiro de incêndio, de coisa seca, estiagem. No shopping nenhum filme nos interessa, então paramos para comer. Depois a levo para minha casa. Onde está sua mãe? E a Berenice? Digo que elas foram a um bingo no Clube Pinheiros, na verdade elas foram visitar um médium fora de São Paulo, desde que minha avó morreu minha mãe se apegou ao espiritismo, mas não quero entrar nesse assunto. Ligo o som e me deito com Fiorella. Olho para seu rosto e observo seus contrastes, sobrancelhas e cílios que parecem ter sido desenhados com nanquim. Fecho os olhos para contar quanto tempo sua imagem perdura em minha memória. Depois de beijá-la tento colocar a mão dentro de sua blusa, mas ela se esquivava. Ela me pergunta o que há naquela caixa na prateleira mais alta, eu respondo, filmes super-oito. Mordo seu ombro e ela diz, Artur, posso te pedir uma coisa? Digo que pode, então ela diz, hoje eu quero ficar abraçada com você, só abraçada. Digo que tudo bem. Ela diz, depois de um tempo, você deve estar decepcionado comigo, não? Digo que não, que não estou.

Penthouse Club, na Pedroso Alvarenga. Queria ir com a Clara, mas ela estava atendendo outro cliente, então fui com uma tal de Soninha que nunca havia visto aqui. O Gato foi com a Patrícia e o estou esperando, sentado no sofá da recepção. Há um aquário embutido numa parede, onde quatro kinguios se movimentam numa água que está começando a ficar turva. Gosto do ruído da bomba de ar, um ruído que lembra motor de geladeira, contínuo, subliminar, hipnótico. Acendo um cigarro.

As garotas que trabalham aqui têm o padrão comum às casas desse nível, são bonitas, à primeira vista impressionam, mas logo você entende por que se tornaram prostitutas. Há outros lugares desse tipo aqui no Itaim, o Brut, na Eduardo Souza Aranha, o Segredo da Dama, na Renato Paes de Barros, um lugar sem outra identificação além de *relax for men*, na Tabapuã. Às vezes tenho a impressão de que nunca vou conseguir sair dessa região. Eu nasci em 1966, no Hospital São Luiz, na Avenida Santo Amaro. Moro desde que nasci na mesma casa, na Rua Napoleão Michel. Estudo desde o primeiro ano no Liceu Eduardo Prado, na Jacurici. Quando criança gostava de ir à biblioteca na Rua Cojuba, onde sempre ia

atrás do mesmo livro, um livro de História Brasileira no qual havia uma ilustração de duas páginas, em papel couchê, mostrando o corpo do Tiradentes esquartejado.

Vejo uma reportagem na Hippius em que há uma foto do meu pai com a legenda, Marcelo Rupert, criador da raça appaloosa. Jamais me interessei por cavalos, o que durante um tempo me fez pensar que a relação distanciada que tenho com meu pai tinha raiz em minha indiferença a seus interesses. Depois percebi que ele era distanciado em relação a quase tudo, com exceção, talvez, à minha irmã Berenice. Com o tempo também percebi sua afetividade mesclada a desprezo pelo Gato, seu sobrinho: e aí, picareta, que anda fazendo?, vendendo tóxicos?, tirando uns cobres dos veados que vão atrás de rapazes em fliperamas?, praticando surf?

As coisas de que meu pai gosta: cavalos, jazz. (O Karmann-Ghia 1963, cuja quilometragem se mantém inalterada há quase vinte anos? Como se isso, o número 00761 marcado no velocímetro, fosse uma senha que impedisse o tempo de avançar?) Estive poucas vezes no lugar que ele chama de seu refúgio, lugar ascense e transcendência, como ouvi minha mãe dizer uma vez, com amarga ironia. Um espaço de trezentos metros quadrados, sem divisórias, que ele construiu na cobertura de um prédio que foi da minha avó (alguns apartamentos lá ainda são nossos), na Rua Haddock Lobo. A última vez em que estive lá foi um pouco antes de viajar, eu aproveitei que meu pai estava fora de São Paulo e fui lá, sozinho, numa noite de terça-feira. A sensação que tive foi como se estivesse violando um tabu, penetrando um espaço interdito, cometendo um tipo de incesto pelo qual seria fatalmente punido.

Gato me fala sobre uma garota da faculdade dele chamada Gisele, a mina é muito xarope, meninão, sabe o que ela faz?, ela leva canja, canja na faculdade, numa garrafa térmica. Estamos no Jack in the Box da Joaquim Floriano, para onde viemos depois de termos passado a tarde jogando fliperama no Beleza Pura. Na mesa ao lado da nossa há dois irmãos gêmeos e um deles está usando óculos escuros O Buraco da Fechadura, com a armação branca. Gato diz que desconfia que a tal da Gisele seja maconheira, o pior é que ela é gostosa, às vezes eu fico tentado a chegar nela, mas se você dá trela pra uma mina maluca assim depois ela não sai do seu pé. Gato também diz que anda pensando em fazer uns

filmes e me pergunta sobre aquele salão que meu pai tem, na cobertura de um prédio. O gêmeo que está de óculos escuros na mesa ao lado da nossa acende um cigarro e brinca de expelir a fumaça por um canudo.

Filmes?, pergunto.

É. Sabe aqueles velhos lá do Palmeiras com quem eu jogo dominó? Eu disse que tinha uns filmes para vender, filme de mulher pelada. Os caras ficaram doidos. A gente podia fazer uma boa grana com isso, meninão. Pega umas meninas que querem ser atrizes, inventa que é teste para um filme. A gente só ia gastar com negativo e revelação. Teu pai ainda tem aqueles cacarecos todos, câmera, tripé?

Tem, mas nem a pau que ele vai liberar o espaço lá.

Será?

Certeza absoluta.

A gente podia então dar uma usadinha no espaço à revelia dele. Que tal?

Esquece. O zelador do prédio, o seu Marcílio, é o maior dedo duro, se a gente fizesse isso ele iria correndo contar.

A gente engraxa o Marcílio, então.

Sonho que estou vendo um Super 200 da Vasp decolar de Congonhas no sentido da Avenida Bandeirantes. Fiorella me diz que não há duas pessoas capazes de sentir o gosto de água da mesma maneira e me sinto um pouco confuso com isso. Precisamos ir pegar a segunda via de sua carteira de identidade na delegacia, você está nervosa com alguma coisa?, pergunto. As ruas estão alagadas, as bocas de lobo estão entupidas, alguém diz na TV, o brasileiro é porco, joga papel no chão, foi por isso que a jornalista Márcia Mendes desistiu de viver. O ruído do Super 200 decolando é um estrondo continuado e fecho os olhos para contar quanto tempo consigo ouvi-lo até que ele se dissolva, fade out.

Uma garota nua andando de patins na cobertura do meu pai, foi essa a cena que o Gato imaginou. Calculo quantos pés de negativo são necessários para um filme curto, de dez a quinze minutos de projeção. A colega de faculdade dele, a tal da Canja na Garrafa Térmica, disse que

topa fazer. Penso que seria mais prático filmar em VHS ou Betamax, mas quase ninguém no Brasil tem aparelho de videocassete. Talvez meu pai tenha algumas latas de negativos virgens lá no espaço dele, onde fica todo o equipamento de filmagem.

Levei muito tempo para precisar qual o cheiro que esse lugar tem. É o cheiro que fica impregnado naquela rodela de cortiça da tampa da tequila José Cuervo. Observo alguns quadros, Antonio Dias, Robert Rauschenberg, Wesley Duke Lee. Ascese e transcendência. Às vezes penso que daqui a trinta anos terei mais ou menos a idade que meu pai tem hoje. Procuro as latas de filme virgem e logo as encontro, ao lado do projetor. Há um filme no projetor e o ligo e as imagens registradas nos fotogramas de oito milímetros aparecem, projetadas na tela.

Dirijo pela Henrique Schaumann e viro na Teodoro Sampaio e subo até a Doutor Arnaldo e sigo pela Paulista e atravesso o Paraíso e vejo o muro onde pretendo pichar Fiorella vagabunda com a lata de spray que está no porta-luvas, mas desisto e esmurro a direção do carro, e esmurro a direção de novo, e sigo pela Manoel da Nóbrega e pego a saída para o Itaim e paro no Baby'o, onde tomo um milk shake de baunilha, depois desço até a Iguatemi e viro na Jerônimo da Veiga e passo em frente ao TaMatete e viro na João Cachoeira, Ofner, Casa Moysés, Play Store, Supermercado MM, viro na Pedroso e na Manuel Guedes e vejo o Zeca maconheiro em sua Mobilete e o Toulouse-Lautrec Bar e o Carinho Quente e uma boate nova chamada Super-Oito e penso na sinistra coincidência disso, super-8.

Chego em casa e desço do carro para abrir a porta da garagem e a abro e vejo que meu pai está sentado num dos degraus da escada. Coloco o carro para dentro e desligo o motor. Meu pai se levanta e caminha lentamente até o carro e coloca a mão sobre o capô, com a delicadeza de alguém que estivesse verificando a temperatura de um filho febril. Então ele vem até a janela e olha para o velocímetro. A quilometragem do Karmann-Ghia subiu de 00761 para 00803. Meu pai olha para mim e sustento o olhar de volta, ele sabe que eu descobri o que aconteceu e talvez esteja achando que a reparação foi correta, então ele dá um tapinha carinhoso no meu queixo e eu ouço sua respiração.

RIM

Fizemos sexo sem proteção e Lurdes engravidou. Ela me escreveu dizendo, preciso de dinheiro para o aborto.

Quando Lurdes vem me ver sempre traz mantimentos, enlatados, ração para o Édipo (manco de uma pata), pequenas despesas que ela acrescenta às compras semanais de casa.

Sei que o dinheiro dela está todo em conta conjunta com o marido, Lurdes não poderia fazer uma despesa grande sem que o sujeito percebesse, vou ter que me virar.

O que leva uma mulher casada a se envolver com um mágico desempregado de cinquenta anos? Não tenho mais nada para vender, não quero saber de agiotas, conheço um médico que faz comércio de órgãos humanos, o doutor Alcebíades, pergunto se ele quer comprar um rim. Digo que tenho urgência e ele concorda em me submeter a uma nefrectomia.

Interno-me em sua clínica, uma enfermeira raspa meus pelos do tórax, depois injeta o anestésico. Quando volto do centro cirúrgico Alcebíades diz, campeão, vou ser sincero com você, fiz uma barbearagem e inutilizei teu rim, não vai dar pra vendê-lo.

Exponho meu caso em detalhes, digo que engravidei uma mulher comprometida e que preciso mesmo da grana, Alcebíades diz que vai me arranjar alguém que faça o aborto de graça, que é o mínimo que pode fazer para me indenizar.

Dois dias depois volto para casa trazendo meu rim numa caixa de isopor, doutor Alcebíades fez questão que eu trouxesse, ó, pra não dizer que eu te sacaneei, roubei. Então Lurdes me liga e diz que sofreu um aborto espontâneo, que já está com a curetagem marcada, que não preciso mais arranjar dinheiro. Ela diz também que é melhor a gente não se ver mais, não pergunto por que, sei que o que não falta é razão para se abandonar um amante velho e falido.

Estou cansado, com dores e decido ir pra cama. Quero pegar no sono logo, mas o Édipo não para de latir, um latido de fome, insistente e irritante. Vou até a cozinha e vasculho os armários, a ração acabou e não tenho nada pra oferecer, se esse cachorro idiota não comer não vai me

deixar dormir. Abro a geladeira, pego a caixa de isopor e despejo meu rim em sua cumbuca.

DOMINAÇÕES

Entro em casa e lá está, no teto, o ponto luminoso gerado por caneta laser. Faz uma semana que isso vem se repetindo.

O prédio que fica em frente ao meu tem cinquenta e seis janelas. Mas o quem-decidiu-fazer-isso também pode estar num carro estacionado na rua. Antes que eu vá fechar a cortina o ponto vermelho some.

Vou à cozinha e tiro um café da máquina enquanto passo os olhos por uma carta do banco. Em seguida abro o envelope de uma instituição de caridade que costumo ajudar. O impresso mostra a foto de um desses idosos genéricos, não suficientemente individualizados (nada mais parecido com um chinês do que outro chinês, etc.). Penso que ainda faltam uns quarenta anos pra eu ficar velho como aquele sujeito, e ficar com as orelhas grandes e o corpo cheio de calombos e nódulos.

No banho lavo as axilas duas vezes e mantenho aquela escova de esfregar as costas pendurada no órgão genital (*certe penis tuus caelum versus erectus est*). Seco-me e vou ao closet e pego uma camisa, uma calça e um par de sapatos Cole Haan, mas decido não usá-los. Digito uma mensagem, aviso Serafina que estou indo pra casa dela. A casa de Serafina fica num bairro contíguo ao Itaim-Bibi, um bairro só de casas, a lei de zoneamento não permite que prédios sejam construídos lá, nem que haja estabelecimento de comércio.

Ando quinze minutos, Serafina abre a porta e damos um beijo e vamos para a sala e eu me jogo numa poltrona. Sobre a mesa de centro há uma garrafa de vinho e um *decanter*. Debaixo do vidro da mesa há um painel com várias tiras da Turma da Mônica, daquelas antigas em que os traços da Mônica eram mais toscos e pontiagudos. Reparo que Serafina está ficando com os dentes manchados por causa do vinho tinto. A bebida nunca afetou negativamente seu estado de ânimo, só deixa sua fala meio atrapalhada, às vezes. Faço um cálculo aproximado de que Serafina será uma mulher sexualmente atraente só por mais cinco anos.

Decidimos comer em casa mesmo. Enquanto comemos, na cozinha, ela me fala de um restaurador de carros antigos, um sujeito que só trabalha com MP Lafer (não tenho certeza se me lembro que carro é esse). Minha lasanha não descongelou direito e coloco mais um minuto no micro-ondas, então algumas partes dela ficam excessivamente quentes e percebo que não estou mais com vontade de comer. Vou ao banheiro na

parte de cima da casa, onde sei que há um frasco de Rivotril, numa gaveta debaixo da pia. Quando saio, vejo que Serafina já está no quarto e vou até lá e me jogo na cama e ela tira o vestido e se deita de costas para mim, encostando o corpo no meu, então ela pega minha mão e a leva à sua coxa e diz, olha, estou arrepiada.

Ficamos deitados umas duas horas, então Serafina passa a falar sobre bitcoin, ela diz que eu deveria vender alguns imóveis e investir nisso, que só nos últimos três meses o patrimônio dela em moeda digital quase duplicou. Cálculo que Serafina é uma mulher de uns trezentos metros quadrados (área útil, IPTU dos Jardins), depois calculo que a mulher que tenho visto com mais frequência, a Rose, deve ter uns cinquenta metros quadrados, se tanto, IPTU da Barra Funda. Já eu sou um homem de mais ou menos cinco mil metros (quarenta e um imóveis, IPTUs diversificados, um pênis capaz de sustentar pendurado por dez minutos um objeto de trezentos gramas).

Levanto-me e decido ir ao banheiro tomar o Rivotril que não tomei àquela hora. Gotejo o frasco direto na boca e puxo o ar entre os dentes para apreciar o sabor, talvez o que eu mais goste no Rivotril seja isso, o gosto dele. Volto para o quarto e tenho um flash de uma cena antiga ocorrida ali, em 2009, quando eu e Serafina éramos namorados, uma discussão em que houve pesada troca de ofensas e eu disse algo do tipo, seu problema é que você se acha uma pessoa mais interessante do que de fato você é. Recolho minhas roupas do chão e digo à Serafina que vou embora, que quero dormir na minha casa.

Sigo pela Rua Veneza, pensando no que sempre penso quando faço esse percurso, que se algum cachorro escapar de alguma dessas casas (dogos argentinos, rottweilers, pit bulls) não terei para onde fugir. Chego à São Gabriel e desço a Jesuíno Arruda e quando chego à Renato Paes de Barros vejo um rapaz sem sapatos e sem camisa passar correndo, aflito, como se estivesse fugindo de alguma coisa, embora nada esteja em seu encalço. O rapaz tem boa aparência e a princípio penso em ajudá-lo, mas então penso melhor e decido que não estou a fim de lidar agora com alguém surtado por causa de droga. Entro no meu prédio e digo boa noite para o vigia, que ainda não sei como se chama. Parece que o anterior, que eu chamava de Múmia Paralítica, foi mandado embora. (Quando era criança apelidei um tratador do haras do meu pai de CocosinoTrombino.)

Em casa decido tomar outro banho e vou para o quarto e olho para a lista de livros que tenho no iPad e abro alguns e experimento ler de trás

pra frente, são vidro de olhos os, então desligo o iPad e me viro para dormir. Começo a ter uma sensação de sufocamento, me levanto e vou para a sala, pensando que deveria ter tomado uma dose maior de Rivotril. Deito-me no sofá e fico olhando atentamente para o teto, o lugar onde quem-decidiu-fazer-isso vem projetando diariamente o fecho de laser vermelho. Fico um longo tempo em estado de prontidão, vigiando, então me sinto esgotado e acabo fechando os olhos, mas é como se isso não fizesse mais diferença. Minha imaginação, agora, parece um formigueiro, uma superconcentração de coisas agitadas, minúsculas, fora de controle.

CLÓVIS DE LIMA

Renata observa que o garrafão de água encaixado no filtro ali na sala de espera está quase vazio. Ela tem hora com doutor Romeu e a consulta já está atrasada mais de uma hora. A recepcionista tinha avisado, o doutor sempre atrasa, chegue um pouco antes. Médico bom que atende convênio é assim, atrasa, é difícil conseguir horário, quem não pode pagar consulta particular com esses cobrões precisa ter paciência.

O interfone soa e a porta da rua é destravada.

Puxando uma dessas malas com rodinhas, Clóvis, que é representante de um laboratório farmacêutico e cujo trabalho consiste em visitar consultórios e distribuir amostras grátis de remédios, entra na sala e pergunta à moça da recepção se o doutor está recebendo. A recepcionista diz, ih, hoje ele tá superocupado, acho que não vai dar. Clóvis fica pensativo um instante e vai ao filtro de água. Tira um copo descartável de um cilindro fixado na parede e bebe, fazendo barulho com a glote.

A porta do médico finalmente se abre e um paciente sai com uma dessas sacolas de exames laboratoriais na mão. Clóvis aborda doutor Romeu, boa tarde, doutor, pode ser, cinco minutinhos? A recepcionista olha apreensiva para Renata, que prontamente faz que sim, quem já esperou quase uma hora e meia pode esperar mais alguns minutos. Doutor Romeu sorri e acena para Renata, um aceno que significa, aguenta só mais um pouco, e que também pode significar cinco, cinco dedos, cinco minutos.

Clóvis e o médico desaparecem atrás da porta, em cujo batente há um mezuzá, objeto religioso dos judeus. A visita não demora muito, logo Clóvis volta à sala de espera puxando a mala de rodas, então doutor Romeu olha para Renata e diz, vamos?

No consultório Renata fala que vem tendo dificuldade para dormir e responde a uma série de perguntas do médico. Ele pega um formulário de receitas e escreve o nome do medicamento e a dosagem. A letra de Romeu é muito boa, ao contrário da de muitos de seus colegas, que costumam rabiscar receitas com garranchos ilegíveis.

Pede para a mocinha marcar o retorno daqui a trinta dias, o.k.?, ele diz, apertando a mão de Renata.

A recepcionista, que via fotos no Snapchat assim que Renata encostou no balcão, consulta os horários disponíveis no computador e pergunta se ela prefere de manhã ou de tarde. Renata responde que tanto faz, dizendo em seguida, de tarde. Recebe um papel com a data e o horário do retorno, então a recepcionista diz, ah, o rapaz do laboratório deixou isso, e lhe estende um cartão. Renata lê, Clóvis de Lima, representante comercial, agradece e sai.

Enquanto espera o elevador Renata rasga o cartão, em cujo verso Clóvis escreveu, obrigado! Tipinho infame, ela pensa, parece aqueles sujeitos que estudam à noite naquela faculdade ruim perto da casa dela e que ficam bebendo cerveja no bar com os colegas em vez de assistir às aulas. Renata chega à garagem, entrega o papel carimbado do estacionamento e um manobrista lhe traz o carro. Ela ajeita o banco, que foi trazido para frente, sobe a rampa e vira à direita na Conselheiro Brotero, parando em seguida na loja de conveniência que tem na esquina para comprar cigarros. Largar de fumar, como ela havia programado, não está muito factível para Renata nesse momento.

Ao entrar na loja ela dá de cara com o tal do Clóvis e sua ridícula mala de rodinhas. Ele está sentado numa das mesas, falando ao telefone. Renata pensa em dar meia volta, mas decide comprar cigarros ali mesmo, loja de conveniência é um lugar público, no máximo o sujeito pode tentar puxar conversa, é só ela demonstrar que está off, indisponível. Há um banco 24 horas ali dentro, Renata aproveita e tira trezentos reais, amanhã tem diarista, além disso ela gosta de sempre carregar consigo um pouco de dinheiro em cédulas. Ela olha Clóvis no rosto, que continua falando ao telefone e que lhe devolve um olhar frio, neutro e, de alguma forma, reprovador. Renata vai ao caixa e compra os cigarros e alguns chicletes.

Ir até a calçada e acender um cigarro e ganhar tempo para pensar, é isso que Renata decide fazer. Clóvis de Lima. Clóvis é alto e até que interessante, como é que ela não reparou nisso na sala de espera? E por que ele deixou um cartão se agora a olhou dessa maneira indiferente? Não-não, ele a olhou de forma hostil. O primeiro cigarro termina e ela acende outro. E o que Renata espera, plantada ali na calçada? E se ela for falar com ele e Clóvis a tratar mal? E se ele estava só distraído, falando no telefone, tipo, olhou pra ela, mas não viu? E por que Renata rasgou o cartão? Um frentista do posto caminha na direção dela, o carro de Renata está bloqueando a SUV de um cliente e ela diz ao frentista, calma, já vou tirar. Renata vai até o carro e dá marcha ré e agora outro carro que está tentando entrar no posto a força a sair para a Doutor Veiga Filho, onde o

fluxo logo para e a deixa retida num congestionamento que se adensa cada vez mais e que a afasta cada vez mais da possibilidade de tomar decisões que fossem realmente suas. O carro de Renata é novo e ela nunca fumou dentro dele, mas ela tira mais um cigarro da caixa e o acende, sentindo vontade de chorar e pensa, dane-se que vai pegar cheiro nos bancos, dane-se, dane-se.

COCAÍNA

Dirceu, ex-oboísta, trabalha como disc-jóquei numa casa noturna.

Os frequentadores da casa têm boa aparência, garotas com aquele jeito de faculdade cara em período vespertino, moda, cinema, artes visuais. Dirceu já saiu com algumas, embora sempre se sinta apreensivo quando isso acontece.

Uma vez uma quis usar cocaína no motel, Dirceu tentou dissuadi-la sem sucesso, o intercuro acabou sendo tenso, Dirceu passou o tempo todo observando a respiração funda e a agitação motora da jovem, pensando que talvez esses sintomas tivessem pouco a ver com o ato sexual, que talvez fossem o prenúncio de um colapso cardíaco ou de uma convulsão.

Um ex-colega de Dirceu na orquestra, um violista chamado Flávio, estava saindo com uma fulana que morreu de overdose quando eles estavam num motel. (Qual a diferença entre o violista e a prostituta? A prostituta conhece mais posições.) A autópsia revelou que a fulana havia ingerido cocaína, maconha, clonazepam, álcool e um medicamento veterinário usado para induzir aborto em éguas. Flávio teve que vender um carro para pagar os honorários do advogado criminalista e foi largado pela mulher. Dirceu, que se afastou da orquestra quando descobriu que estava com distonia focal – um distúrbio neurológico que costuma acometer músicos de alta performance –, não teve mais notícias do Flávio.

Apesar de ser frequentadora da casa noturna em que Dirceu trabalha, a garota com quem ele está entrando agora no motel não usa nenhuma droga ilícita. Ela também é atenta à autopreservação, só faz sexo oral com camisinha (tanto ela quanto Dirceu são casados), mas em compensação oferece uma chupada que leva o pênis de Dirceu até a garganta.

Dirceu tem dezenove centímetros e comprou por engano a camisinha *extra large*, que na verdade serve para pênis mais grossos que o normal. A camisinha está frouxa, a garota põe os dezenove centímetros para dentro da cavidade bucal, e quando vai regurgitá-los a camisinha se prende em sua glote e escapa do pênis. Ela tenta respirar e não consegue, tenta puxar a camisinha e também não consegue, o engasgo e a agitação motora que a domina parece um quadro de overdose, o nervosismo

provoca um aumento da alcalinidade em seu sangue e então ela desmaia. Dirceu entra em pânico achando que ela morreu e começa a sacudi-la, ei, pelo amor de Deus, acorda! Olha para o telefone e pensa em ligar para a recepção e pedir ajuda, então descerra a mandíbula dela e puxa a camisinha e a observa pra ver se ela não se rompeu, o que pode ter deixado um pedaço de látex preso na garganta. A camisinha está intacta e Dirceu vê que a garota está voltando a respirar e que está se mexendo e tossindo, então ele se deixa cair na cama e respira fundo, sentindo o intestino entrar num estado de lassidão que logo criará um estado flatulento, um estado em que os gases pressionarão os esfíncteres, um estado que ele não reprimirá.

OPIOIDES

Ter nascido numa família rica me trouxe duas vantagens: fazer tudo o que quero, sempre que quero. Fora isso, sou igual a qualquer pessoa: não tenho imunidade contra o tédio, contra as decepções, contra o declínio natural do corpo. Moro num sistema de espaços retangulares: quartos, salas, banheiros, etc. Sou casado com uma mulher onze anos mais nova que eu e tenho uma relação erótica com outra, quatro anos mais velha. Antigamente não gostava do meu nome, Olegário. Hoje não só me acomodei a ele como não consigo me imaginar chamado de outra forma.

Com minha mulher tenho uma relação superficial – ela é tola, tem ideias comuns, repete tudo o que os outros dizem. Com minha amante tenho uma relação profunda – ela é inteligente, tem pensamentos insólitos, jamais a ouvi dizer um clichê. Quando a relação superficial (mulher) para de funcionar, me dedico mais à minha amante. E quando a relação profunda para de funcionar (isso acontece), me volto à minha esposa. Posso dizer que as duas me amam, ou que ao menos têm uma necessidade fundamental de mim. Não sei até que ponto preciso delas ou até que ponto as amo. Às vezes fico voluntariamente isolado, só observando as coisas que acontecem, como as pessoas se comportam, etc. Quando isso também para de funcionar, me volto a uma ou a outra, ou às duas. Ou a alguma outra.

Não sei até quando isso tudo vai durar.

Venho notando em mim alguns atos inconscientes de dissipação. Por exemplo, com certa frequência venho fazendo gastos desnecessários, coisa que jamais fiz, a ideia do desperdício e da perdulariedade sempre me causou horror. Mas é como se eu tivesse sentindo, de uns tempos para cá, a necessidade de me esvaziar, dos meus bens, dos meus pensamentos e fantasias. Minha mulher e minha amante não são perdulárias – como são ricas de nascença, como eu, compartilhamos o mesmo *ethos*. O problema são os casos avulsos. Semestre passado me relacionei com uma jovem artista plástica e acabei comprando um quadro de um pintor do grupo, coletivo, etc., do qual ela faz parte. Foi uma compra impulsiva, em parte motivada por caridade (artistas iniciantes são todos uns mortos de fome), em parte houve uma motivação perversa que demorei um pouco para conscientizar. Nem foi tanto o dinheiro, o quadro não foi muito caro (três mil reais), mas foi a posse daquele objeto que acabou me incomodando.

Como se eu tivesse sido obrigado a levar um estranho para casa, um estranho com sua presença atravancadora. Uma noite peguei o quadro e fiquei olhando para ele. Então peguei uma caneta e comecei a escrever em sua superfície: ter nascido numa família rica me trouxe duas vantagens, etc. (Boa parte desse texto escrevi sobre a tela, depois transcrevi tudo para o computador. Quando não havia mais onde escrever, levei o quadro para o quintal e botei fogo nele.)

Expulsão, repulsão, nessas duas palavras está embutida a ideia de pulsão, pulso, frequência, oscilação ondulatória. Às vezes tenho sonhos em que revivo um passado (que de fato nunca existiu) em que experimento o oposto da estase e da paralisia, e digo para mim, isso existe, afinal. Um mundo em que matéria e pensamento não são estáticos e opressivos e aprisionadores, mas cheios de dinamismo. Semana passada saí com uma mulher de programa. Seus seios, naturais, eram muito bonitos, então tive um gesto imprevisto em que o contato, a princípio vicário e torpe, se sublimou: coloquei o rosto entre os seios, experimentei aquela pele macia, quente e acolhedora envolver minha testa, nariz, órbitas oculares, maxilar, e a ternura daquilo me causou uma crise de choro que não reprimi. (As únicas mulheres na frente de quem me sinto à vontade para chorar são as prostitutas. Nem sempre, porém, consigo atingir esse tipo peculiar de êxtase, isso sempre depende de uma insondável qualidade humana que uma pessoa só pode revelar no contato íntimo.)

A parte do quadro em que estou escrevendo isso tem uma pincelada feita numa cor suja, uma pincelada cercada de branco, isolada, fechada em si. É como um pretenso ideograma apartado de uma ordem sintagmática, um ideograma estranho, irreduzível a qualquer significação estável. Três mil reais. (“Três mil ducados” é a primeira fala de Shylock em *O Mercador de Veneza*.) Quando o artista me disse o preço do quadro, comentei, três mil ducados, mas ele não percebeu a alusão. A mulher de programa em cujo colo ejaculei minhas lágrimas cobrou duzentos e cinquenta reais. Tenho um funcionário que teve de dar um apartamento a uma pilantra com quem ele assinou um documento de união estável, união estável que durou só oito meses.

Minha mulher, a tola, apesar de ter senso de preservação patrimonial, eventualmente tem casos com homens que não pertencem à nossa classe. (*Mea culpa*, fiz o mesmo no caso da artista plástica.) Digo

para ela se precaver quanto a isso, para jamais ser emocional nessas distrações fornicatórias (*mea culpa*, tive o paroxismo de ternura com os peitos da mulher de programa). Um dia tive um sonho: minha mulher estava com um desses amantes não confiáveis, aí eles sofreram um acidente de carro e ela morreu. Aí levei o sujeito ao cemitério, exumei o corpo dela, enterrado há poucos dias, e disse, continua bonita, não? Toda inchada e podre, mas bonita. Aí ordenei que o cara beijasse a boca do cadáver decomposto da minha mulher.

(Arranquei um pedaço da pintura para abrir espaço para poder continuar escrevendo.) Faço terapia, meu único intuito ao me deslocar uma vez por semana àquele consultório é o de me distrair antecipando o que o analista vai dizer. O sonho em que fiz o amante da minha mulher beijar seu cadáver foi analisado assim: minha pulsão de morte está superando minha pulsão de vida. Um analista junguiano diria outra coisa, interpretaria o cadáver decomposto pelo conceito da *putrefactio* alquímica e falaria algo sobre integração de conteúdo inconsciente ao self. Um szondiano diria que o cadáver é um símbolo do meu destino compulsório, criado por meu inconsciente familiar, algo que preciso transformar em destino livre. E por aí vai.

A sensação que o sonho me deu foi de comicidade.

Eu deduzi a superioridade daquela mulher do metrô pelo modo como ela passava o cabelo por cima da orelha, pelo ar digno e pela disposição perfeita de seus membros, cabeça e tronco. Seu contraste com as outras passageiras, mulheres medíocres provavelmente casadas com sujeitos obesos formados em faculdades ruins, me fez pensar que a vida está cada vez pior, cada vez mais invadida por coisas insignificantes.

Pego o metrô todo dia para ir ao trabalho. Uso meu carro só de madrugada, uma vez por semana faço um passeio para meditar, eu gosto de pensar enquanto dirijo por ruas vazias. Meu carro é um Jaguar Mark Tem modelo 1963 que herdei do meu pai. Eu estava rodando e pensando na mulher do metrô, recombinao os números do seu número de telefone e fazendo cálculos de cabeça com eles, quando vi dois rapazes pichando um prédio. Certa vez tive uma discussão com minha mulher sobre se pichação era arte. Ela sustentou que sim. (Ela repete tudo o que os outros dizem, sobretudo seus amigos hipsters, veganos, maconheiros, bicicleteiros, tatuados.) Eu disse que quando surgisse um Leonardo da Vinci entre os rabiscadores de parede talvez eu concordasse com ela.

Tentei ler o que os pichadores estavam escrevendo com aquelas letras crípticas, mas não consegui. O sinal abriu e virei na Haddock Lobo. Parei naquela padaria que fica aberta vinte e quatro horas. Fiquei tomando café e observando um casal, quando notei que alguém olhava diretamente a mim. Olhei de volta e vi que era o Bruno, um amigo de adolescência que eu não via há mais de vinte anos. Conheci o Bruno quando jogávamos futebol nas categorias de base de um clube. Sua tentativa de ser jogador não deu certo. Eu cheguei a ir jogar num time da segunda divisão de Portugal, poderia ter seguido a carreira, mas não quis, voltei ao Brasil, fui fazer faculdade, etc.

Bruno veio sentar-se à minha mesa. Ele disse que havia se casado, me deu seu número e disse para combinarmos uma cerveja qualquer dia desses.

Num casamento há sempre um mandado e um mandante. Isso pode ser sutil ou explícito, mas a essência – casamento, um jogo de poder – é essa. Por tudo o que o Bruno me contou em nosso encontro, ele é dominado por uma mulher de quem, no fundo, ele tem medo e ódio. (Vi fotos dela na rede social. É uma mulherzinha com ar de portuguesa ou italiana atarracada, parece um castor gordinho.)

Nas raras vezes em que ele ousou levar alguma mulher de programa depois do expediente para o consultório – Bruno é oftalmologista –, sempre foi tomado por sentimentos de culpa e terror. Aos quarenta anos, está envelhecido, com o ar acuado, deve sofrer constantemente de alguma inflamação gastrointestinal de origem nervosa, colite, gastrite, etc. Senti pena dele, isso acrescido a uma coisa mal resolvida da época do futebol – sei que Bruno se ressentiu quando fui jogar profissionalmente na Europa, ele disse coisas como, ah, como é bom ser filhinho de papai, como se o fato de ele ter fracassado como jogador se devesse apenas ao fato de não ter dinheiro. (Ele era um mau jogador, eu era um bom jogador, isso é tudo.) De qualquer forma, carregou essa culpa, essa sensação desagradável de talvez ter me tornado um símbolo de frustração para um sujeito que, de uma forma ou de outra, eu quero bem.

Foi então que eu tive a ideia: o Bruno precisa de uma namorada. Uma namorada bonita, com um comportamento idealmente perfeito, uma mulher que não faça as pressões que as mulheres normalmente fazem. Uma mulher pra fazê-lo recuperar a autoestima, retomar o gosto pela existência, etc. Claro que um homem na draga em que ele está não

conseguiria pegar mulher alguma com essas qualificações, bela, jovem, etc. Sem uma ajuda, vai continuar sendo massacrado pelo castor gordinho sabe-se lá até quando, talvez quando a gastrite e a colite virarem um câncer de reto e ele tiver de cagar na sacolinha plástica. Então fiz a proposta para a mulher do metrô, que, além de secretária, é prostituta *part time* (mas não tem cara nem jeito de puta, o que é fundamental para meu plano): te pago essa quantia para você namorar um amigo por uns seis meses, topa?

(Nesse ponto da narrativa o espaço disponível no quadro acabou, então o levei para o quintal e botei fogo nele. Sem querer acabei não transcrevendo a parte em que narrei o início do “namoro” do Bruno com a mulher do metrô, secretária e puta *part time*, uma narração extensa que, pensando bem, talvez mereça apenas esse resumo: a mulher do metrô marcou hora como qualquer paciente de Bruno e o seduziu. (Houve caridade em minha atitude, além de uma intenção perversa que só consegui conscientizar depois.) (Fui um Deus provedor ou um diabo tentador e, no final das contas, acusador?) O namoro foi tão deliciosamente perfeito que Bruno julgou-se capaz de retomar a posse de si, largar o castor gordinho, etc., então a mulher-do-metrô, perturbada com os desdobramentos imprevistos da farsa, contou tudo para ele. Bruno veio atrás de mim e me deu uma surra à qual não opus qualquer defesa. Terminei com o maxilar e duas costelas quebradas. Não seria o caso de tomar morfina, minhas dores não eram tão intensas, mas dei um bom dinheiro para o médico me receitar.

Os opioides dão uma sensação de desligamento que não tem nada a ver com o efeito daquelas drogas ridículas todas, cocaína, LSD, maconha – nada de alucinações ou estados mentais paranoicos. Nada a ver também com o entorpecimento bestial do álcool. A morfina (e a heroína, que, essencialmente, são iguais) te coloca num ponto de observação interessante, perfeitamente objetivo e lúcido – parece que, ao deprimir a atividade do sistema nervoso central, os pensamentos não são mais distorcidos por sinapses defeituosas, neurotransmissores capengas, etc. (Uma de minhas bisavós paternas, do lado monegasco da família, foi usuária de ópio por mais de trinta anos.)

Acho que vou me viciar um tempo nesse troço, aí quando ele deixar de funcionar (tudo, sempre, deixa de funcionar) vou para uma dessas clínicas em que roqueiros e artistas de cinema se desintoxicam. Ter nascido numa família rica me deu duas vantagens: fazer tudo o que quero, sempre que desejo.

NEGOCIAÇÃO

Eu amo Patrícia, gosto de andar de mãos dadas com ela, de passear, de ouvir música junto, por sorte temos o mesmo gosto musical. Mas Patrícia é afoita e descoordenada quando me chupa, parece alguém que não canta tentando cantar num karaokê caseiro uma música que conhece mal. Já Odete, que eu não amo tanto, é uma boqueteira nata, quando ela enfia meu pau na boca me sinto como se estivesse esquiando numa rampa de gelo a mais de cem quilômetros por hora.

Eu tenho tempo, dinheiro e capacidade fisiológica para me envolver com quantas mulheres quiser. Nunca me senti acossado por dilemas éticos ou pelo ciúme feminino, já namorei mulheres que se diziam temperamentais, já namorei até uma garota punk que usava no pescoço a miniatura de um alicate de castração. Por sorte as mulheres sempre me deram tudo o que eu quis delas e me pouparam daquilo que não quis.

Claro que às vezes há negociações, como agora, a Tereza, uma gerente de recursos humanos que um amigo me apresentou, ela me diz, o.k., vou te chupar, mas você vai ter que realizar uma fantasia minha. Pergunto que fantasia, ela diz que só conta no prédio dela. Chegamos lá e em vez de pararmos em seu andar ela me leva direto ao terraço no último andar. Vejo uma espécie de guindaste em que estão presas duas cordas, Tereza diz que as paredes externas do prédio estão sendo restauradas, que em várias partes as pastilhas caíram, agora você vai se sentar numa dessas cadeirinhas aí que os restauradores usam para trabalhar, eu desço você até o meu andar, aí vou até lá, abro minha janela e, onomatopeia de sucção. Que tal?

Amarro-me na cadeira e Tereza empurra uma alavanca que vai aos poucos me fazendo descer. Aceno um positivo quando chego ao décimo quinto. Não tenho medo de altura, já cheguei a saltar de paraquedas algumas vezes, mas a sensação de estar sentado numa tabuinha a quarenta metros do chão é meio aflitiva. Passam-se alguns minutos, a luz do quarto dela se acende, Tereza sorri e me manda um beijo. Abre um armário e começa a se despir, depois põe uma camisola e vem andando, provocativa, até a janela. Então ela faz um gesto de que está com sono e vai dormir. Fecha a cortina, cerra a persiana e apaga a luz. Sou deixado ali, suspenso, imobilizado, sem saber como aquelas cordas todas funcionam, sem opção exceto a de me manter agarrado a elas.

INEXPLICÁVEL

O sujeito que ligou do anúncio veio com a mulher comprar a SUV que estou vendendo. Eles têm uns quarenta anos e parecem aqueles portugueses toscos mas endinheirados da zona norte. Descemos pelo elevador ouvindo o barulho clan-clang dos andares sendo transpostos e entramos na garagem.

A diferença entre a mulher bonita e a feia é que a bonita é mais fácil de agradar, eu penso enquanto observo a mulher, seu corpo atarracado, seus dentes feios, seus cabelos pintados num tom de louro que não combina com a pele. O marido vai dar a SUV para ela, de presente de aniversário. Gastar cem mil num carro para esse bucho? Eu não daria nem um patinete usado.

Fechamos negócio, agora temos de ir ao cartório reconhecer firma, a mulher diz ao marido, vai dirigindo o outro carro que vou estrear esse, o senhor se importa de ir de passageiro comigo?, ela me pergunta. Olho para o marido, que imediatamente assente, isso, vão juntos que eu vou atrás. Ele se encaminha para o elevador, eu abro a porta do carro, me sento e prendo o cinto. A mulher entra, olha na direção dos elevadores e vê que o marido já foi, então me agarra e me dá um beijo na boca e depois chupa meu pau.

Na volta do cartório é ele quem me traz, nos despedimos com um aperto de mão e observo os dois carros seguirem em comboio até sumirem de vista.

Entro em casa, jogo no sofá as coisas que recolhi do porta-luvas, um binóculo de plástico, um celular velho, alguns CDs, e me sento numa poltrona. Ligo para Alice, oi-amor, posso ir até aí agora? Alice é minha namorada, ela tem olhos grandes, é alta, seu corpo é perfeito, o presente mais caro que já dei para ela não custou nem duzentos reais, ser elegante é ser comedido, etc. Alice responde, rindo, que assanhamento é esse agora, garotão? Acabamos combinando de ir ao cinema no final da tarde.

Então fico ali, sentado, olhando para o papel em que a nova proprietária da SUV me escreveu seu número de telefone. Ainda estou com a ereção que ela – ela, meu Deus – me provocou. Eu deveria rasgar o papel, pensar na coisa como um lance pitoresco, talvez até contar para Alice, cara mia, você nem imagina o que me aconteceu, ou talvez pensar racionalmente, que tipinha é essa que trai um marido que acabou de lhe

dar um presente de cem mil reais?,mas não vou fazer nada disso, vou guardar o papel e ligar pra ela depois. Ereção, ereção, ereção, ereção, ereção. Algumas mulheres têm mesmo alguma coisa inexplicável.

FELICIDADE

Eu preciso sacrificar meu cão e dispensar minha namorada. Retardei essas decisões o máximo que pude, mas o fato é que estou apaixonado por outra mulher e o Gabriel está surdo, quase cego e com uma doença sofrida que logo o matará. Vou fazer hoje as duas coisas, só não decidi ainda o que faço antes, se levo o cachorro para tomar a injeção e depois vou à casa da minha namorada ou vice-versa.

Coloco Gabriel no banco de trás do carro e dirijo alguns quarteirões até que me lembro de que estou no rodízio, então estaciono em frente a um prédio com o pisca ligado e espero vinte minutos. Falo com a mulher por quem estou apaixonado, ela me diz que está na esteira na academia e que está com sono porque ficou até de madrugada fazendo o imposto de renda, depois ela pergunta se eu já, etc. Desligo o telefone e penso em seu nome, um nome reles, candidato a ser reduzido à primeira sílaba, a namorada que vou dispensar daqui a pouco tem um nome interessante, altissonante, e daí?, eu não sinto mais nada por ela, ouço um barulho que parece um espirro e vejo que é um caminhão que freou no semáforo.

Dirijo pelo tempo em que o rádio transmite uma propaganda eleitoral de candidatos a vereador. Estaciono e leio a placa, aulas de piano, clássico e popular, toco a campainha. Minha namorada atende e diz, oi, que surpresa, vamos à sala e ela se senta na banquetta do piano, eu permaneço de pé e digo tudo o que tenho para dizer, digo também que estou indo sacrificar o Gabriel. Ela pergunta se ele está no carro, vamos até lá e ela o acaricia, chorando, sem dizer nada. Eu fecho os olhos em aparente contrição e a ouço se afastando, primeiro os passos, depois o ruído da porta, blam. Um homem que está indo sacrificar seu cachorro é um homem já dilacerado o bastante, a mulher sabe que não é o momento para ele ouvir impropérios de mulher ofendida. Olho para Gabriel, sussurro dentro da minha cabeça um valeu, brou e rio, quase com remorso.

Decido que não vou levar hoje o Gabriel à clínica veterinária. Decido também não ir dar aula na faculdade à noite. Ligo para a mulher por quem estou apaixonado e combinamos um encontro, num bar estilo *speakeasy* cujo acesso se dá pelo lobby de um hotel. Faz um daqueles dias frios e ensolarados de outono e vou a uma loja de vinhos, depois volto para casa e fico deitado, olhando o triângulo escaleno que o sol e a fresta da persiana projetam no teto do quarto. Fico pensando que toda

felicidade é precária, toda felicidade nunca passa muito daquela coisa que você experimenta quando desmarca uma tomografia e acha que se livrou de uma suspeita desesperadora pelo simples fato de não ter ido fazer o exame. Depois, penso que hoje vou ver a mulher que estou amando, que meu cão continua vivo, que tanto faz se posso chamar essas coisas de felicidade ou não.

MANHÃ

Num lugar chamado Roof. Observo uma garota com a cabeça raspada nas têmporas usando uma camiseta em que se lê carga perecível. Ela me mostra a língua e sorrio de volta. Estou bebendo água, tomei dez miligramas de Paxium, um clorodiazepóxido que trouxe de Portugal. Sviatoslav me conta uma piada horripilante sobre microcefalia e penso se a garota que me mostrou a língua não será uma dessas pentelhas que usam palavras como empoderamento e tutor para designar donos de cachorro.

Foi uma ideia bem ruim avisar as pessoas em cima da hora, diz Sviatoslav, que está com um cigarro apagado entre os dedos. Respondo que essa foi minha intenção, não forçar nada, não gerar compromisso, olá-pessoal, estou indo agora para o Roof comemorar meus trinta e sete anos, quem quiser apareça. Sviatoslav diz, sacudindo o cigarro, você é burro, maestro, muito burro, mulher não sai de casa de improviso, elas se depilam, entende?, depilam e pintam as unhas, vamos até a varanda.

Sviatoslav acende o cigarro e a garota perecível aparece e também acende um cigarro. Sviatoslav diz, ei, psiu, hoje é aniversário dele, dê os parabéns, a garota me olha e diz parabéns e pergunta se não sou da TV. Maestro é meu apelido na turma de pôquer, não me lembro por que fui apelidado assim. A garota, que é mais velha do que me pareceu a distância, tem um rosto para o qual não me ocorre qualquer correção.

Os dois terminam de fumar e voltamos para dentro. Grandes tempos estão chegando, diz um letreiro amarelo imitando neon, fixado numa parede próxima a um grupo de vinte e poucas pessoas que também festejam um aniversário. Sviatoslav conta à garota, que se chama Virgínia, a piada da microcefalia, ela ri e diz, que horror. Uma banda começa a tocar e tenho vontade de dizer a ela que não tenho nada a ver com o Sviatoslav, esse babaca contador de piadas, mas vou ter de falar gritando e resolvo ficar quieto.

Um gordo drogado com a camisa empapada de suor acompanha a banda pulando e sacudindo os braços de modo desordenado e esbarra pela segunda vez numa mesa com dois casais, o que gera um princípio de briga. Sviatoslav vai ao banheiro e sinalizo à Virgínia, vamos embora? Ela topa e saímos e caminhamos até meu carro e vamos a um café e ela me conta que dá aulas de inglês e francês pela internet. Tomo mais meio

comprimido de Paxium e vamos ao Madame Satã e descemos direto à pista, fazia mais de vinte anos que não entrava ali.

Quase cinco da manhã e levo Virgínia para casa, na Rua Vitorino Carmilo, Barra Funda. Sua casa se parece com todas as casas que já foram demolidas na Vitorino Carmilo e cujo destino será a demolição num prazo de quatro ou cinco anos. Ela diz que mora sozinha e me convida para entrar. Entramos e me sento num sofá e ela diz que está com fome e vai até a cozinha e põe umas salsichas para ferver e pergunta se eu quero, respondo que não, obrigado. Peço para ir ao banheiro, um daqueles banheiros construídos debaixo da escada que a cabeça bate no teto. Lavo o rosto e as mãos e volto à sala. Virgínia me conta que aquela era a casa dos avós dela, mas que todo mundo morreu, avós, pais, só sobraram ela e um irmão que mora no Mato Grosso do Sul. Ela termina de comer e me pergunta, posso te pedir uma coisa? Respondo que sim. Virgínia diz que quer ver comigo, agora, um de seus filmes prediletos, um filme chamado Horizonte Perdido. Digo para ela escolher a cena de que ela mais gosta, que não sei se aguento ver o filme inteiro. Ela põe o DVD e o avança e vemos a cena escolhida e depois fazemos sexo.

Digo que preciso ir embora, então nos levantamos do sofá e ela me acompanha até o portão e ficamos nos olhando e lhe dou um beijo. Uma Kombi de entrega de jornal passa e interrompo o beijo e me afasto de seu rosto e digo, é isso aí. Virgínia repete, é isso aí. Ando até meu carro e dou a partida. Observo que as lâmpadas da Vitorino Carmilo ainda são de vapor de mercúrio e que o céu ainda não começou a clarear. Hoje é o meu primeiro dia com trinta e sete anos.

NA POMPEIA, EM 1991

São nove horas e estou reclinado numa cadeira de *fiberglass*, na piscina do prédio da Priscila. Estou com meus óculos Ray-Ban Clubmaster e meu walkman está com a rotação diminuída e penso que preciso pôr pilhas novas nele. Fico voltando a introdução de uma faixa dos Ambitious Lovers, que tem um piano legal, na verdade essa introdução no piano é a única parte da música que me interessa. Priscila está com um maiô preto e lê uma dessas revistas femininas, acho que a *Cosmopolitan*. Eu deveria estar na faculdade, mas vim para o prédio dessa mulher de trinta e seis anos, comissária de bordo da Vasp, que me disse agora há pouco que se eu continuar vivendo como vivo vou acabar virando um desses playboys vagabundos que vivem à custa do pai até os quarenta anos, como se ela realmente se importasse com isso, com o fato de eu estar matriculado no quarto semestre do curso de administração na PUC, embora raramente eu vá às aulas, e como se essa coisa de fazer previsões sobre como serão as coisas daqui a vinte anos fosse um pensamento neutro para ela (daqui a vinte anos, em 2011, Priscila será uma velha de cinquenta e seis).

Acendo um Winston e me sinto um pouco tonto e desvio olhar da superfície ondulante da água. Desligo o walkman. Uma sequência de casas do outro lado da rua está sendo demolida. Penso nas peças de computador que preciso entregar hoje à tarde, o Dimas, o cara de Santos, atrasou, então o serviço todo ficou meio acumulado essa semana. Priscila me pede cigarro e lhe estendo o maço e o isqueiro e então ela diz que não deveria fumar porque grávidas não devem fumar e ela desconfia que esteja grávida e me pergunta, e aí?, eu ajusto os óculos e mordo o cigarro com os dentes incisivos e sorrio para ela. Priscila diz que vai fazer um exame e que abortará se der positivo porque ela não quer ter filho de um rapazinho quinze anos mais novo que ela que cabula as aulas da faculdade para vir comê-la de manhã, sempre de manhã, desde que estamos juntos você não dormiu uma única vez comigo, eu sou seu desjejum, por acaso? Tem iguarias mais interessantes para o almoço e para a janta?

Digo que ela não deve fazer o aborto, penso em contar a história do Andrew, que disse que andava comendo uma mina da MTV, na verdade era só uma telefonista da MTV, e que a menina ficou grávida e abortou e teve um surto psicótico e cismou que deveria sepultar o feto, que batizou de Kurt Vonnegut, e que durante o surto ela teve uma visão em que Jesus vinha até ela e dizia que o túmulo do Kurt deveria ter o epitáfio, fui

assassinado por minha mãe. Digo a Priscila que ela não deve fazer o aborto, mas não conto a história do Andrew. Priscila me pergunta, por que não devo fazer o aborto?, eu respondo apenas, porque não deve, Priscila solta um riso duro, seco, cheio de amargor.

Subimos ao apartamento para Priscila tomar banho e se arrumar, mas antes eu a como de novo e ejaculo em suas costas e lubrifico meu dedo com esperma e enfio o dedo lubrificado no seu cu enquanto ela se masturba com um vibrador clitoriano. Ouço-a entrar no chuveiro e fico deitado na cama, olhando para o teto. Coloco meu Ray-Ban Clubmaster e ligo a TV e desligo, e ligo e desligo, e tiro as pilhas do controle remoto e coloco no lugar as pilhas gastas do meu walkman. Abro sua *necessaire* e pego um Valium 10 mg e tomo metade e guardo a outra metade dentro do maço de Winston. Priscila não gosta que eu fume em seu apartamento, então vou à área de serviço e noto que não trouxe o isqueiro e acendo o cigarro no fogão e fico na janela, fumando e olhando para a torre do prédio da MTV.

Seguimos pela Henrique Schaumann no meu Escort XR-3. O trânsito piora na Brasil e na Pedro Álvares Cabral e na Rubem Berta e vai mais ou menos lento até o aeroporto. Eu fico voltando a fita na introdução da música dos Ambitious Lovers e Priscila se irrita com isso, por que você nunca deixa uma música tocar inteira? Penso em dizer que só pedaços da maioria das coisas merecem nossa atenção, mas acho que Priscila pode tomar isso como um comentário dirigido diretamente a ela e resolvo não dizer.

Estou com um cigarro apagado nos lábios, Priscila também não gosta que eu fume no carro para não pegar o cheiro em suas roupas. Estaciono e vejo uma placa amarela onde está escrito *check-in, arrivals, departures*, Priscila diz, pronto, agora vai poder fumar seu cigarrinho sossegado. Damos um beijo na trave para não desmanchar seu batom e ela diz, eu não deveria dizer o que eu te vou dizer, eu deveria deixar você bem encucadinho, sabe?, mas eu sou uma mulher madura demais pra esse tipo de jogo. Minha menstruação desceu. No banho.

Assinto com a cabeça. Volto a introdução da música dos Ambitious Lovers e coloco o cigarro atrás da orelha e pergunto por que ela acha que deveria ter me ocultado isso, me deixando preocupado a respeito da possível gravidez. Priscila responde, porque você não merece desafoço, moleque. Espero que ela diga mais alguma coisa, então Priscila tira os

óculos de sol da bolsa, um Ray-Ban Olympian que é muito grande para seu rosto, e diz apenas, sabe, Edu, eu quero que você se foda. Ela desce e vejo-a entrar no saguão de Congonhas, CGH. Eu tiro os óculos, mas a luminosidade do dia está ofuscante demais – tudo está ofuscante demais –, então os coloco de novo. Um Electra da Varig se aproxima e espero para ver se ele não vai explodir no pouso. Desligo o toca-fitas, engato o carro e entro no fluxo da Washington Luís.

APARTAMENTOS

Duas vezes por semestre Roberto Nakashima escolhe uma prostituta. Escolher, preferir, eleger, optar, antepor, o que determina nossas preferências é sempre subjetivo. Nakashima, por exemplo, sempre escolhe mulheres com dentes estragados.

Na Rua do Triunfo, em frente a um bar em cujo toldo está escrito lasanha nordestina, Nakashima aborda uma mulher. Ela tem o corpo bem-feito e é mais ou menos jovem. Nakashima a estimula a falar, pois precisa ter certeza de que ela é o que ele está buscando. A mulher, que se chama Luba, diz que atende num hotel próximo dali, mas Nakashima diz que prefere levá-la a outro lugar.

Como alguém pode descuidar tanto dos dentes?, ele pensa, enquanto vão caminhando ao ponto de táxi. Hoje qualquer um vai ao dentista, até caixa de supermercado usa aparelho, os tratamentos baratearam muito. A primeira mulher do semestre passado era usuária de drogas, o que explicou o estado tétrico de sua dentição. Mas essa nova, Luba?, masturbado no carro não tem cara de viciada.

O táxi percorre trinta reais e os deixa em frente a uma casa, na Acimação. A sala dessa casa tem qualquer coisa de impessoal, mesa de centro com revistas, um sofá, o pôster de um quadro retratando um vaso de flores em cuja base se lê Raoul Dufy. (Nakashima sempre achou que esse vaso e esse arranjo floral lembravam a cabeça de sua ex-mulher, Olívia. Ele conheceu Olívia em 2007, quando a viu numa loja em Caraguatatuba comprando envelopes e selos. Ninguém mais escreve cartas, ninguém mais tira fotos com filme, se você disser que vai bater à máquina suas cartas juro que vou acreditar, Nakashima disse. São para o Papai Noel, Olívia respondeu, preciso distrair meus sobrinhos, sou professora de inglês, tenho vinte e seis anos, etc.) Luba, a prostituta com dentes estragados colhida na Rua do Triunfo, pega uma revista da mesa de centro e pergunta que lugar é aquele. Nakashima responde, eu trabalho aqui.

Desde que sua licença profissional foi cassada, há catorze meses, Nakashima tenta consumir seus dias ocupando-se de algum modo. Por exemplo: no dia anterior ao da abordagem da prostituta na Rua do Triunfo ele se ocupou indo ver as meninas treinarem.

Toda quarta-feira à noite, no ginásio poliesportivo perto de sua residência, ocorre o treino de um time de vôlei feminino da segunda divisão. Nakashima sempre os assiste, recostado na arquibancada, às vezes ouvindo músicas em seu tocador de mp3. Aquele esporte tem um efeito relaxante para ele. Nakashima já tentou ver partidas de basquete e handebol, mas não foi a mesma coisa.

A princípio as jogadoras ficaram alvoroçadas com a presença daquele estranho, sempre usando um casaco preto com capuz, pensando que talvez ele fosse olheiro de algum clube da superliga série a. Depois, cogitaram que ele fosse estálquer de alguma delas. Com o correr das semanas, não tendo ele nenhuma vez saído de sua posição de espectador, passou a ser ignorado por todas, menos por Lavínia.

Quando veio de Lins, Lavínia tinha um impressionante percentual de acertos em saques e era tida como uma das jogadoras mais promissoras dos torneios regionais do oeste paulista. Porém, sem nenhum motivo explicável, seu desempenho começou a cair. O técnico já conversou com ela em particular, foi uma conversa conduzida com tato, mas o recado foi transmitido, não vai dar para mantê-la no time se ela não mostrar resultados consistentes.

Voltar para o interior significaria para Lavínia prestar concurso para ser professora de educação física em algum colégio estadual, na hipótese mais ambiciosa trabalhar no salesiano. Como explicar os erros que vem cometendo? Na última partida, elas estavam com seis pontos de vantagem no tie-broke, então ela jogou duas bolas para fora, o time se desestabilizou e acabou sendo derrotado.

Coincidência ou não, essa péssima fase começou quando o sujeito do capuz preto (que ela ainda não sabe que se chama Roberto, tampouco Nakashima) passou a assistir aos treinos. Tem gente que dá azar, que mesmo sem querer emana influências maléficas. Aquele sujeito, Lavínia tem certeza, faz parte desse grupo. Ela até já marcou hora com uma espírita, a mãe Ingrácia, para buscar alguma orientação.

Faz dois anos que o único homem com quem Luba (dentes estragados) tem uma relação contínua é o Fiat Elba, seu protetor. Portanto, ver um mesmo homem pela segunda vez (Roberto Nakashima) é para ela uma grande prova de permanência e confiabilidade.

Nakashima a trouxe de novo à casa na Aclimação. Dessa vez, porém, antes de fazerem sexo, os dois têm uma relação de dentista e paciente. A primeira coisa que Roberto faz em sua boca é a limpeza de tártaro, em seguida substitui uma restauração que estava infiltrada. Luba diz, com um pouco de vergonha, que fazia mais de dez anos que não tratava os dentes. Nakashima orienta-a a mastigar só do outro lado até o dia seguinte. Dá seu número de telefone e diz que se ela sentir dor pode ligar, sua cárie estava bem funda, talvez o nervo inflame, aí vamos precisar fazer canal. Já em casa, no final da noite, Luba fica admirando seus dentes clareados pela limpeza. Roberto. O que aquele homem quer com ela, afinal de contas?

Talvez por alguns fatos relacionados à sua origem, Nakashima é um homem constantemente compelido à caridade. Desde que era recém-formado sempre reservou um dia da semana para atender pessoas que não podiam pagar. As prostitutas em particular sempre lhe inspiraram sentimentos piedosos, por serem pessoas especialmente vulneráveis à exploração e às misérias todas decorrentes disso. Uma vez Nakashima leu uma história em que um sujeito ensinava prostitutas analfabetas a ler. É isso: tratar seus dentes arruinados também é uma maneira de lhes infundir amor-próprio. Não que ele pretenda transformá-las em mulheres supostamente virtuosas, tirá-las da vida, etc. Sua motivação é que quem adquire respeito por si mesmo não cai tão fácil nas garras de tipos manipuladores. Sua outra motivação, essa estritamente pessoal, está ligada a uma tentativa de expiação de o que ele chama de o grande erro, talvez o único erro realmente grave que cometeu na vida.

Lavínia, a jogadora de vôlei, corre e alcança o homem que ela acredita que está causando sua desgraça, na saída do ginásio poliesportivo. O homem, que se apresenta como Roberto, de cara desfaz um pouco as fantasias macabras que Lavínia vinha nutrindo sobre ele. Ele é simpático, não parece um espreitador ou coisa pior. A conversa que os dois têm num café é agradável e fluente. Em todo caso, é melhor não se deixar levar por primeiras impressões. Mãe Ingrácia lhe passou a receita que neutralizará a influência espiritual nefasta do sujeito. O fato de ele ser um homem bonito diminui um pouco seu desconforto com o que a médium prescreveu, já que Lavínia é lésbica e nunca teve qualquer contato sexual genital com homens (embora os filmes pornográficos que

eventualmente veja sejam sempre com casais heterossexuais; a categoria que Lavínia mais tem buscado atualmente no site pornhub é a de mulheres fazendo sexo vestidas de noiva).

No encontro na semana seguinte, Lavínia cogita levar Roberto à sua casa, mas tem uma ideia mais simples. Os dois vão ao cinema no carro dela e, na hora de deixá-lo, Lavínia o beija e por fim o masturba. A caixa de papéis absorventes já estava providencialmente no porta-luvas. Ingrácia disse que o papel com a semente masculina devia ser deixado secando por três dias e depois deveria ser queimado. Também deveria estar escrito no papel o nome e o sobrenome do homem em questão. A médium deu cem por cento de certeza de que com isso ela voltará a jogar bem.

Que coisa, hem?, Lavínia diz, secando a mão. Na próxima vez juro que subo a seu apartamento. Aliás, posso te adicionar no Facebook?

Pode, claro.

Qual seu sobrenome?

Nakashima.

Nakashima? Nakashima parece nome japonês. E você não é japonês.

Sou filho adotivo. Meus pais adotivos eram nisseis.

Isso sempre acontece, a garota de programa acabar apaixonada por ele. Luba se empolgou com as ideias de autonomia e autodeterminação que Roberto foi lhe expondo à medida que o tratamento progrediu (catorze cáries, etc.) e começou a querer se afastar de Fiat Elba. Mas em sua fantasia Roberto o substituiria, como protetor e provedor. Um provedor, um marido, sim, um marido bom e generoso, que não a humilharia nem bateria nela, como Fiat faz, principalmente nas fases em que ele está mais propenso aos ataques de epilepsia. Dentista é mesmo uma bela profissão. Meu marido é dentista, ela passou a dizer a si mesma várias vezes por dia, como se ensaiasse as falas de um futuro e desejado papel. Também passou a fantasiar seu nome de casada, Lubanilce Gonçalves de? Nunca conseguiu decifrar o sobrenome de Roberto, escrito naquela letra rebuscada do diploma, e não lhe perguntou para não parecer bisbilhoteira.

Fiat Elba vê na televisão que as mulheres andam insatisfeitas com seus relacionamentos. Os homens não sabem mais lidar conosco, diz uma das debatedoras. O cenário em que a discussão ocorre tem ao fundo o símbolo feminino, um círculo pintado em rosa com uma cruz na parte inferior. Sem-vergonhas de uma figa, pensa Fiat Elba, passando a língua num dente cuja restauração está trincada. Além de estar sem plano de saúde e de seu nome estar no spc, ir ao dentista é uma das coisas que Fiat Elba vem postergando por falta de dinheiro. Sua namorada, Luba, vem ganhando cada vez menos na viração. (Fiat diz que é namorado de Luba, não cáften. Sim, ela banca as despesas de casa, mas isso não é cafetinagem, e sim divisão de tarefas.) Apesar de ganhar cada vez menos, ela, aquela piranha, foi ao dentista. Disse que o cliente ofereceu tratar os dentes dela pra pagar os cachês. Isso acabou gerando uma briga em que ela chamou Fiat Elba de pé de chinelo invejoso.

João liga ao Fiat Elba e diz, cara, vamos dar uma volta, você anda muito tenso, precisa espairecer um pouco. João, que é amigo de Fiat Elba desde o tempo do exército, conseguiu dois ingressos para uma luta livre. A garota com quem João está saindo é uma daquelas que passam de maiô em frente ao ringue segurando uma tabuleta, primeiro round, segundo, etc. Eles chegam ao ginásio, que está com menos de cem pessoas. Um sujeito de smoking anuncia a luta entre Michael Jackson, o mocinho, e a Múmia Preta, o bandido. A plateia faz fiu-fius para a namorada do João, o gongo é tocado e a luta começa. Michael Jackson mistura voadoras e passos de break, a Múmia Preta cai, mas passa uma rasteira em Michael. A plateia vaia e xinga, a múmia vem às cordas e gesticula insultos.

Fiat Elba se lembra da primeira vez em que foi ao estádio ver um jogo de futebol. Ele, que nunca tinha visto o pai dizer palavrões, ficou um pouco chocado ao vê-lo gritar o tempo todo vai-caralho e filho da puta. A impressão que teve foi de que as pessoas iam ao estádio não por causa do jogo, mas para externar seus ódios. Seu pai, que uma vez se vingou do amante da mulher (madrasta de Fiat) colocando um pangaré velho e doente para cruzar com uma égua puro-sangue do haras do sujeito. Que vingança ele podia fazer com o tal dentista que, parece, está virando a cabeça da Luba?

Nakashima vem pensando na elegância das coisas esguias: canetas esferográficas, cegonhas, aqueles primeiros jatos comerciais, fabricados

nos anos cinquenta. Lavínia, a jogadora de vôlei. Lavínia se parece muito com sua ex-mulher, Olívia (cabeça análoga ao vaso de flores pintado por Raoul Dufy), o mesmo biótipo, a mesma radiância da pele, a mesma eloquência gestual. Aliás, isso sempre foi uma oposição fundamental para Nakashima, de um lado as coisas longilíneas, bem proporcionadas, retas, simétricas, reverenciáveis, e de outro as coisas balofas, amorfas, disformes, assimétricas, opacas, desprezíveis.

Essa dialética foi levada às últimas consequências por Nakashima no caso que o levou a perder o diploma de odontologia (caso que ele chama de o pequeno erro). Sua paciente, que se chamava Wilma, lembrava aquelas megeras dos desenhos do Pica-Pau, com um corpo que parecia um saco de cimento, um tom de voz rude e uma risadinha ofegante de obesa mórbida. E o assunto da mulher era doença. Só doença. Câncer. Tumores. Miomas e eczemas. Quanto mais podre, melhor. Nakashima, apesar de ser um profissional de saúde, sempre odiou falar sobre patologias. Um dentista, no seu entender, estava mais para marceneiro do que para médico. Porém, sua roupa branca devia ser um grande estímulo para a senhora saco de cimento, então, doutor, eu disse pra ela que não devia ser tumor, não, que devia ser só uma verruga com sebo. Ao ouvir aquela coisa inenarravelmente asquerosa, Nakashima teve um esgar de repugnância que fingiu ser um quase-sorriso e disse apenas, vamos lá?, já com a seringa na mão. Anestesiou-a e extraiu um dente frontal de Wilma, da mandíbula superior, um dente que estava intacto, o que a deixou parecida com alguém que tivesse se fantasiado de caipira para uma festa junina.

Desde o dia em que foi masturbado no carro Nakashima não voltou ao ginásio para ver os treinos do time de vôlei. Aquele contato sexual imprevisto com Lavínia rompeu a neutralidade de sua presença na arquibancada e inviabilizou o relaxamento que experimentava como espectador. Já os encontros sexuais com Luba no consultório continuam a acontecer, mesmo depois do término do tratamento dentário. Nos últimos foi acrescentado o artifício de uma lâmpada estroboscópica ligada durante o sexo. A lâmpada foi instalada no consultório como equipamento de segurança (ativada por sensores, desnorteia os eventuais invasores e reduz a possibilidade de consecução de qualquer ato ilícito, furto, etc.). O sexo feito sob flashes estroboscópicos, além de desencadear orgasmos violentos, dá a Nakashima uma sensação de irrealidade que o leva a se sentir, durante a cópula, numa espécie de pesadelo agradável relacionado à instabilidade, mesa estável que depende de um piso estável que depende

de uma laje estável que depende de colunas estáveis que dependem de um solo estável que depende de placas tectônicas estáveis.

Fiat Elba pesquisa e descobre que a faca mais letal que existe é uma tal de *jagdkommando tri-dagger*. Pensa em procurar um sujeito nas docas do ceagesp que aluga armas, mas decide usar uma faca comum, dessas que a gente tem em casa. O dia está quente e seco em São Paulo, faz quarenta dias que não chove, Fiat ouviu na TV um sujeito dizer que o índice pluviométrico está o mais baixo dos últimos dez anos. Essa é uma das palavras complicadas que ele conhece, pluviométrico. Antes de chegar à estação do metrô, lembra-se de outra: teriomórfico. A superstição de não se assobiar em bosques. O assobio que sente no ouvido quando vai ter um ataque epilético, aquilo que os médicos chamam de aura. Como é que um sujeito como ele, que conhece tantas palavras difíceis, foi ter um destino tão ruim?

Desce pela escada rolante e caminha até o guichê, onde compra duas passagens. Anda até a plataforma e aguarda o trem. Foi numa estação como aquela que ele teve o primeiro ataque, aos dezoito anos. Hoje a epilepsia está, de certa forma, sob controle. Fiat Elba sobe no vagão (faca no bolso, oito estações até Ana Rosa) e vai pensando na época em que morou no Guarujá e trabalhava como vigia noturno num prédio. Uma noite ele foi acordado por uma moça segurando um cão whippet que se debatia, meu cachorro está tendo uma crise, ele é epilético, não sei o que fazer, será que tem alguma clínica aberta agora aqui na região? Antes que Fiat Elba pudesse oferecer um de seus emergenciais comprimidos anticonvulsivantes o cachorro começou a melhorar. Ele e a moça, então, ficaram conversando. Fiat perguntou qual era o nome do cão e a moça disse, ainda não escolhi. Então Fiat perguntou se fazia tempo que ela estava com o cachorro e ela respondeu, rindo, que fazia três anos, eu já devia ter escolhido um nome, não é mesmo?

Por que o destino não colocou uma mulher como aquela, a do cão whippet, loira, jovem, educada, bonita, para ser sua? O destino é mesmo uma coisa engraçada. Você decide com certa displicência ir a uma festa, e lá conhece uma mulher com quem viverá os próximos quarenta anos. Ou então: você tem um namoro insatisfatório com uma mulher que tem vontade de fazer sexo só a cada dez dias, então você conhece na fila de um restaurante uma mulher que gosta de transar diariamente. O livre arbítrio

e a fatalidade costumam ser cúmplices quando fatos cruciais acontecem conosco.

O trem para na estação Ana Rosa, Fiat Elba sai e atravessa a Rua Vergueiro e desce até a Paula Ney e vai vendo a numeração (Aclimação, bairro de burguês vacilão), então ele vê Luba carregando uma sacola de compras. Corre na direção dela, que quando o vê tenta entrar rapidamente no consultório e trancar a porta, mas não consegue. O barulho de vozes em tom de altercação faz Nakashima descer correndo da parte de cima da casa e se deparar com aquele sujeito segurando o braço de Luba, a lâmpada!,ela diz, liga a lâmpada!, Nakashima ativa o sensor e a sala submerge na iluminação estroboscópica, o que imediatamente causa uma convulsão em Fiat Elba (epilepsia fotossensível). Ao percebê-lo caído, se debatendo como um peixe que tivesse saltado do aquário, Nakashima desliga o sensor. Ele não entende nada do que acabou de acontecer, mas Luba entende, então Nakashima se senta no braço do sofá e pega o telefone e olha para aquele homem se debatendo no chão, e Luba diz alguma coisa e Nakashima olha pra ela.

O PARCELAMENTO DA DÍVIDA

Cristiano desce do táxi e caminha até o prédio. O vigia noturno está dormindo, então Cristiano toca o interfone três vezes até o portão ser destravado. Diz boa-noite ao passar pela guarita, atravessa o hall e fica um tempo parado em frente ao elevador. Não poderá vomitar em casa, vômito faz muito barulho e sua mulher não pode saber que ele voltou a beber.

O banheiro dos funcionários fica no salão de festas, porém Cristiano decide subir à piscina. Deitar-se numa das espreguiçadeiras depois de vomitar vai fazê-lo se sentir melhor. Ele chama o elevador e aperta o décimo sétimo andar. Depois, sobe um lance de escada. Ao entrar na cobertura, Cristiano se depara com o zelador fazendo sexo com o rapaz que está morando com ele, alegadamente um sobrinho que veio de Maceió.

Enquanto volta para o térreo, Cristiano se lembra da musiquinha que a garotada do prédio onde ele passou a infância cantava para o zelador, desci no elevador, comendo o zelador. Pensa também num sonho recente que teve, no qual Angélica apontava um lápis e espalhava grafite moído pelo tórax dele, agora você está lubrificado e poderá entrar de corpo inteiro em mim, vamos, venha. Será que esse sonho significa que Cristiano está com medo de acabar sendo totalmente absorvido pela amante? *Malleus Maleficarum, maleficas & earum haeresim, ut framea potentissima conterens*. Ele chega ao salão de festas, que hoje é um depósito de entulhos, móveis quebrados, etc. Ajoelha-se em frente à privada e vomita. Depois, lava o rosto e faz um gargarejo com o enxaguante bucal à base de álcool que vem usando para disfarçar o constante cheiro de uísque que há em sua respiração.

Trabalhar sob efeito de bebida não lhe afeta a performance, avalia Cristiano, enquanto termina de tomar banho. Se fosse cirurgião talvez, mas seu trabalho consiste apenas em ouvir as histórias cretinas de seus pacientes e riscar receitas de calmantes. Ele sai do banheiro e, para não entrar no quarto, onde a mulher possivelmente já está dormindo, pega uma camiseta e um calção na pilha de roupas que estão para passar. Volta à sala, estira-se na poltrona e fica olhando para a janela. O mal-estar se dissipou, agora Cristiano se sente só letárgico.

O barulho do elevador ressoa na parede do apartamento contígua ao poço por onde se deslocam essas máquinas de subir e descer. Cristiano se levanta, vai até a porta e olha apreensivo pelo visor. Tem a impressão de que o elevador parou em seu andar. O zelador sendo sodomizado, etc. Sim, que-que o machão nordestino vai fazer, agora que um morador descobriu tudo? Virá matar? Intimidar? Ou pedirá demissão sem explicar o motivo? Seu Raimundo, subi no elevador comendo o zelador, puxou um revólver e mandou os moleques do prédio calarem a boca. Isso foi em 1990. Será que alagoanos esquentados, piauienses de pavio curto e potiguaras descendentes de cangaceiros ainda resolvem os conflitos na base do pau de fogo?

Cristiano se afasta da porta, mas o fato de não ver ninguém no hall não o tranquiliza. Pega o taser (arma que mantém no consultório para se defender de um eventual paciente agressivo) e sai ao corredor. Os elevadores estão em outros andares. Ele olha na escada, não há ninguém.

Volta ao apartamento e se deita no sofá.

E se ele matar o zelador, como-é-que-é-o-nome-do-cara-mesmo?, antes de ser morto? E – pior, porque muito mais provável – se não for o zelador a pessoa que o está espreitando?

Apesar de jamais ter se envolvido com vizinhas, mesmo quando era solteiro, Cristiano acabou cometendo uma imprudência semelhante, já que Angélica (sonho do lápis sendo apontado, etc.), sua amante, é amiga de um casal que mora no décimo quarto andar. Uma vez ela passou uma mensagem, estou aqui na escada, venha. Foi a única vez em que fizeram sexo no prédio. Cristiano depois disse que era melhor aquilo não se repetir, que era arriscado, etc. Ela disse o.k. e não fez mais propostas com aquele teor. Porém nunca se sabe se uma mulher aparentemente equilibrada no fundo não passa de uma insana. E se ela decidir mandar para Sílvia, mulher de Cristiano, os quadros que pintou dele nu?

Uma vez Cristiano viu um filme em que um homem apontava um revólver para o próprio pênis e dizia, eu devia atirar, você só me trouxe problemas a vida toda. *Malleus maleficarum* é um livro medieval que ensina a identificar bruxas. Há um frasco de Rivotril na cristaleira. Cristiano se levanta, toma dezesseis gotas e se deita, dessa vez no chão.

Sim, agora não há dúvida, o elevador parou ali, no andar dele. Cristiano olha para a porta, aguardando ver a maçaneta ser girada.

A maçaneta é girada.

Em seguida ele ouve o barulho de chave entrando na fechadura. A louca de alguma forma deve ter conseguido fazer uma cópia. Sim-sim, Cristiano já deveria ter notado que Angélica vem se tornando cada vez mais agressiva e desafiadora.

Mas e se for o zelador? Zeladores costumam ter –

Cristiano corre e se posta ao lado da porta segurando o taser. O aparelho, designado arma de baixa letalidade, dá um choque elétrico de cinquenta mil volts e zero vírgula zero zero trinta e seis ampère. A eletroconvulsoterapia, prescrita para casos de depressão refratários a tratamento medicamentoso, usa descargas elétricas de baixa voltagem e amperagem. Já a execução de prisioneiros na cadeira elétrica usa amperagens e voltagens altíssimas. Antes de voltar a beber Cristiano experimentou atenuar sua angústia correndo de moto, sempre domingo de manhã, sempre na estrada vicinal entre Itu e Jundiaí. Algumas vezes filmou a travessia, com uma câmera acoplada ao capacete.

A moto de Cristiano é uma Ducati 1098. A Ducati 1098 acelera de zero a cem em aproximadamente 2,5 segundos e chega a atingir a velocidade de 271 km/h. Sílvia, sua mulher, sem querer acabou vendo uma das filmagens e disse, você é um demente.

A porta, enfim, é aberta.

A diferença entre suspense e surpresa é que no suspense sempre sabemos o que nos ameaça. Já a surpresa nos surpreende por não termos pensado em nenhum instante naquilo que vem a nos surpreender.

Então quer dizer. Então quer dizer que Sílvia. Então quer dizer que Sílvia não estava no quarto. Então quer dizer que Sílvia não estava no quarto, dormindo ou fingindo dormir.

Sílvia, parada no umbral da porta, olha para o rosto de Cristiano. Depois olha para o taser na mão dele e solta um riso seco, sarcástico, nasal. Entra na sala, põe a bolsa na mesa e diz, senta. Precisamos conversar.

Cristiano obedece. (Onde Sílvia podia estar a essa hora?)

Seja lá o que ela vai dizer, o fato de ela não representar uma ameaça imediata, o fato de ela ser uma ameaça parcelável e negociável, ainda que potencialmente muito destrutiva, é algo bastante alentador para Cristiano, agora, nesse instante, aqui.

LÉSBICAS

Eu fui casado duas vezes, mas não tive filhos.

Sou alto, forte, tenho olhos azuis, tudo coisa que as mulheres apreciam, mas mesmo assim elas não quiseram engravidar.

Vai ver que é porque na época eu não tinha grana.

Não que hoje eu tenha, mas minha situação melhorou um pouco, agora eu tenho apartamento, carro, etc., daria para ter um filho sem maiores apertos.

Márcia, de quem continuei amigo apesar da separação, às vezes me diz, tá virando magnata, hem, olha que eu acabo casando com você de novo.

Claro, é tudo brincadeira, inclusive hoje ela está casada.

Aliás, eu fui a primeira pessoa para quem ela contou, Rodrigo, senta que tem novidade, estou namorando uma mulher.

Mulher?

Nunca imaginei que a Márcia etc., talvez por ela ser muito bonita.

Estefânia, sua namorada, ou melhor, mulher, também é bonita, não tanto quanto Márcia, mas é bonita também, o que derrubou minha crença de que as lésbicas são sempre mulheres feias e virilizadas.

Outra coisa que eu tive de mudar foi a crença de que as lésbicas necessariamente rejeitam o papel de mãe, o que não é verdade: Estefânia e Márcia decidiram ter um filho e me convidaram para ser o pai.

Ser pai.

A despeito de várias dúvidas e ponderações, o fato é que não resisti à tentação de voltar fazer sexo com a Márcia e de ejacular dentro dela, ejacular pela primeira vez, sim, apesar de termos sido casados durante três anos ela nunca deixou que isso acontecesse, meu ciclo é irregular, pílula me faz mal, etc.

Márcia engravidou com surpreendente facilidade, beta hcg plasmático reagente positivo.

Agora ela está no quarto mês de gestação.

Venho acompanhando a gravidez pela rede social, Márcia publica muitas fotos e todo mundo comenta, nossa, Má, você está linda grávida, o que é verdade, parece que a gravidez vem deixando Márcia mais espantosamente bonita do que ela já é.

Ontem ela me escreveu dizendo que precisava falar comigo, combinamos um almoço e ela foi sozinha, então ela falou que está em crise com a Estefânia, que a gravidez criou uma grande rivalidade entre as duas, que Estefânia a cada dia está mais maledicente e rancorosa, acho que ela está com inveja de mim, Rodrigo, não sei mais o que eu faço, será que se você também a engravidasse resolveria alguma coisa?

Estefânia, sim, decidiu ser fecundada e providenciou por conta própria um sujeito para realizar a tarefa. Disse para Márcia, não preciso do seu homem pra fazer filho em mim, ouviu? Tenho capacidade de arranjar as coisas do meu jeito.

O homem que Estefânia escolheu para engravidá-la também era alto, forte e tinha olhos azuis. Os bebês de Márcia e Estefânia nasceram e logo as duas começaram a publicar fotos deles na rede social.

As fotos sempre recebiam muitos comentários, aaaaaaiii, que coisa mais fofa!, gentemmm, é fofice demais, não é???, etc., mas as fotos do bebê da Márcia, que herdou meus olhos azuis, logo passaram a ser mais comentadas e a receber mais curtidas que as fotos do bebê da Estefânia, que não herdou os olhos azuis de seu pai biológico.

As brigas entre Márcia e Estefânia culminaram com a separação do casal. Estefânia voltou para a casa da mãe, no Mato Grosso do Sul. Márcia passou a me solicitar para ajudá-la com as rotinas do bebê, que a cada semana que passava ia ficando mais parecido comigo.

Também voltamos a fazer sexo e Márcia sempre dizia, pode gozar dentro, sim-sim, agora que eu não sou mais um pobretão, agora que tenho apartamento e carro posso gozar dentro da mulher que eu quiser, Márcia me telefonou numa sexta-feira de manhã e disse que estava grávida de novo e me mandou uma foto do papel do laboratório, beta hcg plasmático reagente positivo, e eu respondi com um emoticon com uma carinha sorridente seguida de um ponto de exclamação e Márcia disse que ia postar a foto do exame na rede social e eu disse, não, não faça isso, é

melhor não, e a Márcia disse, é, tá certo, melhor não, então Márcia me perguntou se eu estava feliz e eu respondi que sim, estava.

PRAZERES

Mario vê que o conjunto comercial ao lado do seu está em reforma e vai perguntar ao zelador.

O zelador responde, parece que vai ser um negócio de aleijado aí.

O prédio onde Mario trabalha tem seis andares e é usado por profissionais liberais.

Ao ouvir a palavra aleijado, Mario, que é oculista, imagina pessoas sem braços e sem pernas subindo no elevador com ele.

Desde pequeno Mario se sente incomodado com deficientes, uma vez na escola foi obrigado a dançar quadrilha com uma menina com síndrome de down, a visão dos garotos mais velhos rindo dele o traumatizou por anos.

A reforma termina e um cartaz é colado na porta, grupo de apoio aos portadores de deficiência auditiva. As reuniões começam a acontecer, sempre às quartas e sábados. A coordenadora do grupo é uma mulher jovem e atraente chamada Elvira e Mario, contrariando suas antigas disposições, logo se apaixona por ela.

Namorar uma portadora de surdez que fala e tem grande destreza na leitura labial desobriga Mario de aprender aquele idioma de sinais feitos com as mãos. O sexo com Elvira é uma comunhão eufórica e gratificante, seus gostos pessoais são compatíveis, ambos se sentem estimulados com a companhia do outro, um ano depois de se conhecerem Mario e Elvira se casam.

O casamento transcorre bem até que começa a transcorrer não tão bem e disso degenera numa convivência hostil.

Mario passa a implicar com o tom de voz de Elvira (“é alto demais, e às vezes ela parece uma retardada falando”). Outra coisa que Mario passa a detestar é quando vê Elvira conversando pela internet com um rapaz, sempre o mesmo, usando a linguagem das mãos (“acho grotesco, aquelas mãozinhas fazendo aqueles gestos rápidos todos, sempre saio da sala”).

O único prazer que agora Mario tem no casamento é quando põe pra tocar, enquanto almoça com Elvira, os áudios dele tendo conversas eróticas com outras mulheres. E o único prazer de Elvira é olhar para

Mario, rir-se por dentro e pensar em todas, todas as coisas que o marido desconhece sobre ela por ignorar o alfabeto manual dos surdos-mudos.

PRAZER SOLITÁRIO

Sou um homem educado, estudei em colégio interno em Lausanne, na Suíça, falo quatro idiomas, entendo de pintura, sei quais composições de Arnold Schoenberg são atonais (*Pierrot Lunaire*) e quais são dodecafônicas (*Moses und Aron*), sempre que minha mulher está fechada no quarto bato na porta e digo com licença. Acho a etiqueta, palavra originada do grego *ethos*, um assunto fascinante, um saber sob muitos aspectos superior à filosofia. Tenho edições raras dos manuais de Bonvicino da Riva, de Giovanni della Casa, de François de Culières. Mas também sou um sátiro, um hedonista, um homem devotado aos crus e grossos prazeres sensuais. O mais recente livro que arrematei em leilão, um pequeno volume in oitavo impresso em Varsóvia, em 1931, trata de um prazer controverso que durante a história sempre suscitou embates entre detratores (muitos) e defensores (raros). A bibliografia desse assunto não é muito extensa, então posso dizer que tenho virtualmente todos os livros que foram publicados a respeito dele nos últimos cinco mil anos.

Um dia minha mulher falou, Eugênio, mais um livro que você trazer para casa eu vou embora, chega de livro aqui. (Minha mulher é uma débil mental, só compra esses *best sellers* com capas cafonas, compra e só, nem essas porcarias ela consegue ler.) Outra coisa que andava me indispondo com ela é o fato de eu fumar cachimbo (fumo desde que larguei o cigarro, tive que parar, infarto, stents, não enfartei por ser velho, tenho só trinta e nove anos, minha família tem histórico de problemas no coração, tentei fumar charuto mas não me adaptei), foi então que eu decidi alugar um apartamento para colocar parte da minha biblioteca e poder cachimbar em paz.

Virgínia, que é uma de minhas namoradas (amante é uma palavra deplorável), está lendo agora com impostação teatral um trecho do livro editado em Varsóvia sobre o tal prazer controverso, execrado, ignóbil, etc. Como ela não sabe polonês limita-se a emitir as palavras com os sons que as vogais e as consoantes têm em nosso idioma, *wraz z opisemprzyjemności*, está boa a pronúncia?, ela pergunta, rindo, respondo que está excelente. Virgínia então me estende o livro e diz, pronto, já fiz minha parte, agora traduza, quero saber que prazer proibido é esse que anda tentando o meu homem. E, aliás, nem pense em fugir hoje, viu?, eu quero te ver fumando, desde que te conheço eu nunca te vi com o cachimbo aceso.

Conheci Virgínia no teatro, quando ela estava fazendo um monólogo no qual aparecia nua em cena. O texto era medíocre, eu tenho quatro amantes, Januário, Márcio, Júlio, Augusto, meu apelido é Clotilde Calendário, mas Virgínia também é uma atriz medíocre, o único atrativo daquela peça era a exibição de sua soberba nudez. A visão de seu corpo me levou até a fazer algo que raramente faço, cheguei em casa e me masturbei, então amigos em comum nos puseram em contato e na semana seguinte ela veio pela primeira vez aqui no meu apartamento-biblioteca.

Normalmente tenho vontade de ficar sozinho depois do sexo, logo chamo o táxi para qualquer mulher que eu traga aqui e aí fico horas entretido com meus livros e meu cachimbo. Mas isso não ocorre com Virgínia, apesar de ser má atriz ela é inteligente e sua conversa é agradável, o prazer de fodê-la e o prazer ouvir as histórias sempre curiosas que ela conta podia ser acrescido àquele outro prazer que ela mencionou, o prazer proibido que anda tentando o, entre aspas, homem dela.

As mulheres têm nojo dos homens que não cortam as unhas, dos que têm mau-hálito e dos que cospem, li uma vez num dos manuais de etiqueta que em situações íntimas caso seja necessário o auxílio da saliva para introduzir o pênis *intra vas* a coisa deve ser feita com discrição, um cavalheiro não cospe diretamente na própria glândula, sobretudo à vista da amada, pois isso é um hábito próprio de carvoeiros e carroceiros. Enquanto olho para a capa do livro que Virgínia me devolveu eu penso, digo ou não digo? *O Przyjemności Plucie*, Warszawa, Polska, 1931, *Sobre o Prazer de Cuspir*. Descobri o inigualável prazer de cuspir quando comecei a fumar cachimbo, já que o cachimbo estimula a salivagem bem mais que outros tipos de tabaco, especialmente nos iniciantes. Além de livros raros, agora também coleciono escarradeiras, a última que comprei foi uma peça da Guerra Civil Americana, lá estão gravados em baixo relevo o símbolo da União e a data, 1862. Não sei se é porque foia última que eu comprei, mas é essa escarradeira que eu tenho usado quase que exclusivamente. Meu sonho seria fazer amor com Virgínia e depois ficar conversando com ela aqui na sala, fumando cachimbo e cusbindo.

Ponho o livro de volta na estante e pego um cachimbo e uma lata de tabaco. Acondiciono-o no forninho e digo à Virgínia, hoje é você que vai fumar. Ela olha para o cachimbo com curiosidade, o leva a boca e diz, elementar, meu caro. Giro a pedra do isqueiro, aproximo a chama e digo para ela fazer algumas sucções curtas até o tabaco acender. Digo também

para ela não tragar a fumaça. Mulheres não ficam elegantes fumando cachimbo, ao contrário do charuto, que confere a algumas um ar provocativo e licencioso. Virgínia bafora algumas vezes e diz, queima um pouco a língua, né?, ai, tô com vontade de cuspir, eu pego a escarradeira, ela cospe e dá risada, eu rio também. Ela me estende o cachimbo e diz, não quero mais, fuma você o resto, digo que agora não estou com vontade.

Levo a escarradeira ao banheiro e a lavo, pensando, sem chance, cuspir é mesmo muito feio, não dá pra fazer isso na frente de ninguém, até a Virgínia, sendo tão teatral e tudo, ficou grotesca cuspindo. Volto à sala e ficamos dando uns beijos, quando ela perguntar de novo sobre o tal prazer proibido invento qualquer coisa, a lista dos prazeres humanos não tem fim, alguns são solitários (cuspir) e outros não – Virgínia se levanta, me puxa pela mão e me leva para o quarto.

CU E BOCETA

Paula sai do happy hour.

O manobrista lhe entrega o carro, ela se põe em movimento sem prender o cinto. Percorre menos de um quarteirão e, no cruzamento, leva uma batida, de um carro que avançou no sinal fechado. Seus colegas, sentados na calçada em frente ao bar, correm para socorrê-la.

O impacto arremessou Paula sobre o console, espalhando moedas e rompendo um copo descartável de água mineral. Um estagiário, Adílio, vê quando ela pula desnorteada para o banco do passageiro. Seu vestido está fora do lugar, o que deixa a calcinha à mostra. A presença da alavanca do câmbio, com seu formato fálico, mais o vestido erguido de Paula, mais sua expressão de dor, leva Adílio a conceber uma fantasia ignóbil, caralho, mano, será que eu vi mesmo o que eu acho que vi?

Embora não ignorasse ter sido eleita a advogada mais gostosa do escritório, Paula tentava com sua postura sempre séria se livrar dessa fama. Raras vezes ia a happy hours, ocasiões em que só bebia água. Também contratou uma estagiária bonita, pretendendo com isso que aqueles empregados subalternos todos escolhessem outra musa. Aliás, quem teve essa ideia da contratação foi o marido de Paula, que sabia o quanto a aborrecia essa coisa de ser a advogada mais gostosa, etc.

A fantasia ignóbil do estagiário virou fato à medida que a história circulou, sim, ele viu, não é mentira, a bolota do câmbio estava enfiada no cu dela, uau!, a mulher tem que ser arrombadíssima pra assimilar a coisa assim, hem?, etc. Quando a história chegou em Paula, ela pensou em falar com um dos donos do escritório para que demitisse o estagiário.

Mas Paula acabou decidindo fazer outra coisa.

Foi ao estacionamento do escritório e saiu dirigindo o carro do estagiário, cuja chave estava no contato. Rodou uns quarenta minutos, trocando as marchas sem usar a embreagem, fazendo rascantes reduções, de terceira para segunda e de segunda para primeira. Ao voltar ao escritório, a caixa do câmbio estava seriamente danificada. Paula então desceu do carro e, vendo que o para-brisa estava coberto por uma fina camada de poeira, escreveu nele a palavra cu.

Daniel foi reprovado no teste para uma peça cujo diretor havia garantido que o papel era dele.

Além disso, seus cabelos andam caindo e as mulheres não têm retornado suas ligações. Daniel é desses caras altos e grandes de quem elas costumam gostar, mas mesmo assim no último mês ele levou três tocos em sequência.

Foi então que decidiu consultar uma médium.

Daniel sobe agora a Haddock Lobo, vira na Paulista e vai caminhando. Em seu bolso está um papel, venha me conhecer, me chamo Eutrópia e vou augurar seu futuro.

Chega ao endereço, na Rua Fernando de Albuquerque, e é atendido pela vidente.

O apartamento cheira a desinfetante de pinho e ao lado da cama há um equipamento que Daniel não tarda a reconhecer, trata-se de uma obsoleta máquina de ultrassom transvaginal.

Antes de se decidir pela carreira de ator Daniel estudou até o quarto ano de medicina. Ele pergunta, bem humorado, se ela vai tentar adivinhar seu futuro com aquilo. Eutrópia responde, sim, espera.

Ela se deita, introduz o transdutor no canal vaginal e o leva até o colo do útero. Daniel observa as imagens que aparecem no monitor, lembrando-se das aulas de semiologia médica na faculdade, semiologia, do grego *semeion*, sinal, e logos, discurso, ramo da patologia geral que estuda os sinais e os sintomas das doenças. Eutrópia diz, está vendo?, uma letra “x” ali? Daniel diz que sim, então ela diz que os caminhos espirituais de Daniel estão totalmente bloqueados e que para desbloqueá-los ele deverá seguir rigorosamente as instruções que ela vai dar, o misifio vai usar essa blusa aqui por sete dias, só vai tirar para tomar banho, o.k.?

Daniel sai do apartamento usando a blusa.

Na Paulista as pessoas leem o que está escrito na blusa de Daniel e olham espantadas para ele, pensando que talvez ele seja estrangeiro e que foi vítima de uma gozação, ei, coloca isso aqui, boceta quer dizer olá em português.

Vicente é atropelado.

O impacto, de força média, o faz pensar antes na vergonha de ser observado pelos transeuntes, caído, do que nas possíveis lesões que sofreu.

Ao se levantar, tensiona vários grupos musculares e vê que não está sentindo nenhuma dor significativa.

Afasta-se do carro. Vai andando e tentando se distrair: qual foi a última vez que... aponte um lápis?

Chega enfim ao prédio e anuncia-se ao porteiro.

Enquanto espera na calçada, Vicente vê se aproximar um sujeito usando uma camiseta em que está escrito alguma coisa no alfabeto cirílico. O sujeito dá a impressão de que irá entrar no prédio, mas segue adiante.

O portão é destrancado.

Vicente entra nas dependências do prédio e caminha até o elevador, sentindo que precisa expelir algo do nariz. São Paulo teve hoje o dia mais seco do ano, a umidade relativa do ar ficou abaixo de catorze por cento. Ao descer, no décimo oitavo andar, limpa o que tirou das fossas nasais na parte de baixo de um dos extintores de incêndio.

Toca a campainha e Witória abre a porta.

Ela está usando uma roupa transparente e, por ter acabado de chupar gelo, sua língua está com uma curiosa e excitante mistura de calor e frieza.

Vicente interrompe o beijo e diz, vou ao banheiro, tá?

No banheiro, vasculha um nécessaire de Witória, médica reumatologista, e encontra uma caixa de tramadol, um analgésico opioide. Se tomar isso sua pressão vai despencar e não vai ser possível manter o pênis ereto.

Witória vai para o quarto e tira a roupa.

Vicente caminha a seu encontro arrastando uma das pernas, fingindo que é um trejeito galante. Além da perna, começaram a doer seu pulso esquerdo, cabeça e tórax.

O sexo é executado.

Sentindo o prenúncio do orgasmo e começando a ter a hemorragia intracraniana que em menos de vinte minutos o matará, Vicente pensa, comi, o cu e a boceta, finalmente comi.

CASAL

Digo à minha mulher que vou ao clube treinar.

Eu faço esgrima ali na Rua Araújo, a desculpa do clube é perfeita, meu material fica lá e não tenho de explicar depois o fato de voltar para casa de banho tomado.

Antes leva o lixo, ela diz, sem tirar os olhos da TV.

Recolho os sacos na cozinha, saio ao hall, chamo o elevador de serviço. O elevador demora bastante e quando chega está lotado, preciso esperar que volte sem ninguém. Decido ir pela escada, desço os oito lances e enfim deposito o lixo na caçamba. Fumo um cigarro, depois chamo o elevador social e volto a meu apartamento.

Minha mulher não está mais na sala. Pego minha carteira, dou uma espiada e vejo que as quatro notas de cem estão mesmo ali, tenho toc com carteira, documentos, cartão de banco. Não vou levar o cartão, o que vou fazer só pode ser pago em dinheiro. Ando até a porta do quarto, dou uma batidinha e digo sem abri-la, amor, estou indo, tchau.

Ela não responde.

Tomo de novo o elevador e saio à rua. O flat da Kátia-19-anos fica a uns quatro quarteirões. Já estive nesse flat outras vezes.

Chego e me apresento na recepção. O porteiro interfone e diz meu nome, em seguida faz um gesto vago na direção dos elevadores, duzentos e três, segundo andar.

Subo. Toco a campainha.

Kátia abre a porta e nos cumprimentamos com um beijo no rosto. Surpreendentemente ela é mais bonita ao vivo do que nas fotos do site, embora tenha mais do que dezenove anos. Seu flat é bem arrumado e parece limpo.

Vamos para o quarto. Ela tira de um guarda-roupa uma toalha lacrada com plástico. Abro minha carteira, pego as quatro notas de cem e vejo que há uma coisa escrita no verso de uma delas. Olho as outras, também estão rabiscadas, é a letra da minha mulher, o que ela escreveu nas cédulas contém informações extremamente sigilosas a meu respeito. Não tenho como riscar por cima, ela fez uma letra grande que ocupou

quase que o verso inteiro das cédulas. Vou ter de incinerar esses quatrocentos reais.

Digo à Katia que estou com um problema, depois marcamos outro encontro, o.k.?,peço desculpas e ela me conduz à porta e me despeço dela e ela fecha a porta.

Saio à rua.

Voltar para casa agora é impraticável, preciso espairecer, fazer alguma coisa, ir ao cinema ou parar num bar, o problema é que estou sem dinheiro e não trouxe meu cartão, então permaneço ali, parado em frente ao flat, pensando que o homem que não tem dinheiro é o homem mais inútil que existe.

VISÃO

Meu pai pergunta, como ela é?, respondo, linda, parece aquelas mulheres do Guido Crepax.

Venham para cá, então.

Sáimos do bar e vamos para o prédio dele.

No elevador reparo que a garota é realmente bonita. É raro garota de programa realmente bonita, aliás, mulheres realmente bonitas são raras de qualquer forma.

Pego o troco do estacionamento e guardo na carteira. As notas agora têm tamanhos diferentes, vai ficar mais difícil para os cegos serem tapeados.

Entramos no apartamento e meu pai age com naturalidade, diz para ela se servir da bebida que quiser, pergunta se ela gosta de jazz, se não quer que troque a música, etc.

Conversamos um pouco e vamos para o quarto, os três, ele faz questão. No começo isso me incomodava, mas me habituei.

Sento-me em frente à cama, numa cadeira Barcelona Knoll, resto de seu extinto ateliê, e acendo um cigarro.

A garota coloca camisinha no meu pai. Sua ereção, inabalável, é artificial como o corante azul colocado no Viagra.

À visão do corpo da garota, belo e teso como o de uma égua puro-sangue, penso se não é um desperdício sempre trazer mulheres assim para ele.

Isso, porém, me faz sentir culpa, como se me percebesse tentado a dar troco a menos para um cego.

IMOBILIZAÇÃO

Fui psiquiatra forense por dezoito anos, eu determinava se as pessoas tinham consciência dos próprios atos quando cometeram seus crimes, então eu tive um infarto e decidi trabalhar menos, saí do judiciário, hoje só atendo no meu consultório, no máximo quatro clientes por dia.

Doutor, minha vida não tem mais sentido, outra noite eu sonhei com você, nós íamos nos casar, no sonho você era ainda mais parecido com o Tarcísio Meira do que já é, sim, eu sei que isso é apenas transferência, você pensa que eu sou burra?, tenho duas faculdades, sou formada em Economia e História, não sei como as coisas não deram certo comigo, tem dias que não tenho ânimo nem para sair da cama, quando meu filho morava em casa eu ainda me sentia um pouco melhor, agora ele está fazendo aquele curso de hotelaria em Lausanne, na Suíça, ele e aquele amigo, eles vão ficar lá até novembro, acho que quando voltarem vão morar juntos.

O trabalho de analista se assemelha a esses jogos de matar charada, indivíduo cuja libido é orientada para pessoas do mesmo sexo, nove letras, começa com pê, pederasta, os problemas das pessoas são sempre estarrecidamente óbvios, Szondi sabia disso, o distúrbio mental está gravado no rosto do paciente, num papo de dez minutos consigo determinar com 90% de acerto qual a encrenca fundamental de alguém.

Dona Marilena Shall We, seu filho é veado mesmo, essa história de hotelaria em Lausanne é fachada, em parte a culpa é da senhora, em parte não é, mas isso não é motivo para ninguém se sentir humilhado, acho que a senhora deveria se voltar para a religião, dada sua impressionabilidade com rituais e esquemas simbólicos, sugiro o catolicismo, além disso, saber que o espírito tem três inimigos fundamentais, o mundo, a carne e o demônio, vai equilibrá-la bastante, já que o fato de a senhora ser um bucho de cinquenta e nove anos sem qualquer chance no mercado sexual vai perder totalmente a razão de ser, intimamente eu coloco apelido em todos meus pacientes, essa caricaturização me ajuda a não perder o foco no curso do tratamento, é claro que não poderia dizer isso tudo para Marilena, aliás, Maria Cristina, uma vez eu disse a um paciente cujo casamento estava em crise que ele não tinha energia suficiente para lidar com mulher, caro Cornélio Chifrôncio, você só vai ter alguma chance de ser feliz no amor se escolher uma parceira com a pilha bem fraquinha,

essas deusas da lascívia aí que você tanto admira só vão te botar chifre mesmo, e nesse caso em particular sei do que estou falando, já que ando comendo sua mulher, ele veio me dar um soco e tive de imobilizá-lo, esse é um segredo de nossa profissão que poucos conhecem, todos nós somos treinados em alguma modalidade de defesa pessoal, Jung era forte como um touro e fazia valer sua capacidade física quando necessário, quem tem menos tônus muscular, como as mulheres, tem sempre um taser à mão, eu, para casos extremos, tenho uma pistola 7.65, que mantenho numa gaveta aqui do consultório.

Os pais, Romeu Francisco Lazarotti (*in memorian*), Emília Gonçalves Lazarotti (*in memorian*), Salatiel Szmonces Cohen (*in memorian*), Mirian Szmonces Cohen, convidam para a cerimônia de matrimônio de seus filhos, Maria Cristina e Daniel, a ser realizada no dia dezoito de maio de dois mil e catorze, no Buffet Torres, Avenida Horácio Láfer, 430, Itaim-Bibi, São Paulo, Maria Cristina Marilena Shall We acabou de me mostrar isso, disse que rodou quinhentos na gráfica, digo, e o que a senhora pretende que eu faça?, que eu me case com você?, que compactue com esse absurdo?, ela responde, eu sei, Daniel, eu sei que você não se casaria comigo, vocês, judeus, só casam entre si, vocês são de uma raça superior, não é mesmo?, a raça eleita, grande merda, vocês todos, Hitler estava certo em querer exterminá-los, digo, dona Maria Cristina, creio que não haja mais condições de eu continuar sendo seu terapeuta, vou encaminhá-la para um colega, ela diz, não vai, não, então puxa uma faca da bolsa e vem me atacar, desarmo-a com facilidade e a imobilizo, ela tem um princípio de crise histérica ao se ver envolvida por meus braços, esperneia, sou obrigado a prensá-la contra uma parede usando meu corpo todo, a adrenalina me provoca uma ereção, Maria Cristina percebe e então se dissolve num orgasmo que, pela intensidade, devia estar represado há pelo menos três décadas.

CARTAS ANÔNIMAS

É a segunda carta anônima que recebo. O envelope é o mesmo da primeira, borda verde e amarela com um retângulo azul no canto esquerdo que diz, *par avion*. Dentro, de novo apenas uma nota de um real. Abro a gaveta da escrivaninha e pego a carta anterior. Comparo as cédulas e tento estabelecer alguma relação entre ambas. Olho os envelopes, o carimbo é da mesma agência dos correios, embora as postagens tenham acontecido com a diferença de uma semana. Ponho as cartas na gaveta, levanto-me e vou à janela.

Está um sol de arrebentar os tímpanos, como Elenice falava. Elenice foi a única mulher bonita que conheci que tinha senso de humor. Isso, ser engraçada, é uma estratégia mais comum para mulheres feias e enxundiosas que têm intenção de agradar. Sinto falta de Elenice, uma mulher sem tolice ou cafonice. (Tenho compulsão por rimas, o sério Eleutério curou o climatério com terra de cemitério, etc.) Afasto-me da janela e vou ao quarto trocar de roupa, pois tenho um trabalho para fazer.

A hermenêutica ou a interpretação desse tipo de carta anônima que venho recebendo tem uma regra fundamental, que é não se deixar cair na armadilha da lógica (porque uma hipótese é lógica necessariamente é verdadeira, etc.). As hipóteses são sempre infinitas e nada é mais debilitante do que a paranoia para profissionais como eu, do setor de inteligência. As duas cartas até agora querem dizer apenas que alguém sabe onde eu moro e por algum motivo decidiu me pôr a par disso.

Pego o carro e sigo pela Raposo Tavares. Percorro cinquenta quilômetros até o posto onde o caminhão que vou monitorar deve parar para abastecer. Segundo o informante, sua carga é de extintores de incêndio, em alguns dos quais os traficantes esconderam pasta base de cocaína. Entro no restaurante, me sento a uma mesa e peço café. Vejo que na parede oposta há um painel com fotografias e vou até lá ver: uma dupla sertaneja abraçada a um sujeito que deve ser o dono do posto; um artista da TV de cujo nome não me recordo; uma capa de disco autografada. (Às vezes imagino a situação: fulano pede autógrafo para sicrano; sicrano rabisca o papel e o devolve ao fulano, que então rasga o autógrafo na cara do sicrano.) Volto à mesa e o garçom chega com o café. Espero cinquenta minutos e passo uma mensagem para o meu superior, dizendo que o caminhão ainda não apareceu. Imediatamente ele responde que devo voltar a São Paulo e aguardar novas instruções.

Penso em ocupar o resto da tarde indo até a cidade de Minas onde meus avós maternos moravam, eu soube que na casa que era deles e onde passei quase todas minhas férias de infância funciona hoje um bordel. Tenho certa fixação com lugares que frequentei na infância e adolescência. Por exemplo, apesar de morar em Vila Clementino eu voto na Mooca, escolhi essa zona eleitoral só para poder entrar no colégio onde fiz o que na minha época era chamado de primário.

Dirijo duas horas até a cidade mineira, que ainda consigo reconhecer. Paro o carro em frente à casa, toco a campainha, uma mulher albina cujo apelido é Sivuca atende e me conduz à sala (que eu acho decepcionantemente pequena, lembrava-me dela como um espaço gigante, inabarcável). Na sala cinco ou seis mulheres estão sentadas, então converso com a dona do estabelecimento, sem dizer que ali foi a casa de meus avós. Vou para o quarto com uma mulher mais para madura que se chama Bárbara. Quando estou na cama e a observo tirando a roupa percebo que a escolhi porque ela é parecida com Elenice (beleza, senso de humor, etc.).

A maior burrada que eu fiz foi romper com Elenice, beleza somada a senso de humor, uma rara combinação. Eu achei que estava cansado de suas brincadeiras, que precisava de uma namorada séria, etc. Rompemos, então arranjei uma namorada sisuda e em pouco tempo estava enjoado de sisudez. Escrevi algumas vezes para Elenice, mas ela não respondeu. Eu supus que ela não fosse ficar tão magoada, mas pelo jeito ficou, é isso, bem-feito pra mim (bem-feito, beija a bunda do prefeito, vai você que tem mais jeito, essa rima não é minha, quando eu era moleque se alguém dissesse bem-feito ouvia como resposta beija a bunda do prefeito, e então dizia de volta, vai você que tem mais jeito).

Chego de volta a São Paulo já de noite, tomo banho e me deito no sofá da sala. Ligo a TV e tento me distrair, mas estou pensando com certa apreensão nas cartas. O que será que quer dizer uma, aliás duas, duas cartas com uma nota de um real dentro? A nota de um está fora de circulação há uns quinze anos. Será que alguém quer me colocar fora de circulação? Repasso os casos em que trabalhei de seis meses para cá. Os criminosos de hoje não costumam ser sutis ou alegóricos, suas ameaças são diretas, vou estuprar sua mulher na sua frente, seu corno filho da puta, vou arrancar os olhos da sua filha e fazer você comer, etc. Nota de um real.

A campainha toca e meu corpo tem uma reação que me faz murmurar, músculo cardíaco. Levanto-me, abro uma gaveta e pego minha pistola, uma Jericho nove milímetros, israelense. Vou até a porta, olho no visor, é uma mulher que não reconheço, penso que podia ser a Elenice, voltando, perdendo, se reconciliando comigo. (A rima mais banal é aquela que usa verbos no tempo infinitivo, amar, sonhar, etc., mas a rima de gerúndios é tão horrorosa quanto.) Abro a porta com a devida precaução, então reconheço a mulher, é a síndica, Luciene. Síndicas em geral são mulheres feias, velhas, amarguradas, mas Luciene é jovem e atraente. O que pode levar uma garota dessas a querer exercer uma função tão rançosa quanto a de síndico de prédio? Ela pede desculpa pelo horário e me avisa que haverá amanhã uma reunião para ser discutida a instalação de uma antena de celular no terraço, o que diminuirá o valor do condomínio, que é importante que eu vá, que as últimas reuniões têm tido baixa adesão (como uma síndica gostosa dessas?, cadê os homens do edifício?, penso). Digo que provavelmente irei, sim, Luciene agradece e fecho a porta.

O que me levou a ser policial? O princípio da realidade? (Realidade, real, o nome da moeda brasileira, real, um real.) Me formei em psicologia, aluguei uma sala e durante os quase dois anos em que tentei trabalhar como profissional liberal consegui apenas seis pacientes, pra você dar certo como analista você precisa ser judeu de Higienópolis, não um viralata filho de pai judeu e mãe mineira como eu, estudei um ano no I. L. Peretz, mas era chamado o tempo todo de *goy* e cheguei a levar uma surra de uns moleques que queriam ser o Menachem Begin quando crescessem para explodir o King David Hotel e expulsar os ingleses de Jerusalém. (Bando de terroristas sionistas, como disse aquela atriz na entrega do Oscar.)

A reunião de condôminos tem mesmo baixíssima adesão, estão só eu, a dona Célia, que mora no 71, além da Luciene. Devido a essa escassez de moradores nada poderá ser decidido acerca da antena de celular, então a reunião é cancelada, dona Célia do 71 se levanta e a acompanho até o elevador, obrigada, meu filho, você é um anjo. Luciene diz que quer me mostrar uma planilha que está em seu computador e vou com ela até seu apartamento. Ela diz para eu me sentar no sofá, pergunta se quero beber algo e volta do quarto trazendo o computador. Luciene se senta a meu lado no sofá e roça bastante o cotovelo em meu braço enquanto me explica que valores são aqueles lançados na planilha. Há um momento em

que a excitação criada por aquela proximidade e por aquele atrito eventual do cotovelo explode, então beijo Luciene e me deito sobre ela e inalo profundamente a parte lateral de seu pescoço, logo abaixo da orelha, Luciene se levanta e me puxa pela mão, venha, chegamos à área de serviço, então ela tira a blusa e abaixa o sutiã e se debruça sobre o tanque de lavar roupas, indicando que eu a agarre por trás. Abaixo as calças dela, depois as minhas e entro em Luciene, que abre a torneira do tanque, deixando a água vir com toda a pressão, eu gosto de sentir esses respingos nos meus seios e no meu rosto, ela diz, de modo gemido e entrecortado.

Passo quatro dias fora de São Paulo, às voltas com o caso dos extintores de incêndio que supostamente escondiam pasta base de cocaína. Mas a informação do xis-nove era improcedente, todos os mil e quinhentos extintores carregados no caminhão foram testados e estavam limpos, em noventa por cento das vezes a polícia trabalha assim, quase às cegas ou baseando-se em pistas falsas, informação, contrainformação, desinformação, nosso trabalho às vezes parece teatro do absurdo ou filme daquele diretor americano de filmes esquisitos, o David Lynch.

Voltando para casa havia mais uma carta anônima à minha espera, dentro da qual havia a fatídica nota de um real, só que dessa vez estava escrito no verso, dia nove, no baile de máscaras do Charles Edward Bar, não será difícil me reconhecer. A mensagem estava escrita à máquina. Então me lembrei do caso de um delegado que acabou sendo afastado a partir de um trabalho nosso, o sujeito trabalhava numa delegacia tão precária, com computadores tão velhos que uma hora foi necessário voltar a usar as máquinas de escrever que estavam largadas há anos no almoxarifado. (O xerife e o almoxarife patife que dorme no esquite.) O que esse cara podia estar querendo comigo? (Se é que era ele, máquina de escrever, etc.) Que capricho era esse agora?, cartas anônimas, decifra-me ou te devoro, baile de máscaras, etc.

Meu telefone faz barulho de mensagem, olho no visor e vejo, Luciene (Síndica), respiro fundo e penso, bem-feito, quem manda comer vizinha, agora você vai ter uma estálquer grudada na sua porta, etc., então leio sua mensagem, olá, Roberto, tudo bem? Minha mensagem será curta e espero que você a compreenda. Por razões que não tenho por que expor a você não poderei mais ter contigo o tipo de contato (sexual) que tivemos em meu apartamento. Você é um homem muito interessante, inteligente e educado, creio que em outro contexto poderíamos nos relacionar, mas

isso (ou mesmo relações sexuais casuais) para mim nesse momento está fora de cogitação. Não acho necessário fazer esse pedido, de que você seja discreto acerca do ocorrido, mas de qualquer maneira o faço. Obrigada (e desculpe se frustrei alguma expectativa sua). Ler essa mensagem da Luciene Síndica não sei por que me dá vontade de escrever mais uma vez para Elenice (bela e engraçada), o que faço, mesmo sabendo que ela não vai responder.

Penso em que máscara usarei para ir encontrar meu correspondente anônimo no baile. Pesquiso uns sites e vejo um que diz, máscaras sob medida, fazemos do personagem que você quiser, inclusive de você mesmo! Ao lado a foto de um sujeito e a máscara feita a partir de suas próprias feições, um trabalho de fato notável, ficou parecendo uma boa caricatura. Ligo para a loja e marco um horário para fazer as fotos do meu rosto e a modelagem do crânio. A máscara fica pronta em menos de uma semana.

Chego cedo ao Charles Edward Bar, subo ao mezanino e fico sentado numa poltrona, pensando no quanto a curiosidade é propulsora das ações humanas. (Quem será o autor das cartas, afinal de contas?) A casa ainda está vazia, um sujeito com uma máscara do Bob Esponja passa por mim com jeito de quem está procurando o banheiro (dentuço aloprado vira personagem de desenho desanimado). Uma bartender com uma caneta e um bloco pergunta se quero beber algo, digo que quero um Jack Daniel's sem gelo.

Desço e vou à varanda que dá para a Rua Miriti, onde as pessoas saem para fumar. Vejo que os seguranças têm detectores de metal, portanto é improvável que seja lá quem for que eu vá encontrar aqui consiga entrar portando arma. Uma loira alta segurando uma taça acende um cigarro e fica fumando num canto, como se estivesse escondida. Um gordinho que usa a camisa por dentro das calças sai e a procura, ah, achei você, ho, ho. Volto para dentro, subo, mas a poltrona em que estava foi ocupada. Desço e fico encostado no balcão, observando um candelabro com velas derretidas. Em meia hora o lugar enche bastante, mas não há muitas pessoas usando máscaras, o que me decepciona um pouco, acho interessante esse negócio de rostos incógnitos.

Saio de novo à varanda e experimento ficar com a máscara por uns dez minutos. Será fácil me reconhecer. Nenhum rosto ou máscara que vi até agora me lembrou qualquer coisa conhecida. Pode ser que o autor das

cartas tenha blefado e não irá se identificar para prorrogar sabe-se lá por quanto tempo esse jogo de gato e rato. Uma mulher chata (embora com peitos muito atraentes) puxa conversa perguntando onde fiz essa máscara do meu próprio rosto, impressionante, ficou igualzinho, quer dizer, você é bem mais bonito que a máscara, rá-rá, então ela fala de um lugar que faz uns bonequinhos de resina baseados em nosso corpo e feições, é sério, eles tiram umas quatrocentas fotos nossas, de tudo que é ângulo, o resultado geralmente é estupendo, minha cunhada fez dos quatro filhos, então imagino uma perua idiota mostrando para todo mundo os bonequinhos dos filhos. Uma amiga da chata dos peitos bons aparece e se senta ao lado dela e acende um cigarro e faço um gesto apontando para meu nariz e laringe que pode ser entendido como tenho rinite alérgica, vou até ali enquanto ela fuma, então me levanto e vou até o parapeito e fico ali, forçando meu olhar para frente para desestimular qualquer aproximação, mas vejo de canto de olho um vulto se aproximando e penso, que droga, a mulher não percebe que não estou a fim?, o vulto se encosta no parapeito e o ouço dizer, está uma lua de arrebentar os tímpanos, não está? Viro-me na direção da voz e vejo uma mulher usando uma máscara com aquele rosto que estampa as cédulas de um real, um rosto feminino com feições helênicas, sim, uma vez eu disse a Elenice que o rosto dela parecia uma efígie. Elenice, bela e cômica, tira a máscara, me sorri e pergunta, gostou da surpresa? Respondo que sim, muito. Ela diz, eu vou lá dentro pegar uma bebida, você me espera? Digo que sim, lógico que sim. Ela diz, não vá embora, tá? Respondo, fica tranquila, é claro que não vou.

PASSAR A MÃO

Desabotoei as calças e disse, prepare-se, você verá algo que nunca viu antes.

Ela, que tinha uma equação tatuada na perna esquerda, não conseguiu disfarçar o choque.

Nossa. Posso passar a mão?, ela perguntou.

Claro.

Deitei-me de lado e a penetrei, tendo antes tomado a providência para evitar machucá-la.

Que números são esses tatuados na sua coxa?, perguntei, acendendo um cigarro.

É uma equação.

Equação.

Equação econométrica, modelo autorregressivo integrado de média móvel.

Uau.

Eu sou formada em matemática.

Sério?

Sério.

Quer dizer então que você é uma mulher calculista?

?

Ué, quem lida com veículos movidos a motor é motorista, quem lida com cálculos é calculista.

O.k., eu sou calculista, ela respondeu, rindo. E você, o que é?

Adivinha.

Não faço a mais remota ideia.

Eu escrevo versos.

Mesmo?

Mesmo.

E você banca esse apartamento assim?

Assim escrevendo, você quer dizer?

É.

Banco.

Que bacana. Declame um verso seu, então.

Hum, deixa eu ver... O saci-pererê, não faz xixi de pé, já que lhe falta um, se senta e se sacia, como se fosse uma, sacia-pererê.

Olha só.

Gostou?

Gostei. É autobiográfico?

Claro. Todo escritor, por mais que negue, é sempre autobiográfico.

Interessante. Quer dizer então que você não faz xixi de pé?

Eu? Eu faço xixi de pé, sim. Sempre.

Penetrei-a mais uma vez e ejaculei sobre sua coxa, esperma, teta, sigma, números.

Senhorita econometria, vou te fazer uma pergunta: quanto você acha que eu valho?

?

É. Você não consegue calcular isso? Eu não pareço ser um homem, pelo menos em parte, mensurável?

Hum, deixa eu ver... eu diria que você... hum... eu diria que você vale quinze, vinte mil reais.

Errou. Sabe quanto eu valho?

Não. Me diga, quanto você vale?

Eu valho, quer dizer, minha parte mensurável, com essa alta do dólar, vale trinta mil reais.

Uau. Que partidão você é, hem? Estou até cogitando largar tudo e fugir com você.

Comigo ou com minha parte mensurável?

Com você, seu bobinho.

Adormeci com Monique acariciando meu pênis após a terceira ejaculação (dessa vez, em seu rosto), pensando na frase Ronald Sukenick é um pornógrafo muito inteligente. Acordei de um sono vergado de sonhos dos quais não consegui imediatamente me lembrar, chamei Monique, chamei-a quatro vezes, notei então que ela havia fugido com minha perna, uma prótese de titânio de dez mil dólares, saci saciado, nossa!, posso passar a mão?, permaneci na cama, pensando em como iria me levantar, em como iria me locomover até a porta e depois até o corredor e depois até a sala.

MEDIÇÕES

Estou na sala de um dos meus vinte e seis apartamentos. Ao todo tenho quarenta e quatro imóveis. (Apartamento, sistema de espaços retangulares apartados do relento. Apartar, separar, etc.) A prancha Rip Curl fabricada em 1985 que arrematei num leilão está encostada no sofá. (Coleciono pranchas de surf antigas.) Em frente ao sofá tem uma mesa baixa sobre a qual estão um binóculo e uma régua.

Faz sol.

Desço pelo elevador observando um risco recém-feito no painel de botões, ando até a garagem e subo na bicicleta. Saio à rua e pedalo por sete quadras. Hoje o mar aqui de Santos está escuro, verde-petróleo, não sei como tem gente que tem coragem de entrar. A fila de navios para atracar nas docas fica maior a cada dia que passa.

Chego ao mercado e fatalmente me lembro de outras coisas de que necessito: café, papel higiênico, etc. Num dos corredores vejo uma mulher que lê a tampa de um extrato de tomate. Tenho a tentação de me apresentar, olá, prazer em conhecê-la, meu nome é Vinícius.

Eu confio em meu hálito, voz, dentição, altura, tonicidade muscular, o que digo para abordar mulheres nunca fez a menor diferença.

Já meu barbeiro, por exemplo, que é obeso e tem dentes ruins, não pode se dar a esse luxo. Sempre peço para ele me contar a história dos dois aleijados de Itu que dividiam uma perna mecânica e que tiravam no par ou ímpar para ver quem ia usá-la quando havia um baile.

Adoro essa história. Até já experimentei seduzir uma fulana dizendo, abre aspas, sabia que fulano dançou rock and roll com a perna mecânica de sicrano?, fecha aspas.

Ha, ha.

Contudo, me sinto inibido de me apresentar à mulher que lê a tampa do molho de tomate. Venho me sentindo assim desde que aquela vlogueira gostosinha, Maria de Fátima, me disse aquelas coisas, publicou na internet, etc.

Volto para casa e guardo as compras. Daqui a pouco o interfone vai tocar, será o porteiro avisando, é Débora, eu direi, o.k., pode mandar subir.

Débora me disse no último e-mail, não se preocupe, resolverei seu problema de forma cabal. Entrei em contato com ela através de um anúncio, Débora, terapeuta holística, fobias e traumas. Depois que expus detalhadamente meu caso ela pediu que eu comprasse uma régua e um pacote de sal grosso, para serem usados na sessão.

O interfone toca e a recebo com a porta já aberta. Descubro que Débora é uma mulher senescente, o que me deixa em parte aliviado. Depois da troca de fórmulas de cortesia vamos ao sofá e ela diz, *data venia*, agora mostre-me a régua. Estendo a mão à mesa de centro. Ela pergunta, fez a medição como eu mandei? Respondo que sim. Débora então tira da bolsa uma fita adesiva preta e faz uma marca na altura que eu aponto, dezessete centímetros. Ela ergue a régua acima da cabeça e murmura de olhos fechados palavras que não compreendo, finalizando com um *consummatum est*, agora você vai fixar o *obiectum* na parede e deve mantê-lo assim, exposto, por vinte e um dias.

Débora vai embora e imediatamente removo um quadro, pendurando a régua em seu lugar. O quadro é um autorretrato de uma ex, no qual ela aparece nua e no qual, apesar da grande fidedignidade com que retratou o próprio rosto, o corpo ela decidiu fazer mais longilíneo.

Afasto-me da parede.

Não sei se estou muito sugestionado, mas a régua com a marca nos dezessete centímetros está me parecendo, ali, exposta, um objeto obsceno e, sobretudo, desmedido. Penso no pacote de sal que Débora, terapeuta holística, também pediu para eu comprar. Será que ela esqueceu? Ou foi de propósito, tipo, ela fez uma coisa aparentemente sem sentido para eu meditar a respeito? Sal grosso, pau grosso, sim, seu pau é grosso, Vinícius, além de grande, dezessete centímetros.

Terapeutas holísticas, Marias-de-Fátima vlogueiras feministas que fazem vídeos chamados Vinícius e sua pequenez, você sabe por que saco de japonês se chama Vinícius?, porque Vinícius vive com o Toquinho, sim-sim, eu preciso tomar jeito e me casar com uma garota ajuizada, parar com essa coisa de querer enfiar a pica em qualquer beldadezinha com quem eu cruze por aí, as mulheres andam muito perigosas, era meu pai que dizia, tome jeito, Vinícius, outra coisa que ele dizia era, é por isso que o Brasil não vai pra frente. Às vezes tenho uma tremenda saudade do meu pai.

Pego o binóculo e vou à janela. Focalizo a rua, ansioso, como se esse velho instrumento óptico pudesse me confirmar a existência de fantasmas, ou melhor, desse fantasma específico que acabou de sair do meu apartamento. Mas tudo o que vejo é Santos e seus habitantes, seus pecadores, seu tráfego marítimo, sua luminescência, seu mundanismo, mundo em toda extensão visível, altura, largura, profundidade.

RENATA VAI AO APARTAMENTO DE FABIANO

Fabiano tem 651 metros quadrados.

Renata, que tem 57 metros quadrados, é jornalista e é casada com um rapaz que escreve livros. É a primeira vez que Renata vai ao apartamento de Fabiano.

O apartamento tem poucos móveis. O único objeto na sala onde agora estão é uma caixa acústica Bang & Olufsen, cujo design é uma mistura de antena parabólica com poltrona de pé palito. A música que está tocando é o Trio para cordas, opus 45, de Arnold Schoenberg, gravação do Juilliard Quartet, 1993.

Espaços imensos deixam certas pessoas sobre-expostas. Se fosse obrigada a dormir ali, Renata, 57 metros quadrados divididos com o marido, procuraria um armário onde se abrigar.

Quer dizer que esse é o lugar onde as pessoas são incapazes de mentir, Renata diz, rindo, tentando disfarçar um princípio de pânico.

Fabiano responde que sim.

Renata pergunta a Fabiano se ele tem complexo de Deus, aquele diante do qual é impossível esconder qualquer coisa. A pergunta ilumina a intenção de Fabiano, embora não a explique por completo. Ele tira uma embalagem cilíndrica do bolso, onde há um charuto Romeo y Julieta.

Como é que eu começo?, Renata pergunta.

Como você quiser.

Posso andar enquanto eu falo?

Pode, claro.

O.k. Bom, eu estou aqui, antes de mais nada, porque odeio meu marido. Não é patético?, uma coisa tão ínfima quanto o enfado conjugal ter se tornado o centro de minhas inquietações?

Hum.

Pois é. De certa forma eu virei uma dessas mulherzinhas que reclamam do marido. Que se metem em discussões de relação. Que eventualmente têm casos extraconjugais e que defendem o aborto no

Facebook. (Pausa.) Ele acha que eu enjoei dele porque ele não é ambicioso. E não é nada, nada disso.

Fabiano acende o charuto.

O problema, o problema fundamental, é que eu não me tornei a mulher que eu pretendia ser. Nunca achei o que eu procurava. Nem nele, nesse cara com quem me casei, nem em coisa alguma. Entende isso?

Claro.

Renata para de andar e fica na ponta dos pés. Estende o tronco e depois os braços, como se estivesse se espreguiçando, se rendendo ou apenas exibindo sua notável compleição. Fica assim por um, dois, três, quatro, cinco, então se devolve a uma atitude corporal não tensionada.

Sabe... outro dia me veio à cabeça uma lembrança. Ainda estou meditando a respeito, mas acho que ela é uma chave para um monte de questões minhas. Foi numas férias de julho, em 96. Eu estava com minha mãe, meus irmãos e uns primos na nossa casa de praia, na Barra do Una. Fazia pouco mais de um ano que meu pai tinha morrido. Aliás, acho que essa foi a primeira vez que fomos para a praia sem ele. Os dias estavam bem frios, mas limpos, sem nuvens. Meu irmão mais velho ainda não tinha idade para dirigir, mas minha mãe emprestava o carro para ele. À noite sempre passeávamos, ouvindo umas fitas de jazz ou daquelas bandas grunges dos anos noventa. Aí teve uma noite que a gente estava jogando baralho e meu irmão disse que conhecia um método de adivinhar o futuro lendo as cartas. Só estávamos nós, os jovens, minha mãe tinha ido dormir. E a gente ficou lá, fazendo perguntas pra ele, meio levando a coisa na palhaçada, meio levando a sério. Lembro bem da toalha verde, de feltro, que cobria a mesa, um cinzeiro, o lustre baixo. Nós todos fumando, sem a preocupação de que um adulto fosse dar bronca. Minha mãe tomava os remédios dela, ficava fora do ar até de manhã.

Hum.

Eu não sei se eu conscientizei isso na hora, provavelmente não, mas tenho certeza de que aquele foi o momento inicial, o primeiro vislumbre de um pensamento que depois me perturbou muito.

Qual?

Eu percebi que aquela sensação de liberdade, prazer e aconchego que eu estava sentindo por fumar cigarros numa noite de inverno tinha muito a ver com o fato de meu pai estar morto. Claro, quando pensei nisso

nesses termos, com suficiente clareza, eu me achei monstruosa. Eu amava meu pai, como podia pensar uma coisa dessas? Como eu podia sentir uma espécie de euforia com o fato de ele ter morrido?

Hum-hum.

Então essa sensação de liberdade e euforia deu lugar à angústia. Percebi como uma pessoa morta pode ter sua presença potencializada pela ausência. Por paradoxal que isso possa parecer, fiquei convencida de que você pode fazer coisas escondidas de um pai vivo, não de um pai morto.

Fabiano solta um riso curto, nasal, de assentimento.

Essa sensação tinha épocas que recuava um pouco, depois voltava. Aliás, um adendo: eu nunca contei essa história para o meu marido.

Por quê?

Não sei. Talvez porque tem coisas que simplesmente não contamos para certas pessoas. Talvez porque a simples presença de certas pessoas obstrua, obscureça partes significativas de nós. Pode ser que, mesmo que eu tivesse a intenção de contar, na presença dele esses pensamentos todos me escapariam, num lapso.

Entendo.

Então. Como eu estava dizendo, esses pensamentos obsessivos com a presença, ou melhor, com a onipresença do meu pai, iam e voltavam. Quando eu tinha dezoito anos, no primeiro ano da faculdade, comecei a namorar um sujeito. Depois de um tempo ele passou a dormir em casa. Ele dormia num quarto de hóspedes, escritório, depósito de tranqueiras. Nós transávamos lá, quando minha mãe e meus irmãos não estavam, ou estavam dormindo. Ridícula essa palavra, transar. Mas era exatamente isso que eu fazia com aquele rapazinho, transar, um desses rapazinhos de primeiro ano de faculdade que vivem dizendo mó, mó legal, mó estranho, mó não sei o quê. Um dia ele perguntou quem era aquele homem no quadro pendurado na parede. Eu disse que era meu pai.

Hum.

Minha mãe tinha encomendado um retrato do meu pai para um pintor. Aliás, esse era o segundo quadro, o primeiro tinha ficado tão ruim que minha mãe jogou o quadro no lixo. Nesse aí que foi o primeiro o

artista quis dar uma de Vincent Van Gogh e meu pai acabou ficando com cara de demônio.

Fabiano ri.

Aí o rapazinho disse, pô, mó estranho a gente aqui com esse quadro, parece que ele está vigiando a gente. Eu sei que a partir daí eu entrei numa queda de braço com aquele símbolo da onipresença paterna. Eu sempre transava olhando para o quadro, desafiadora, como se dissesse, você não vai me inibir.

Renata para, os braços cruzados atrás da nuca, o peso do corpo apoiado na perna esquerda. Ela parece olhar para o chão como se tentasse descobrir um modo de medir algo que talvez seja imensurável.

É, acho que é isso, Renata diz.

Hum-hum.

E aí?

E aí o quê?

Sei lá. Você acha que eu ainda tenho alguma chance de me tornar a mulher que eu sempre desejei ser?

Acho que não.

Hum. E você, será que você é o homem que eu procurei minha vida toda e nunca encontrei?

Não.

Não?

Não, não sou.

Renata desvia o olhar para uma das amplas e muitas e variadas janelas do apartamento e depois olha para o chão. Fabiano transfere o Romeo y Julieta da mão esquerda para a direita. Renata então levanta os olhos para Fabiano e diz, fazendo o primeiro movimento de uma sequência de movimentos que culminará com sua nudez, a sinceridade é voluptuosa, não?

Fabiano diz, sim, é.

CONSCIÊNCIA

Otávia puxa-o num gesto brusco, avança a boca na direção da dele e ocorre o choque, o que lasca um dente frontal de Ênio. Ele passa a língua, sente a aspereza e a pontiaguidade e tem a impressão de que um imenso espaço vazio foi deixado ali. Olha-se num espelho e decide ir a um pronto-socorro dentário antes de voltar para casa. Poderia dizer à mulher que quebrou o dente jogando squash, a besta do Vítor me acertou uma raquetada. Porém, Ênio sempre se purga dos resíduos de suas amantes, toma banho com água fervendo, faz exames de sangue, joga fora os presentes que recebe. Reingressar em sua vida real com um dente partido por uma delas é algo que o faria se sentir corrompido e desintegrado.

Busca num aplicativo uma clínica e dirige até lá. Um painel luminoso diz, dentistas dia e noite, Ênio estaciona, toca o interfone e a porta é destravada. Um sujeito de branco está na recepção jogando paciência. A sala cheira a cigarro recente, esse treco vicia, não?, o sujeito diz, apontando para a tela do computador e soltando pelo nariz um riso curto. Jogos, mulheres, tabaco, Ênio pensa. Seu endocrinologista, o doutor Albernaz, é fumante. Embora Ênio não fume ele admira os tabagistas, sobretudo quando médicos. Vícios tornam as pessoas mais indulgentes e humanas.

Barbaridade, tchêguevara, como foi que tu fez isso?, o dentista pergunta ao examiná-lo. Ênio diz, minha namorada veio me beijar, ela estava, hum, entusiasmada, entusiasmo uns tons acima, sabe como é? O dentista observa o dente mais um pouco e diz, bom, eu vou fazer uma restauração provisória aí, pela maneira como ocorreu o abalo depois tu vai ter que fazer uma coroa. Ênio nota que suas mãos, mesmo com as luvas de borracha, cheiram a cinzeiro. Ele aplica uma injeção e Ênio sente o torpor se espalhar na gengiva, primeiro como um formigamento, depois como uma espécie de inchaço.

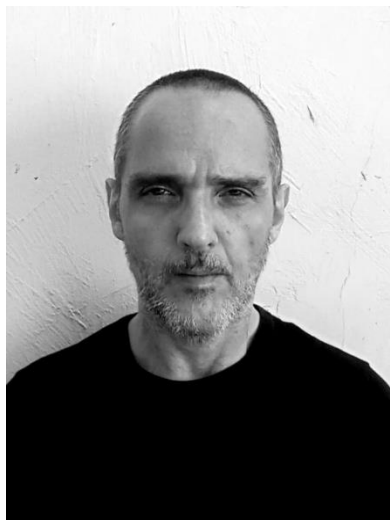
Conversam coisas triviais, até que Ênio pergunta se ele já atendeu algum caso parecido com esse. O dentista diz, descerrando um sorriso ocultado pela máscara, ah, uma vez chegou aqui um paciente, um senhor já meio de idade, ele usava prótese, dentadura, cremalheira, perereca, sabia que há no Brasil mais de setenta sinônimos para prótese dentária?,então, esse senhor chegou aqui e disse que queria fazer uma dentadura nova, eu perguntei se a que ele usava estava com algum problema, ele disse que não, aí ele explicou que queria ter duas, que a

prenda dele, tu sabe o que é prenda?, é um termo lá do sul, quer dizer a senhora, a mulher dele, então, ele disse que a mulher dele percebeu que quando ele, hum, a chupava, que o que a fazia gozar mesmo era a estimulação clitoriana, o atrito do clitóris com a superfície rígida e saliente da dentadura. Para resumir o caso, a mulher passou a se masturbar com a dentadura do velho e pediu para ter uma só para ela, para quando ele não estivesse em casa.

A cada semáforo em que para Ênio sorri para o retrovisor, tentando perceber alguma diferença entre os dentes frontais. Convence-se de que o serviço provisório foi bem feito. Já perto de casa percebe que está dominado por um pensamento voluptuoso e decide voltar ao consultório. Estaciona, toca o interfone várias vezes, mas a porta não é destravada. O gaúcho deve estar atendendo, pensa, decepcionado e aflito. Pensa um pouco, entra no carro e dirige até o único cemitério que conhece que não tem arame farpado. Tira o macaco do porta-malas, pula o muro e vai até os túmulos de parede. Toda pessoa com mais de setenta anos de cinquenta anos atrás usava dentadura, pensa, enquanto vê as datas gravadas nas placas de cimento. Escolhe uma, 1891, 1966, encaixa o macaco e o gira até a placa estourar. Ilumina o espaço com o telefone, localiza o crânio e desencaixa a dentadura postiça dele.

Para numa lanchonete, vai ao banheiro e lava a dentadura, primeiro com sabão, depois com álcool gel. Repete a operação três vezes. Sai, pega o carro e desce a Rua Augusta. Aborda uma mulher, que parece um pouco surpresa de que um homem tão bonito e com um carro daqueles esteja pegando uma prostituta de rua. Já Ênio está experimentando algo que não lhe ocorria há muito tempo, e que ele nem tinha mais esperança de que um dia fosse lhe ocorrer, que é a sensação de estar no limiar de um mundo inexplorado. A consciência que ele tem disso tudo, agora, nesse exato instante, é aguda e iluminadora.

SOBRE O AUTOR



Eduardo Haak nasceu em São Paulo, em 1971. É autor de *Tem uma coisa sobre mim que acho justo você saber* (2011), *Adulteração* (2017), *Apartamentos* (2018), *Memorando* (2020) e *Extensões* (2021).

[Blog do autor](#)